

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FONOAUDIOLOGIA E FISIOTERAPIA

**A ATUAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO COM OS USOS PROFISSIONAIS DA ESCRITA: UM
CAMPO EM "CONSTRUÇÃO" DENTRO DA FONOAUDIOLOGIA**

Renata Barbosa Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para a
obtenção do título de bacharel em
Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, sob a orientação da
professora Cristiane C. Mori-de Angelis.

São Paulo

2008

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora professora Cristiane Mori-de Angelis, por ter me ajudado e incentivado em todas as etapas deste trabalho e, principalmente, pela sua dedicação em fazer com que seus alunos se apaixonem por esta profissão.

Aos meus pais por terem sempre me apoiado, agradeço por todo o amor e paciência. À minha irmã por toda a paciência, as sugestões e pela disposição em me ajudar neste trabalho.

Ao meu namorado pela compreensão e por ter me apoiado, sempre acreditando em mim.

Às colegas de graduação que fizeram parte de momentos tão importantes da minha vida, e são sem dúvida, amigas sinceras. Agradeço àquelas que me ajudaram neste trabalho.

Aos profissionais que participaram desta pesquisa, agradeço pela contribuição.

Agradeço à Prof^a Lucila Pastorello por aceitar o convite de ser a parecerista deste trabalho e pelas suas sugestões no exame de qualificação, que ajudaram a enriquecer esta pesquisa.

Agradeço a todos que participaram deste processo pelo incentivo e pela ajuda em todas as etapas para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O uso da linguagem escrita é uma importante ferramenta de trabalho entre muitos profissionais. O fonoaudiólogo é o profissional capacitado para o trabalho com a linguagem escrita, mas não é devidamente reconhecido e procurado por profissionais para tratar das dificuldades relacionadas aos usos profissionais da escrita. Por ser um campo pouco (re)conhecido popularmente e pela raridade de trabalhos na literatura sobre o tema, a discussão sobre a atuação Fonoaudiológica com os usos profissionais da escrita mostra-se relevante e necessária. O objetivo deste trabalho é o de discutir sobre a atuação do fonoaudiólogo com os usos da escrita profissional, de modo a destacar o importante papel que pode ser desempenhado com os profissionais que se utilizam diariamente da linguagem escrita como ferramenta de trabalho. Como metodologia, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 08 jornalistas, 06 publicitários e 08 advogados, num total de 22 entrevistados entre recém-formados e experientes. Os dados retirados do conteúdo das entrevistas foram analisados nos aspectos quantitativos e qualitativos. Os resultados demonstram que os profissionais entrevistados escrevem diariamente, numa média de 05 textos por dia e que, em sua grande maioria, apresentam dificuldades relacionadas às regras gramaticais, ao uso de sinônimos e demonstram preocupação quanto à clareza e objetividade de seus textos. A maioria dos entrevistados desconhece abrangência da atuação fonoaudiológica. O cotejamento entre os resultados e a literalização consultada demonstrou que, para que a Fonoaudiologia alcance em relação à linguagem escrita o mesmo *status* que alcançou em relação aos usos profissionais da voz ou da linguagem oral, será necessário que a linguagem escrita seja vista como forma de expressão. Muito se sabe do trabalho que é feito com a voz, com a fluência e com os distúrbios da fala, mas o trabalho com a linguagem escrita é menos conhecido e aquele com o aprimoramento dos usos profissionais da escrita é praticamente desconhecido, demandando assim maior número de publicações e ampla divulgação.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
I. INTRODUÇÃO	1
II. A FONOAUDIOLOGIA E OS USOS PROFISSIONAIS DA LINGUAGEM	4
III. OBJETIVO.....	19
IV. MATERIAL E MÉTODO.....	20
V. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
VIII. BIBLIOGRAFIA.....	45
IX. ANEXOS	46
a) Anexo 1 - Carta para obtenção do consentimento livre e esclarecido para pesquisas que envolvam: adultos e questionário (sem avaliação)	46
b) Anexo 2 - Entrevista com Advogados.....	48
c) Anexo 3 - Entrevista com Jornalistas	73
c) Anexo 3 - ENTREVISTA COM PUBLICITÁRIOS	99

I. INTRODUÇÃO

Logo no primeiro ano da graduação, identifiquei-me com dois campos distintos da Fonoaudiologia: a linguagem (oral e escrita) e a audiolgia. No entanto, os atendimentos durante os estágios do terceiro ano levaram-me a um maior interesse pelas questões de linguagem, embora a oportunidade de atendimento de casos de leitura e escrita só tenha surgido neste último ano da graduação.

A escolha do módulo *O trabalho da leitura: Uma perspectiva contemporânea para as relações entre Fonoaudiologia e Educação*, deu-se por, pelo menos, duas razões: por um lado, acreditava que as discussões teóricas que ali seriam travadas recuperariam e ressignificariam temas pelos quais nutria um antigo interesse, desde que haviam sido abordados, nos primeiros anos da graduação, em disciplinas como Teoria Lingüística, Aquisição de Linguagem Oral, Aquisição de Linguagem Escrita e Problemas de Linguagem Oral. Por outro lado, estava meu interesse pelas questões relativas ao trabalho com a leitura e a escrita, para além do universo clínico.

As aulas teóricas e as atividades práticas do Módulo foram, de fato, configurando possibilidades de trabalho que escapavam à dimensão patológica da linguagem escrita, uma vez que o foco estava em um trabalho de assessoria a professores, num primeiro momento, e em ações de mediação de leitura, num momento subsequente. No bojo das reflexões sobre a linguagem escrita e as possibilidades de trabalho com esta forma de linguagem, surgiu a discussão sobre o trabalho realizado com os usos profissionais da escrita e, então, dentro do amplo universo da linguagem escrita que era circunscrito, interessei-me por esta questão. Ao entrar em contato com o trabalho de NIGRI (2006), decidi dar continuidade à discussão sobre essa forma de atuação do fonoaudiólogo, motivada tanto pelo fato de ser uma questão praticamente inexistente nos conteúdos abordados na graduação, quanto por ser este um legítimo campo de atuação fonoaudiólogo, conforme Nigri demonstrou em sua pesquisa.

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, esta autora investigou se a produção escrita de diferentes profissionais (jornalistas, publicitários, advogados e psicólogos)

caracterizava-se como um campo de trabalho para o fonoaudiólogo, seja por dificuldades apresentadas por estes profissionais no manejo da linguagem escrita, seja pelo desejo de aprimorar o uso desta modalidade de linguagem dentro da sua profissão. Por outro lado, a pesquisa demonstrou que muitos fonoaudiólogos (também por ela entrevistados) não apenas reconheciam o trabalho com a linguagem escrita profissional, como o realizavam com profissionais das áreas investigadas.

Essa possibilidade de intervenção evidenciou-se pela natureza das dificuldades de escrita relatadas pelos profissionais entrevistados. Entretanto, a pesquisa também identificou o pouco conhecimento destes profissionais sobre este campo de atuação do fonoaudiólogo, ou seja, sobre a possibilidade de o fonoaudiólogo intervir no processo de produção dos textos profissionais.

Assim, partindo do trabalho de NIGRI, é possível verificar que a atuação fonoaudiológica com os usos profissionais da escrita ainda é um campo pouco (re)conhecido pelos profissionais "da escrita". Além disso, trata-se de um campo também pouco discutido dentro da própria Fonoaudiologia, o que se revela nos raríssimos trabalhos sobre o tema na literalização fonoaudiológica.

Tendo em vista o exposto, o objetivo deste trabalho é o de ampliar a discussão sobre a importância da atuação do fonoaudiólogo com os usos da escrita realizados por profissionais que usam esta forma de linguagem em sua rotina de trabalho, tal como é o caso de jornalistas, publicitários e advogados.

Para dar conta deste objetivo, o Capítulo 2, *A Fonoaudiologia e os usos profissionais da linguagem*, será formado por uma pesquisa bibliográfica sobre o percurso da Fonoaudiologia na atuação com profissionais, num campo que se constituiu, inicialmente, pela atuação do fonoaudiólogo com os usos profissionais da voz. Neste mesmo capítulo, trazemos uma discussão acerca dos usos da escrita no contexto clínico-terapêutico, tratando do modo como são trabalhadas questões de distúrbios de leitura e escrita em diferentes vertentes. E, finalmente, trataremos da aproximação do trabalho fonoaudiológico com os profissionais que lidam diariamente com a escrita, numa possibilidade de a Fonoaudiologia também atuar "fora" da patologia.

A literalização fonoaudiológica aponta raros trabalhos com a linguagem escrita, sobretudo com usos profissionais desta forma de linguagem. Para dar conta dos objetivos propostos no Capítulo 3, procedi a uma investigação de campo por meio de entrevistas semi-estruturadas com profissionais que se utilizam da linguagem escrita na sua atividade profissional (advogados, jornalistas e publicitários). A descrição do material e método encontra-se no capítulo 4.

Os resultados e a discussão deste estudo serão apresentados no Capítulo 5, e na sequência, no Capítulo 6, as considerações finais do trabalho.

II. A FONAUDIOLOGIA E OS USOS PROFISSIONAIS DA LINGUAGEM

A Fonoaudiologia é, historicamente, uma área essencialmente clínica, mas, aos poucos, vem se abrindo para outros campos de atuação, como os de assessoria escolar e aquele voltado aos usos profissionais da voz.

Neste capítulo, pretendemos discutir alguns autores que propõem a atuação fonoaudiológica com os usos profissionais da linguagem. Via de regra, essa forma de atuação teve início com práticas fonoaudiológicas voltadas ao uso profissional da voz e, assim, cabe destacar porque, no contexto desta pesquisa, estaremos considerando o trabalho com a voz como uma forma de trabalho com a linguagem, tanto quanto aqueles que se voltam à linguagem oral (como PASTORELLO (2005)¹, por exemplo) ou à assessoria fonoaudiológica a escolas, tal como discutido por CALHETA (2005)², por exemplo.

O trabalho de aprimoramento da voz constituiu-se como campo de atuação para o fonoaudiólogo de forma gradativa e, por isso, é importante historiar, brevemente, a constituição desse campo de trabalho, o que se pretende com ele e a forma como é realizado, de forma a buscar semelhanças entre esse percurso e outro que, aparentemente, começa a se configurar no que concerne aos usos profissionais da escrita

Segundo FERREIRA (2005a)³, foi a partir da década de 1990 que começou a haver um trabalho na área de voz diferenciado daquele considerado essencialmente clínico, no

¹ PASTORELLO, Lucila Maria. Assessoria fonoaudiológica a executivos estrangeiros. In: CÉSAR, Carla Patrícia Hernandes Alves Ribeiro; CALHETA, Patrícia Prado *Assessoria e Fonoaudiologia - Perspectivas de Ação*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005: 57-66

² CALHETA, Patrícia Prado. Fonoaudiologia e Educação: sentidos do trabalho de assessoria a escolas públicas. In: CÉSAR, Carla Patrícia Hernandes Alves Ribeiro; CALHETA, Patrícia Prado (org) *Assessoria e Fonoaudiologia: perspectivas de ação*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005:103-115.

³ FERREIRA, Lésle Piccolotto. Assessoria fonoaudiológica aos profissionais da voz. In: FERREIRA, Lésle Piccolotto; BEFI-LOPES, Débora Maria; LIMONGI, Suely Cecília Olivan (org). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca, 2005a. 138-149

qual o fonoaudiólogo passou a se preocupar não apenas com as questões de saúde vocal, mas propondo um trabalho de preparação do chamado *profissional da voz*, voltado à adequação dos recursos vocais de cada profissional, tanto da voz falada quanto cantada.

FERREIRA (2005b)⁴ argumenta que, tanto na literatura como no exercício profissional, é comum se utilizar diferentes termos para explicar o tipo de intervenção com os profissionais da voz: treinamento, aprimoramento ou estética vocal são alguns exemplos. Neste mesmo trabalho, a autora descreve que a Assessoria Fonoaudiológica apareceu na história das práticas fonoaudiológicas a partir da década de 1990, quando o fonoaudiólogo passou a desenvolver atividades que, além de tratar as patologias, visava também a aperfeiçoar a comunicação humana.

De acordo com PANICO (2005)⁵, a Fonoaudiologia é uma ciência que se ocupa dos Distúrbios da Comunicação, e que tem, portanto, na Comunicação seu objeto de estudo. Reflexões sobre a boa comunicação ou a comunicação efetiva é objetivo de intervenção fonoaudiológica. Ainda de acordo com a autora, a Fonoaudiologia, antes vista como “curadora”, ao longo de sua história, foi ampliando suas abordagens e, atualmente, há três modos de atuação diferentes: a prevenção; a reabilitação e o aprimoramento. Os objetivos para cada um são diferentes e, no trabalho de aprimoramento da comunicação, deve haver uma constante troca de saberes entre áreas afins.

Para PANICO (2005), ao se estabelecer uma interface com outras profissões (Artes Cênicas, Jornalismo, Música, Comunicação Social, entre outras), é preciso estudá-las e compreendê-las em essência para que seja adequada essa forma de atuação com os profissionais.

⁴ FERREIRA, L.éslie Piccolotto. Expressividade – A trajetória da Fonoaudiologia Brasileira. In: KYRILLOS, L.eny R. (org.) *Expressividade – Da Teoria à Prática*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005b: 1-14.

⁵ PANICO, Adriana Campos Balieiro. Expressividade na fala construída. In: KYRILLOS, L.eny Rodrigues(org.) *Expressividade – Da Teoria à Prática*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005: 43-56.

“O exercício de doação faz parte da formação do bom terapeuta, e se doar aqui é entrar no mundo de cada uma das profissões em que se pretende co-atuar.” (p.55)

Segundo a autora, embora a Fonoaudiologia esteja historicamente atrelada à prevenção e à reabilitação dos distúrbios da comunicação, é importante entender o aprimoramento não como uma extensão da atuação com patologias, mas como um trabalho com objetivos diferentes. Neste trabalho, devem ser considerados dois momentos: as características gerais da profissão e as necessidades e desejos individuais para se adequar àquela profissão. (pg. 55).

Ao sair de seu contexto clínico-terapêutico, o fonoaudiólogo passa, então, a prestar assessoria para as questões relacionadas à voz, considerando-a em duas vertentes: a primeira considera a voz como *um instrumento* e que carece de cuidados para que não venha a sofrer alterações, e que segue uma visão mais biológica, com a idéia de que a voz é o resultado de fatores orgânicos. Na segunda vertente, há a possibilidade de o fonoaudiólogo considerar a voz como *expressividade*, e dessa forma, irá trabalhar com todo o potencial dos profissionais que o procuram, fazendo-os perceber a riqueza dos efeitos gerados pela voz na interlocução com as pessoas, numa tentativa de adequar esses efeitos ao contexto de cada um. Sobre esta vertente, o trabalho será conduzido de forma que o fonoaudiólogo conduza os profissionais a perceberem os fatores psicossociais implícitos na produção vocal, marcados pela personalidade, pelo estado emocional, e presente nas relações interpessoais. As situações vividas diariamente, profissional ou não, é que irão determinar uma forma específica de falar.

MÄRTZ (2004)⁶ vai além e, discutindo a esfera do trabalho fonoaudiológico, faz considerações importantes sobre as relações entre voz e linguagem. No contexto da Fonoaudiologia, a autora propõe três perspectivas para o trabalho com a voz, de modo a discutir suas relações com a linguagem: voz como produção orgânica do som; voz como

⁶ MÄRTZ, Maria Laura Wey Alterações de voz e gagueira: problemas de linguagem? *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.16, n.2, p.241-245, 2004.

elemento suprasegmental ou prosódico e, finalmente, voz como constituinte inalienável da interação verbal.

Sobre a primeira, a autora discute que a visão é que *“aqui o que a terapia pode oferecer ao paciente é um suporte físico ou fisiológico para a obtenção de uma voz estável, a qual dará, por sua vez, suporte ao enunciado verbal”* (p.242) e, neste caso, o sofrimento do paciente é considerado, a partir de origens orgânicas. Dessa maneira, a linguagem entra na terapia por meio de técnicas que propiciem o treinamento das habilidades vocais em questão. Já sobre a segunda perspectiva: *“a voz é suporte para a linguagem falada, apenas o foco é posto na adequação normativa da fala”*. (p.243)

Considerar a voz como constituinte inalienável da linguagem é compreender o longo caminho da humanidade na conquista da relação falada. A voz, tal qual a conhecemos, com suas entonações e modulações, com seus ritmos e timbres, ressonâncias diversas a constituir fonemas, palavras e frases, só pode ser compreendida no ambiente mesmo da construção histórica da linguagem. O que a autora enfatiza é em relação aos problemas e alterações que, mesmo de origem orgânica, só se manifestam quando se busca dizer algo a alguém. E ainda *“Os aspectos polifônicos da linguagem, ou seja, as muitas vozes que constituem o nosso incessante diálogo na vida, quer estejamos falando, pensando, lendo, escrevendo, muitas vezes mostram-se como vozes em dissonância, e essa dissonância é que vai se apresentar numa alteração de voz”* (p.244)

De acordo com FERREIRA (2005a), se *“se considerar a voz como expressividade, o termo estará sendo ampliado, e dessa forma a voz estará sendo vista como linguagem”*, e quanto mais o fonoaudiólogo for ao encontro de possibilidades de trabalho com a expressividade, mais efetiva será a sua atuação e, ao mesmo tempo, este contemplará também as questões relacionadas ao *instrumento*, atento à saúde vocal daqueles envolvidos no trabalho, garantindo uma melhor qualidade de vida.

Segundo KYRILLOS (2005)⁷, a formação do fonoaudiólogo até a década de 1980 privilegiou o atendimento clínico, enfocando a doença e, conseqüentemente, a

⁷ KYRILLOS, Leny Rodrigues Voz na mídia. In: FERREIRA, Lésle Piccolotto; BEFI-LOPES, Débora Maria; LIMONGI, Suely Cecília Olivan (org). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca, 2005: 150-161

reabilitação. A partir desta década, uma nova vertente passou a dar maior atenção à *prevenção* dos distúrbios da comunicação, e houve a aproximação e o interesse crescente dos profissionais da voz pelos indivíduos que tinham na voz seu principal instrumento de trabalho. No início, a procura desses profissionais pelo atendimento fonoaudiológico era devido à presença de queixas relacionadas a lesões nas pregas vocais, e com sintomas proprioceptivos importantes. Gradativamente, esse perfil foi se modificando e a procura passou a ser devido ao interesse no aperfeiçoamento dos padrões de comunicação, num preparo para o uso profissional da voz. Segundo a autora, houve uma mudança importante entre o trabalho clínico e o conceito de assessoria fonoaudiológica, uma mudança no conceito inicial de *Reabilitação* para o de *Habilitação* da função comunicativa na atuação profissional.

KYRILLOS (2005), discutindo sua atuação com a voz na mídia (televisão e rádio), enfatiza que o trabalho deve ser o de garantir um padrão de emissão saudável e confortável para o profissional, uma atuação em dois pilares: a saúde vocal e a expressividade, ou seja, os recursos comunicativos a serem trabalhados para adequar a fala do profissional ao contexto comunicativo.

GAYOTTO (2005)⁸, ao discorrer sobre o trabalho com atores de teatro, alerta que, no trabalho fonoaudiológico com a voz desse tipo de profissional, é necessário desenvolver o *corpo vocal* (as posturas e a consciência para o preparo da voz), *trabalhar as situações da voz* (para flexibilizá-las) e os recursos combinados entre respiração, articulação e a elaboração de diversas qualidades de emissão. O trabalho foca a possibilidade de abordagem no corpo, na fala e na voz, de forma a trabalhar com recursos expressivos. No preparo vocal, é importante que o ator perceba os diferentes estados da voz, para que estes sejam experimentados nos ensaios, o que não é importante somente para a preparação vocal, mas também para a saúde vocal do ator.

⁸ GAYOTTO, Lúcia Helena da Cunha. Fonoaudiologia no teatro: estados da voz. In: FERREIRA, Léslie Piccolotto; BEFI-LOPES, Débora Maria; LIMONGI, Suely Cecília Olivan (org). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca, 2005: 166-169.

A atuação do fonoaudiólogo em empresas — outra possibilidade de trabalho com usos profissionais da voz se dá, segundo ALGODAL e ALLOZA (2005)⁹, desde 1980, quando a procura era pela "adequação da fala e da voz a padrões tidos como corretos", ou seja, a procura por "falar bem". Neste setor, o trabalho desenvolvido pelo fonoaudiólogo envolve o diagnóstico fonoaudiológico para contextualizar a proposta de trabalho, a seleção de candidatos com o perfil da empresa, o treinamento e o acompanhamento das equipes. No treinamento com as equipes, é possível desenvolver e aperfeiçoar habilidades comunicativas e também oferecer subsídios para a produtividade no trabalho.

Segundo o Conselho Regional de Fonoaudiologia, desenvolver atividades para *aperfeiçoar* a comunicação humana é atribuição do fonoaudiólogo, e desta forma, define como "aperfeiçoamento" o trabalho realizado em moldes não terapêuticos.¹⁰

Conforme se pôde perceber nos trabalhos citados, vem ocorrendo uma mudança (ou uma ampliação) no perfil do profissional fonoaudiólogo, o qual, apesar de uma formação que prioriza a vocação clínica, tem ampliado sua atuação para além da patologia. A década de 1980 foi responsável por um movimento dos fonoaudiólogos que puderam rever sua atuação clínica tirando o foco da doença e redimensionando seu trabalho junto aos denominados profissionais da voz, por meio de ações preventivas e do aperfeiçoamento vocal.

O fonoaudiólogo passou a conhecer também e a identificar as necessidades dos profissionais que atuam em empresas, teatro, indústrias, emissoras de rádio e TV, telemarketing, igrejas, entre outros, em um cenário diferente do da clínica.

⁹ ALGODAL, Juliana; ALLOZA, Renata Garcia. Voz na Empresa. In: FERREIRA, Lésle Piccolotto; BEFI-LOPES, Débora Maria; LIMONGI, Suely Cecília Olivan (org). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca, 2005: 170-176

¹⁰ A lei aprovada em 9 de Dezembro de 1981 de nº 6.965 que regulamentou a profissão, define o fonoaudiólogo como sendo "o profissional com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológica na área da comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões de fala e voz" (CONSELHO REGIONAL DE FONOAUDIOLOGIA – 2ª REGIÃO)

Nossa questão é a de refletir se os contornos desse novo campo de atuação também se fazem presentes em outras áreas, além da área de voz. Particularmente, interessa-nos observar se o trabalho fonoaudiológico comporta uma atuação que esteja ligada ao aprimoramento do uso da linguagem escrita.

Para discutir esta questão, faz-se necessário historiar o tipo de trabalho fonoaudiológico que vem sendo realizado com a linguagem escrita, o qual, a despeito de muitas diferenças, reúne práticas orientadas pela presença da dimensão patológica e, portanto, caracteriza-se como um trabalho de natureza essencialmente clínico-terapêutica.

A clínica fonoaudiológica com a linguagem escrita, a exemplo de outras clínicas fonoaudiológicas (com a linguagem oral, com a voz, com o sistema sensório motor orofacial), pode ser compreendida de duas maneiras. Segundo PALLADINO (1990)¹¹, pode-se compreender a clínica fonoaudiológica como um "lugar de verificação" ou como um "lugar de ressignificação".

Na clínica da *verificação*, o terapeuta é concebido como aquele que possui um conhecimento já constituído e, deste lugar, avalia seu paciente de modo identificar os sinais que ele apresenta, a fim de enquadrá-lo num conjunto de sinais previstos em uma determinada patologia. A verificação desses sinais e o conjunto de saberes que o terapeuta dispõe permitem que o planejamento terapêutico seja constituído por etapas a serem seguidas e alcançadas para a remoção dos sintomas. O foco do trabalho terapêutico é centrado, fundamentalmente, na patologia apresentada, e se realiza por meio de técnicas que garantem a reabilitação das habilidades deficitárias.

Diferentemente da clínica da verificação, a clínica da *ressignificação* impõe ao terapeuta o reconhecimento de um não-saber sobre aquilo que o paciente apresenta. O discurso que o sujeito traz é necessariamente singular, e é este singular que atravessará a clínica. A abordagem terapêutica é focada no próprio sujeito, por meio do seu discurso, que convoca uma escuta, uma interpretação e a busca de significados. É a partir desta

¹¹

PALLADINO, Ruth Ramalho Ruivo. A cena clínica: leituras possíveis. 1990 (texto inédito).

mudança que o terapeuta passa a ser intérprete, alguém capaz de (re)significar a história do sujeito com a linguagem.

Pensando nesta divisão proposta por PALLADINO (1990), podemos classificar também os trabalhos com a linguagem escrita em dois grandes grupos: aqueles trabalhos que se orientam pela clínica da "verificação" e aqueles que se caracterizam como uma clínica de "ressignificação".

No primeiro grupo, podemos pensar em trabalhos como os de SANTOS e NAVAS (2002), TEDESCO (1997) e ZORZI (1996), dentre outros que poderiam ser discutidos.

Segundo SANTOS e NAVAS (2002a;b)¹², muitas questões sobre os distúrbios de leitura e escrita podem ser mais bem compreendidas quando se estuda a história desses distúrbios. Tradicionalmente, eles são atribuídos a causas congênitas ou a déficits neurológicos; mais recentemente, porém, há uma tendência em explicar os distúrbios de escrita como sendo parte de um conjunto mais amplo de distúrbios de desenvolvimento de linguagem.

Sobre o trabalho terapêutico, as autoras enfatizam que a clínica de escrita deve lidar com conexões entre a linguagem oral e a escrita, já que o desenvolvimento da escrita é considerado uma *extensão* da linguagem oral. No processo de reabilitação, as capacidades cognitivas e metacognitivas da linguagem serão estimuladas, com o objetivo de facilitar o processamento de leitura e escrita nos níveis ortográfico, semântico, contextual e fonológico, prevendo a estimulação da linguagem oral, a estimulação do processamento fonológico, da leitura e da elaboração da escrita, além de atividades para desenvolvimento, memorização e evocação lexical.

¹² SANTOS, Maria Thereza Mazzorra dos; NAVAS, Ana Luíza Gomes Pinto. Distúrbios de leitura e escrita. In — (org) *Distúrbios de Leitura e Escrita - Teoria e Prática*. São Paulo: Manole, 2002a: 27-62.

SANTOS, Maria Thereza Mazzorra dos; NAVAS, Ana Luíza Gomes Pinto. Terapia de Linguagem Escrita. In — (org) *Distúrbios de Leitura e Escrita - Teoria e Prática*. São Paulo: Manole, 2002b:191-221

TEDESCO (1997)¹³ sustenta o domínio dos aspectos cognitivos, motores e perceptuais como eixo do trabalho com a escrita. Propõe a avaliação da linguagem escrita a partir de: *desvios de forma* (que envolvem habilidades motoras, sensorial auditiva e visual, qualidade de leitura e fala); *desvios no conteúdo da leitura e escrita* (habilidades de representação e externalização do pensamento, interesses e capacidade cognitiva do sujeito).

A idéia de relação causal entre linguagem oral e escrita é norteadora do trabalho clínico com a escrita.

ZORZI (1996)¹⁴ considera a linguagem escrita mais complexa que a linguagem oral e, portanto, afirma que, *em sua natureza*, a primeira é uma representação da segunda. Diz o autor que só haverá problemas de escrita se houver alterações no uso da linguagem oral e é preciso falar bem para construir uma linguagem mais complexa como a escrita.

Trabalhos como os que foram acima apresentados alinham-se com o que PALLADINO denominou de “clínica da verificação”, na medida em que tratam os distúrbios de leitura e escrita naquilo que eles têm de generalizável, ou seja, naqueles aspectos que coincidem com as taxonomias dadas pela área. Não parece haver, então, lugar para o sujeito e para o que ele possa trazer de inédito à cena clínica.

As propostas parecem seguir uma seqüência, determinada por objetivos estabelecidos a partir de sintomas previamente identificados. A compreensão da leitura ou o processo de significação pela produção escrita não ocupam papel central, sendo muitas atividades sugeridas marcadas pela descontextualização. Assim, o trabalho não valoriza a questão dos possíveis efeitos de sentido construídos na relação leitor/escritor. Essa clínica da escrita é, então, orientada pela patologia, numa perspectiva voltada à clínica tradicional, com uma visão em que a escrita é fortemente atrelada à função escolar e o

¹³ TEDESCO, Mirna Reni Marchioni. Diagnóstico e terapia dos distúrbios do aprendizado da leitura e escrita. In: LOPES FILHO, Otacílio de Carvalho(org.). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 1997: 907-924.

¹⁴ ZORZI, Jaime Luiz. Dislexia, Distúrbios da Leitura-Escrita. De que estamos falando? In: *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, Volume III, 1996: 181-194.

trabalho terapêutico é guiado pela presença de sintomas verificáveis que devem ser removidos.

Esta visão com a linguagem escrita parece não abrir possibilidades para pensar num trabalho que extrapole ou escape da dimensão patológica da linguagem. Por outro lado, há trabalhos com a linguagem escrita que podem ser encaixados naquilo que PALLADINO chamou de "clínica de resignificação" e, nestes trabalhos, dado o foco no sujeito e na sua relação com a linguagem escrita, é possível supor a abertura de um novo modo de compreensão da linguagem escrita e da clínica fonoaudiológica com ela realizada.

DAUDEN & MORI-de ANGELIS (2004)¹⁵, por exemplo, fazem considerações importantes a respeito da clínica com a linguagem escrita. Segundo elas, o fonoaudiólogo se depara com pacientes que apresentam histórias de sofrimento com a leitura e a escrita, cabendo, portanto, a este profissional buscar a compreensão da maneira como foi trilhado o percurso destes sujeitos. Tais considerações *orientam o trabalho clínico que permite traçar uma diferença entre o escrito, equivalente aos aspectos gráficos da linguagem, e a escrita, entendida como prática discursiva* (p.50). De acordo com as autoras, o fonoaudiólogo deve compreender que a escrita é um lugar de manifestação da subjetividade do indivíduo, e que o processo terapêutico deve estar pautado nos fatores escolares, familiares e sociais que são constitutivos da história do paciente com a linguagem escrita.

Para as autoras, um aspecto relevante no trabalho clínico diz respeito às diferenças da escrita em relação à fala, entre elas: a ausência de um interlocutor¹⁶, o

¹⁵ DAUDEN, Ana Tereza Brant de Carvalho; MORI-de ANGELIS, Cristiane Cagnoto. Leitura e escrita: Uma questão para fonoaudiólogos? In: DAUDEN, Ana Tereza Brant de Carvalho.; MORI-de ANGELIS, Cristiane Cagnoto (org). *Linguagem Escrita: Tendências e Reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico*. São Paulo: Pancast, 2004: 37-63.

¹⁶ As autoras apóiam-se na idéia vygotskyana de que a escrita "é uma fala sem interlocutor, dirigida a uma pessoa ausente ou imaginária, ou a ninguém em especial – uma situação nova e estranha para a criança (VYGOTSKY, 1934:85). Para Vygotsky, a maior dificuldade que uma criança encontra para escrever não é, como pode parecer à primeira vista (e como, freqüentemente, parece à escola) representar os sons da fala por meio de letras, ou seja, os aspectos gráficos. Para este autor, e Dauden e Mori-de Angelis (2002) concordam com ele, a criança sente dificuldade de expressar-se a um interlocutor que não está ali, no "aqui e agora" da enunciação. Essa condição da escrita obriga o escritor; no caso, a criança, a ter de representar esse interlocutor, supor qual é o universo de referências com ele compartilhado e, a partir daí,

distanciamento da situação face a face, a necessidade de um detalhamento maior e de um planejamento, dentre outros. O fato de crianças apresentarem dificuldades com leitura e escrita pode estar relacionado ao fato de não saberem por que escrevem, o que acaba gerando desinteresse pela escrita. De acordo com esta idéia, cabe ao fonoaudiólogo construir situações para a produção da escrita, de modo a envolver questões discursivas que se resolvem por meio da escrita.

Portanto, cabe ao fonoaudiólogo não só compreender, a partir do erro, a forma como a criança está operando com determinados aspectos da língua escrita, mas também recortar e interpretar estes erros, num trabalho de ressignificação que caminha na direção de uma escrita convencional e socialmente aceita. (p.57,)

Também há trabalhos como o de MASINI (2004)¹⁷ que afirma que o trabalho terapêutico visa transformar a relação de sofrimento que um paciente estabelece com a escrita. A autora argumenta que um trabalho clínico- terapêutico deve ser permeado por situações práticas de leitura e escrita, ou seja, voltado para práticas de letramento.

PERROTA, MASINI e MÄRTZ (2004)¹⁸ acreditam que há mitos sobre a forma ideal da escrita e que estes acabam, muitas vezes, por causar entraves na produção de textos. As autoras acreditam que o trabalho fonoaudiológico deve desconstruir esses mitos, por meio da circulação de diferentes gêneros discursivos.

No caso da terapia fonoaudiológica, a situação é de alguém que se encontra despotencializado em suas possibilidades de

tomar decisões sobre o que será e o que não será dito, bem como sobre o que será mais ou menos detalhado.

¹⁷ MASINI, Maria Lucia Hage Considerações sobre o processo terapêutico fonoaudiológico no trabalho com a escrita. In: DAUDEN, Ana Tereza Brant de Carvalho; MORI-de ANGELIS, Cristiane Cagnoto (org). *Linguagem Escrita: Tendências e Reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico*. São Paulo: Pancast, 2004: 65-85.

¹⁸ PERROTA, Cláudia; MASINI, Maria Lúcia Hage; MÄRTZ, Maria Laura Wey. O trabalho terapêutico fonoaudiológico com a linguagem escrita: considerações sobre a visitação a gêneros discursivos. *Revista Distúrbios da comunicação*, São Paulo, v.16, n.2, p.181-193, 2004.

apropriação do conhecimento da escrita. Sendo assim, visitar os gêneros discursivos permite que o paciente, ao explorá-los, seja apresentado a motivações, capacidades e desejos ainda desconhecidos, podendo transformar e ressignificar sua história de sofrimento com a linguagem escrita. (p.187)

Em trabalhos como os de MASINI, PERROTA, MASINI E MÄRTZ ou de DAUDEN e MORI-de ANGELIS, o trabalho com a escrita é orientado por uma perspectiva discursiva, e eles constituem, então, nos termos de PALLADINO, a clínica da significação, em que o foco do trabalho clínico é o próprio sujeito que apresenta dificuldade com a linguagem escrita, e não o distúrbio em si.

Trabalhos como esses abrem a possibilidade de abordar a linguagem escrita por outro viés, que não o da patologia.

Embora ainda raros, foi possível encontrar alguns autores que focalizam uma abordagem da linguagem escrita, na perspectiva de um trabalho de aprimoramento do uso, independente da presença de uma patologia. PERROTA (2004) ¹⁹ desenvolve um trabalho com a escrita de textos acadêmicos, em diversas áreas: saúde, educação, economia, engenharia, administração e outros. O trabalho com os profissionais dessas áreas vai muito além da adequação do texto às normas da língua-padrão, e, segundo a autora, eles se surpreendem com a possibilidade de lidar com os próprios textos de uma maneira mais próxima e mais consciente, refletindo sobre como tratar as idéias, a forma de articulá-las. Assim, o trabalho intervém na perspectiva não só de aprimorar o texto, mas também de buscar *apresentar ao autor a sua própria escrita*.

O que pretendo é oferecer formas de o autor se apropriar de sua criação, assumindo posicionamentos e procurando registrá-los, intencionalmente, na trama do texto; ou seja, meu objetivo é

¹⁹ PERROTA, C. *Um texto para chamar de seu: Preliminares sobre a produção do texto acadêmico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

contribuir para que o autor do texto acadêmico se torne apto a fazer escolhas, que o processo de elaboração da escrita contribua para que se desvendem aspectos de seu ser e que coloque todo na palavra, naquela que entra no tecido dialógico da existência humana. (XXI)

Sobre a atuação com o aprimoramento da escrita, o trabalho de PERROTA busca, além de sanar as questões do texto da ordem do conteúdo e forma, a importância da inserção de "marcas pessoais" na escrita, ou seja, este é um trabalho que implica questões subjetivas do indivíduo na produção de um texto, e que pode ser compreendido como um trabalho com a estética da escrita que garanta a autoria dos textos. É importante que o autor procure suas características pessoais para o processo de produção textual, assim como também a clareza que pretende atribuir a um determinado gênero discursivo, bem como o domínio de suas peculiaridades. Para tratar disso, é necessário que o autor perceba os aspectos que podem ser esteticamente destacados, se aproprie de suas palavras e as direcione de acordo com suas pretensões.

Outro trabalho de aprimoramento que não se pauta na patologia é o de PASTORELLO (2005a)²⁰ que apresenta sua atuação na assessoria a executivos estrangeiros.

Devido ao crescente aumento de estrangeiros no país, criou-se uma demanda de atenção dirigida ao ensino do Português como uma língua estrangeira. Atrelada a este fato, também houve uma grande valorização de um padrão de comunicação cada vez mais ágil e eficiente. Entre os executivos, tornaram-se essenciais para o trabalho os cuidados com a voz e o domínio da articulação, além de outros aspectos sobre o desempenho comunicativo cobrados no ambiente de trabalho.

²⁰ PASTORELLO, Lucila Maria Assessoria fonoaudiológica a executivos estrangeiros. In: CÉSAR, Carla Patrícia Hernandes Alves Ribeiro; CALHETA, Patrícia Prado *Assessoria e Fonoaudiologia - Perspectivas de Ação*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005a: 57-66.

A autora relata que o trabalho de assessoria pode ser feito pelo fonoaudiólogo de duas maneiras: a assessoria direta e a indireta. Na assessoria direta, o trabalho é feito com o próprio indivíduo, e o papel do fonoaudiólogo é o de *habilitador, fornecendo subsídios para que seu cliente conheça sua voz, articulação, fala, discurso e os fatores que interferem em sua produção*. (p.60) Já na assessoria indireta, o trabalho do fonoaudiólogo é realizado com o professor de Português, por meio de orientações e discussões, com o objetivo de reunir saberes e articular esses saberes com ações mais adequadas ao perfil de cada cliente.

Ainda de acordo com PASTORELLO (2005b)²¹, no trabalho com estrangeiros, não se trata de intervir na correção ou na reabilitação, mas sim num trabalho de habilitação da comunicação humana e de *fornecer condições aos falantes estrangeiros para optarem por padrões de fala e comunicação cada vez mais próximos ao do falado pelos brasileiros, respeitando, contudo, as marcas de identidade que carrega o sotaque*. (p.256)

Por ser uma ação inovadora do fonoaudiólogo, muitos questionamentos e resistências podem ocorrer por parte de outros profissionais, em relação ao papel do fonoaudiólogo como assessor no ensino de línguas, portanto, *neste caso, cabe ao fonoaudiólogo esclarecer exhaustivamente sua proposta e procurar desenvolver a confiança de outros profissionais em seu trabalho*. (PASTORELLO, 2005a: p.65)

Baseando-se, por um lado, na indicação, pelos profissionais que usam a escrita em seu trabalho, de dificuldades para produzir seus textos e, por outro lado, no relato de fonoaudiólogos que atendem demandas geradas pelo uso da escrita profissional, NIGRI (2006) demonstrou, em pesquisa, que o aprimoramento da escrita profissional poderia ser um campo de atuação fonoaudiológica.

²¹ PASTORELLO, Lucila Maria. Expressividade no uso do Português como língua estrangeira. In: KYRILLOS, Leny R. (org.) *Expressividade – Da Teoria à Prática*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005b, p. 255-266.

Neste capítulo, buscamos apresentar, primeiramente, o percurso perseguido pela Fonoaudiologia na configuração da área de voz profissional como um campo de atuação fonoaudiológica. Este percurso demonstra que, gradativamente, alguns fonoaudiólogos foram assumindo demandas ligadas ao uso profissional da voz (na televisão, no rádio, no teatro, na empresa, dentre outros contextos), buscando desenvolver um trabalho de aprimoramento. Tendo em vista que nosso objetivo relaciona-se aos usos profissionais da escrita, buscamos, num segundo momento, compreender como se dá a atuação fonoaudiológica com a linguagem escrita e a literalização na área mostrou que, ao lado de trabalhos que priorizam uma clínica baseada na caracterização do distúrbio e na remoção de seus sintomas, há também trabalhos que destacam a atuação com o sujeito e com a relação que ele estabelece com a linguagem escrita. Esse segundo modo de conceber a clínica da escrita, a nosso ver, abre a possibilidade de um trabalho com o aprimoramento da linguagem, tal como aquele — único encontrado, ressalte-se — desenvolvido por PERROTA (2004).

Cabe-nos, agora, ampliar a discussão empreendida por NIGRI (2006), buscando compreender se as demandas apresentadas pelos profissionais que usam a escrita em seu trabalho configuram-se, ou não, num espaço possível para a atuação fonoaudiológica.

III. OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é o de discutir a atuação do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita, ou seja, com aqueles profissionais que usam a linguagem escrita diariamente para o exercício de suas atividades profissionais, como é o caso de jornalistas, publicitários e advogados. Pretende, assim, apontar a potencialidade dessa forma de atuação no campo fonoaudiológico.

IV. MATERIAL E MÉTODO

Para cumprir os objetivos da pesquisa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com profissionais que se utilizam da linguagem escrita em suas atividades profissionais, tais como jornalistas, publicitários e advogados. A amostra de sujeitos foi composta por profissionais recém-formados e profissionais experientes (com pelo menos 10 anos de atuação) e de ambos os sexos. Foram selecionados 08 jornalistas, 06 publicitários e 08 advogados, num total de 22 entrevistados.

Para a realização das entrevistas, os participantes selecionados foram informados sobre os objetivos, os procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa, e confirmaram sua participação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1). O projeto que deu origem a esta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-SP, tal como demonstrado no processo nº 23908.

NIGRI (2006) ²² realizou entrevistas semi-estruturadas para sua pesquisa. Neste trabalho, adaptamos o roteiro de entrevista por ela empregado e, baseando-nos em seus resultados, transformamos algumas questões da entrevista em questões fechadas de múltipla escolha, sendo que o entrevistado podia escolher mais de uma opção na questão 1 e 3. Também foram acrescentadas as questões 7, 8 e 11 neste roteiro para entrevista.

Após a seleção, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com os profissionais, composta pelas seguintes perguntas:

1) Você conhece o profissional fonoaudiólogo? Pelo que você conhece com o que você diria que este profissional trabalha?

() Gagueira

²² NIGRI, Lílian Zeitune. *Aprimorando os usos profissionais da escrita: Um campo para o Fonoaudiólogo?* Trabalho de Conclusão de Curso em Fonoaudiologia. São Paulo: PUC-SP: Faculdade de Fonoaudiologia, 2006.

☐ Problemas de voz

☐ Dificuldade na escrita

☐ Distúrbios da audição

☐ Distúrbios da fala

☐ Problemas de deglutição

☐ Comunicação

☐ Dificuldade na Leitura

☐ Outros _____

2) Com que frequência você escreve textos? (Quantos textos você escreve, em média, por dia?)

3) Que tipo de texto você escreve?

☐ Notícia

☐ Reportagem

☐ Artigos

☐ Relatórios

☐ Outros

4) Você sente dificuldade para escrever? Se sim, explique como são estas dificuldades. De que tipo elas são?

Se a resposta for positiva:

5) Você identifica maiores dificuldades para escrever um certo tipo de texto ou é em geral? Se sim, que texto?

6) Você já pensou em procurar ou procurou um profissional para ajudá-lo(a)? Qual? Por quê?

Se o entrevistado não mencionar o fonoaudiólogo, perguntar:

7) Você procuraria um fonoaudiólogo para ajudá-lo com estas dificuldades?

8) Você conhece o trabalho fonoaudiológico com os usos profissionais da escrita?

9) Você acredita que seu texto escrito poderia ser aprimorado em algum aspecto? Quais? Por quê?

10) Você já procurou ou pensou em procurar um profissional que pudesse ajudá-lo neste processo de aprimoramento? Qual? Por quê?

Se o entrevistado não mencionar o Fonoaudiólogo, perguntar:

11) Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento do uso profissional da escrita?

Para a análise das respostas encontradas, criamos algumas categorias que correspondem, na verdade, à junção de perguntas relacionadas entre si:

- 1) Perfil dos entrevistados
- 2) O que eles conhecem do trabalho fonoaudiológico?
- 3) Com que frequência e que tipo de texto que escrevem?
- 4) Tipos de dificuldades para escrever mencionadas e se estão ou não atreladas ao tipo de texto

- 5) O que aprimorariam nos textos e que profissional procurariam?
- 6) Sobre o conhecimento do trabalho fonoaudiológico neste campo e se procurariam o fonoaudiólogo para isso.

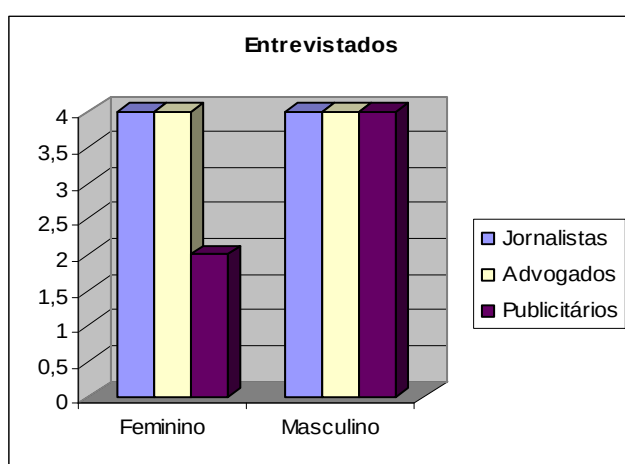
Com isso, buscamos delinear o perfil dos entrevistados relativamente ao modo como avaliam sua proficiência em escrever e ao tipo de conduta que tomariam, no caso de sentirem dificuldades na produção textual.

As entrevistas foram registradas em MP3 player, armazenadas em CD e, posteriormente, transcritas pela pesquisadora (Anexo 2). O conteúdo da transcrição foi utilizado somente para os fins desta pesquisa, e as gravações ouvidas somente pela pesquisadora e pela professora-orientadora, garantindo a confidencialidade dos dados e a preservação da identidade dos entrevistados.

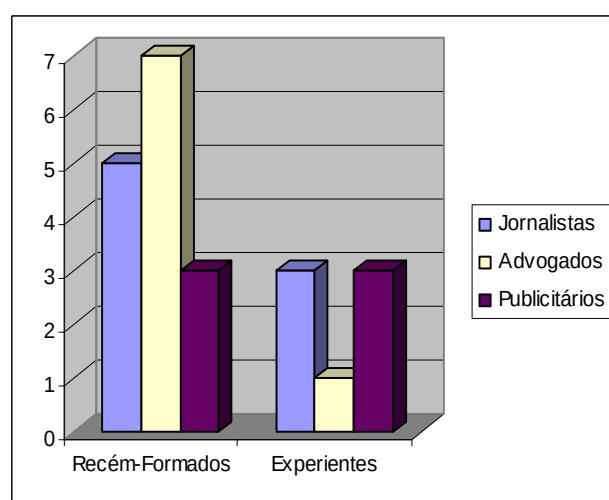
V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Perfil dos Entrevistados

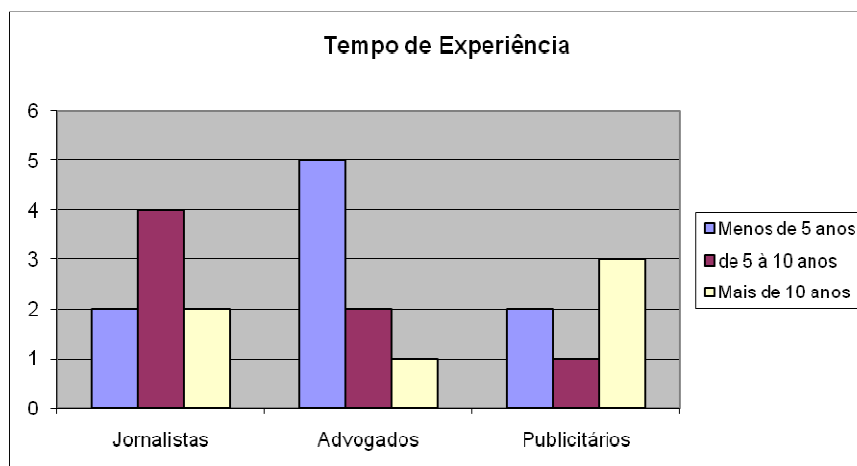
Participaram da pesquisa oito advogados, oito jornalistas e seis publicitários. Em relação ao gênero, a amostra fica assim caracterizada:



Em relação ao tempo de experiência profissional, tem-se o seguinte perfil:



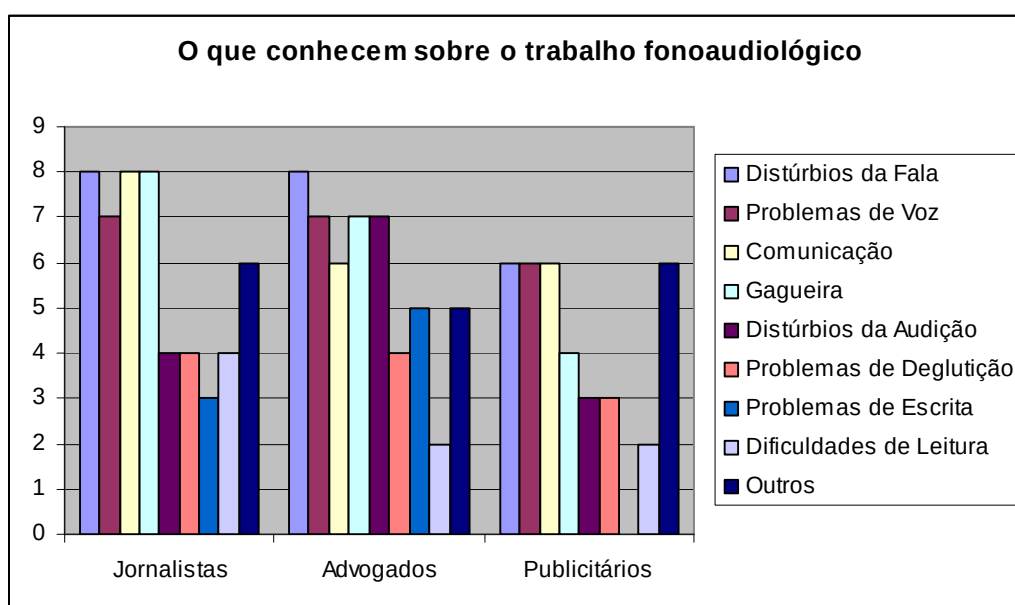
Foram considerados experientes aqueles profissionais com, no mínimo, 10 anos de atuação em suas respectivas profissões.



Entre os jornalistas, o tempo de atuação na área variou de 1 a 20 anos; já entre os advogados, o tempo de atuação variou de 7 meses a 11 anos; e para os publicitários, esse tempo variou de 2 a 28 anos.

2. O que eles conhecem do trabalho fonoaudiológico?

O gráfico abaixo traz o perfil dos entrevistados relativamente ao que conhecem dos campos de trabalho do fonoaudiólogo:



Todos os entrevistados mencionaram que o fonoaudiólogo atua nos distúrbios da fala. A maioria (90%) conhece a atuação do profissional nos problemas de voz e com a comunicação. Na sequência, foram mencionadas: a gagueira (86%) seguido dos distúrbios da audição (63%) e problemas de deglutição(50%).

Apenas oito entrevistados (36%) mencionaram que os problemas de leitura e escrita integram objeto de atuação do fonoaudiólogo. Somente os publicitários não mencionaram os problemas de escrita.

Outras respostas foram mencionadas pelos entrevistados a respeito da atuação do fonoaudiólogo, entre elas: respiração (9%); linguagem (9%); estética da fala (9%); aprimoramento da voz (9%); traumas e acidentes (9%); nervosismo e ansiedade que atrapalham a comunicação (9%); dificuldades de aprendizado (4,5%) e portadores de síndromes (9%).

3) Frequência e o tipo de texto que escrevem.

Confirmando nossa hipótese de que advogados, jornalistas e publicitários estão entre os profissionais que escrevem regularmente no exercício de suas profissões, a tabela abaixo mostra a alta frequência com que eles escrevem, bem como a diversidade de textos que produzem:

	Frequência com que escrevem e média de textos	Tipos de texto que produzem (gêneros)
JORNALISTAS	Diariamente; de 1 a 10 textos.	Notícia Reportagem Crônica E-mail Artigo Matéria para revistas Textos informativos
ADVOGADOS	Diariamente; de 2 a 10 textos.	Textos jurídicos Petições Peças processuais Defesas Recursos Manifestações Réplicas Pareceres Contratos Correspondências (com clientes)
PUBLICITÁRIOS	Diariamente; média de 5 textos.	E-mails Textos publicitários Textos informativos Relatórios Slides Pesquisas Levantamento de dados

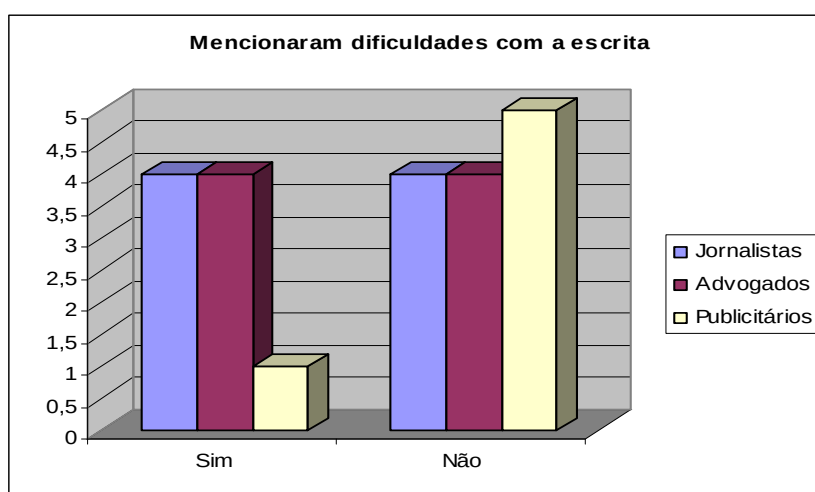
Em relação aos jornalistas, aparecem freqüentemente os gêneros notícia, reportagem, crônicas, e-mails, artigos, matérias de revistas e textos informativos. A freqüência oscila entre 1 a 10 textos por dia.

Os publicitários mencionam os gêneros: e-mails, textos publicitários (propagandas, campanhas, flyer), textos informativos, relatórios, slides, pesquisas e levantamento de dados. A maioria produz textos diariamente, com exceção de 1 publicitário, e a média foi de 5 textos por dia.

Entre os advogados, aparecem os gêneros: textos jurídicos, petições, peças processuais, defesas, recursos, manifestações, réplicas, pareceres, contratos e correspondências por meio de e-mails com clientes. A freqüência com que escrevem textos é diária, com exceção de 2 entrevistados, e a média varia de 2 a 10 textos.

4) Tipos de dificuldades para escrever mencionadas e se estão ou não atreladas ao tipo de texto

Outro dado levantado por meio das entrevistas relaciona-se à existência de dificuldades encontradas pelos profissionais ao escrever seus textos e de que natureza seriam tais dificuldades. O perfil dos entrevistados relativamente à presença de dificuldades encontra-se no gráfico abaixo:

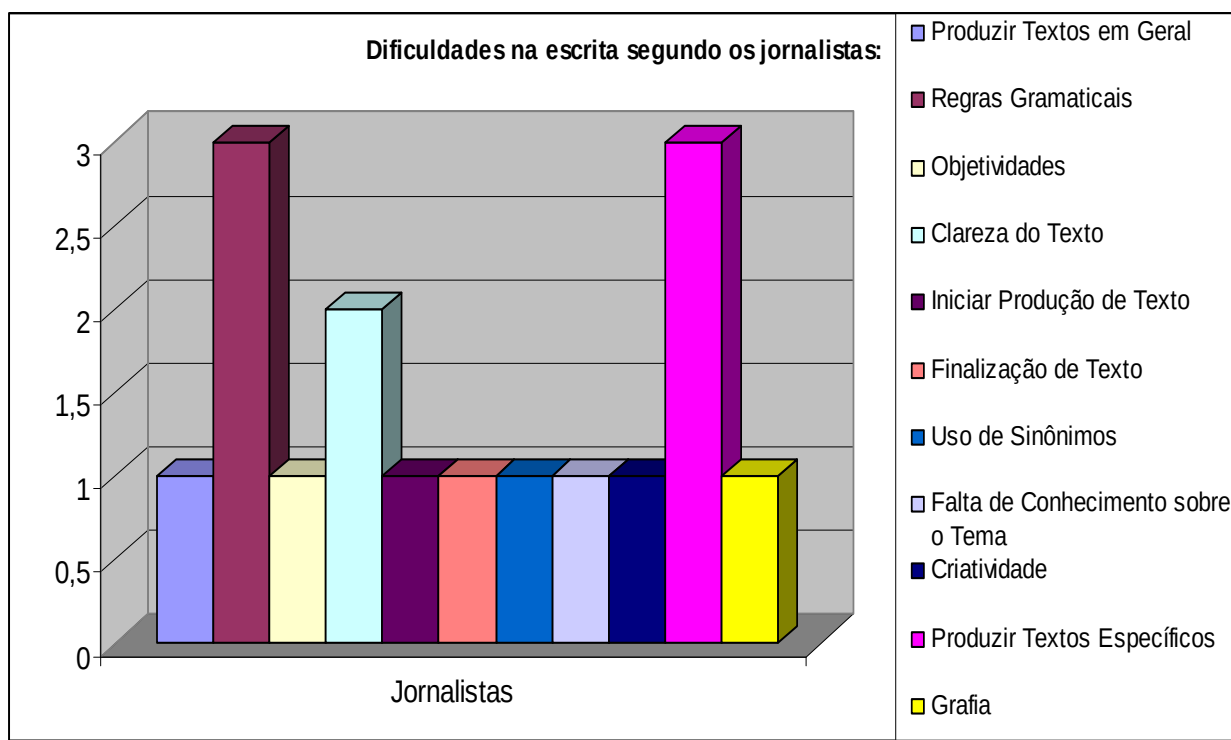


50% dos jornalistas entrevistados — quatro — não apresentam dificuldades para escrever.

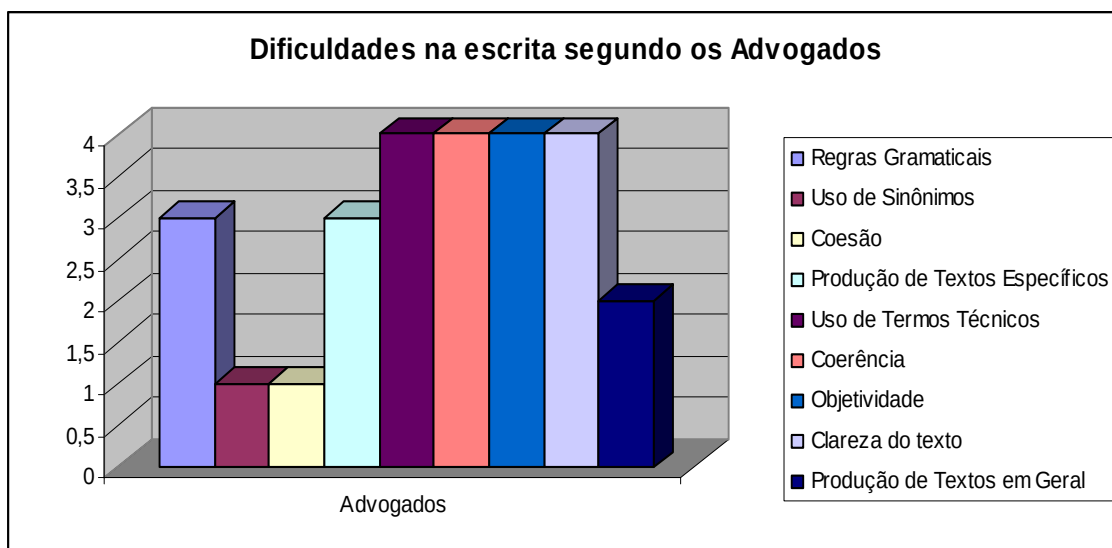
Entre os advogados, 50% não mencionaram dificuldades para escrever, mas apresentam dúvidas em relação à gramática, ao uso de palavras sinônimas e à coesão.

Já entre os publicitários, 83% alegaram não ter dificuldades para escrever, embora 33% tenham relatado dificuldades com o início da produção textual, relacionado ao pouco conhecimento sobre um determinado assunto.

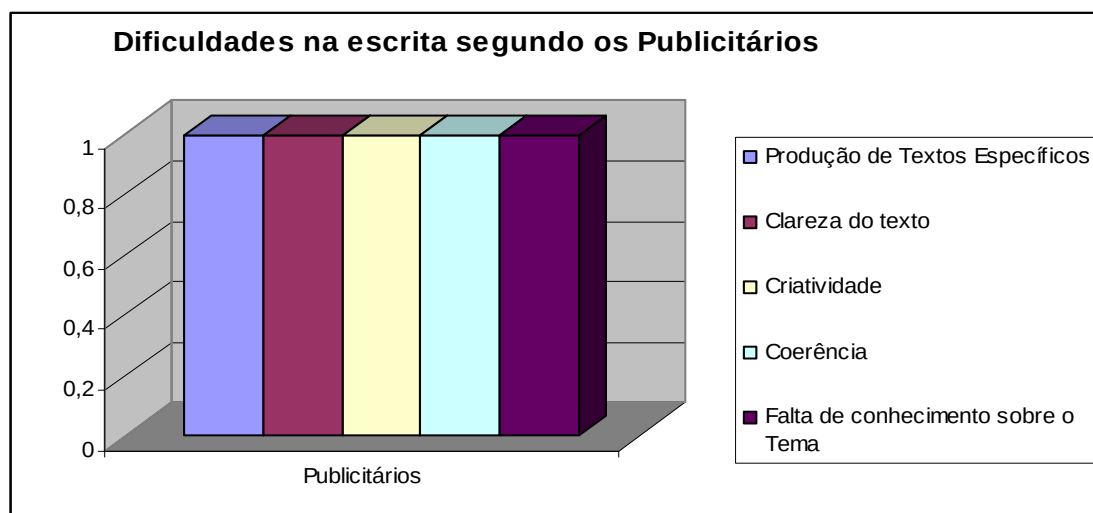
A entrevista buscou caracterizar, caso os entrevistados relatassem dificuldades na produção escrita, a natureza das dificuldades apresentadas. Os gráficos que se seguem mostram as dificuldades mencionadas, por cada grupo de profissionais:



Entre os jornalistas apareceram dificuldades para escrever textos em geral, e as dificuldades citadas são: regras gramaticais, objetividade do assunto e, principalmente, preocupação com a clareza do texto para o leitor. Apenas um jornalista relatou dificuldade somente para escrever textos específicos, no caso, relacionada aos assuntos que ele não domina. Os jornalistas que não apresentam dificuldades ao escrever textos (50%) afirmaram que existem dificuldades somente quando não há conhecimento suficiente sobre um assunto específico, e não em relação ao gênero.



Entre os advogados, dois mencionaram que muitas destas dificuldades na escrita estão atreladas somente a textos específicos, como em manifestações e contestações. Como dificuldades, todos apontaram o uso de termos técnicos, a coerência e a objetividade, além da clareza do texto em relação ao destinatário.

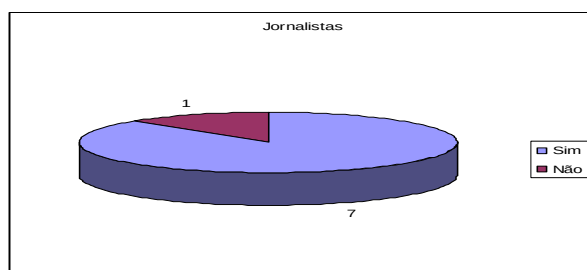


Apenas um publicitário afirmou ter dificuldade para escrever textos específicos, como os narrativos. Mesmo entre os que não mencionaram ter dificuldades com

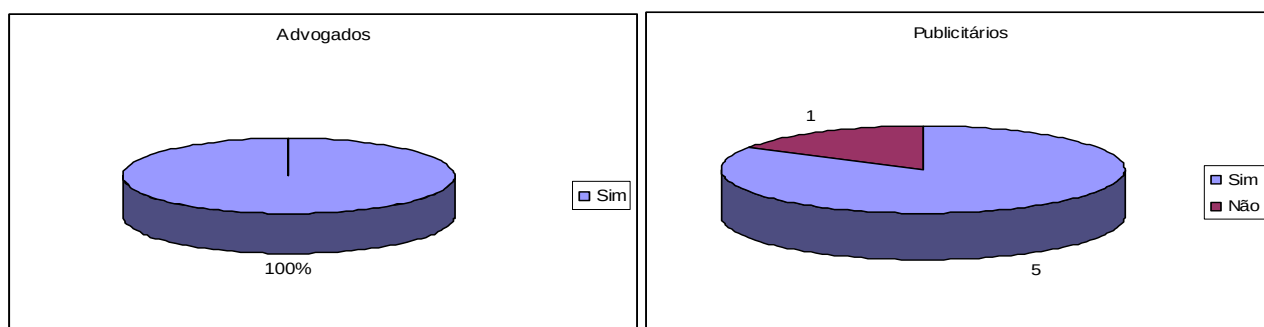
determinados textos, dois entrevistados mencionaram que a falta de conhecimento sobre um determinado assunto é que gera a dificuldade na produção textual.

5) O que aprimorariam nos textos e que profissional procurariam

Tendo em vista que o escopo de nossa pesquisa relaciona-se a uma forma de atuação fonoaudiológica que pode ser caracterizada como um trabalho com a “estética” da escrita, conforme classificação proposta por FERREIRA (2005b), pareceu-nos relevante investigar se os profissionais entrevistados avaliavam necessário um aprimoramento de seus textos. Os gráficos abaixo indicam as respostas dadas, de acordo com cada grupo profissional focalizado:

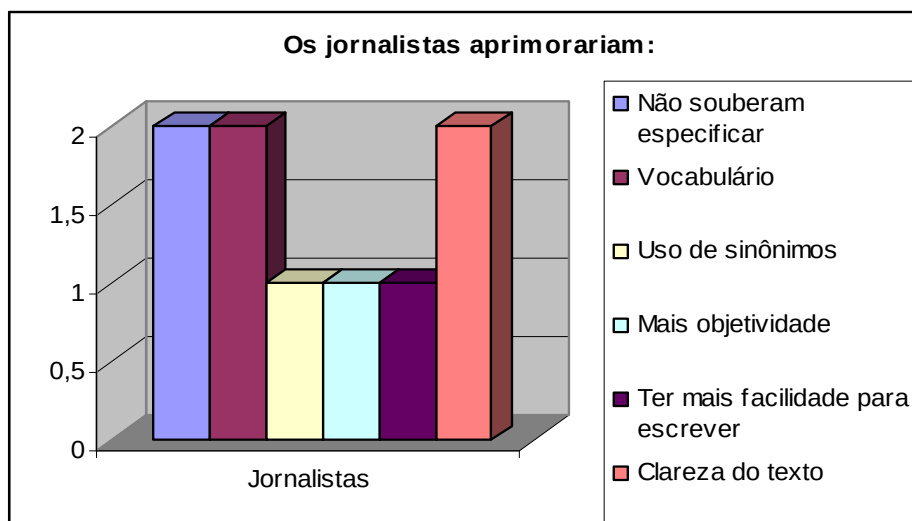


87,5% dos jornalistas gostariam de aprimorar seus textos, com exceção de um jornalista (12,5%) que não achou necessário aprimorar nenhum aspecto.

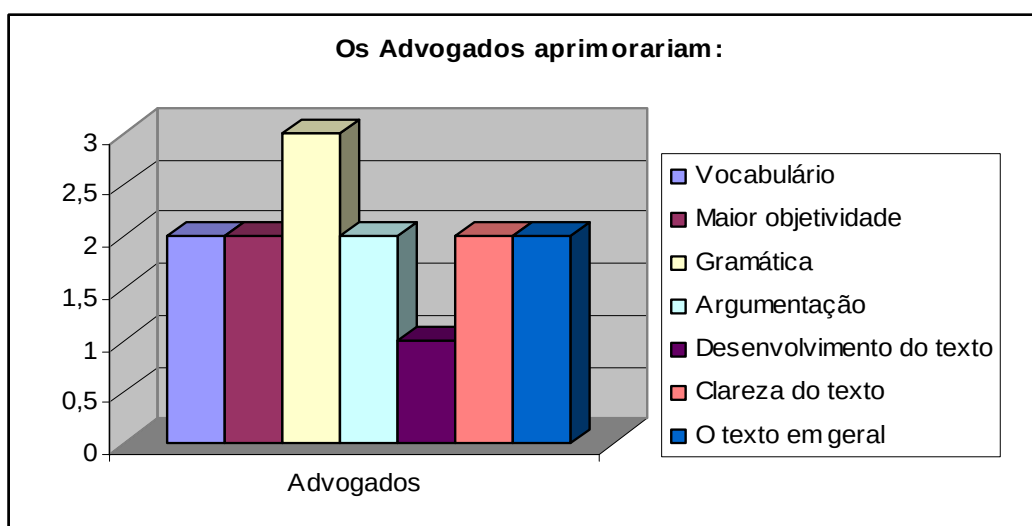


Entre os advogados, todos gostariam de aprimorar seus textos e entre os publicitários, apenas uma entrevistada (16,6%) não identifica aspectos a serem aprimorados em seu texto, de modo que (83,34%) deles buscariam o aprimoramento de seus textos.

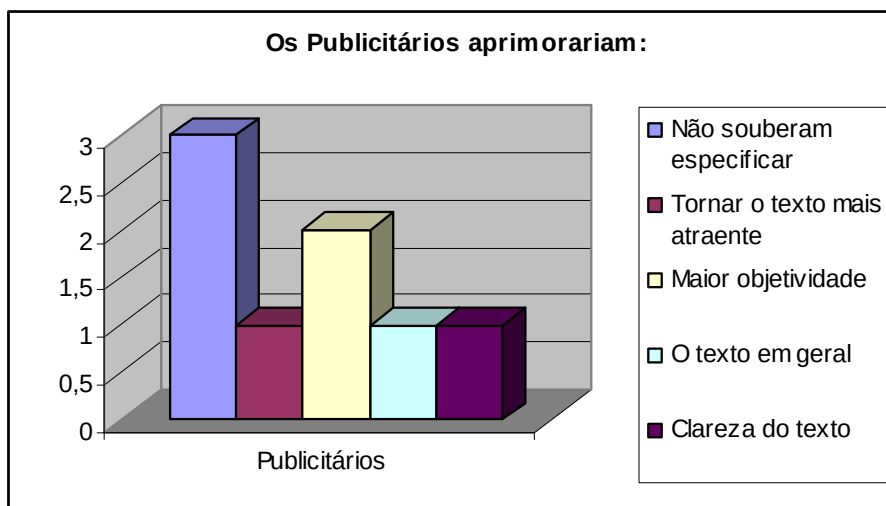
Em caso positivo, perguntamos aos profissionais quais aspectos desejariam aprimorar em seus textos. As respostas de cada grupo profissional encontram-se discriminadas nos gráficos abaixo:



Vocabulário e clareza do texto foram os aspectos predominantemente citados pelos jornalistas, seguidos por facilidade para empregar sinônimos e produzir textos mais objetivos.



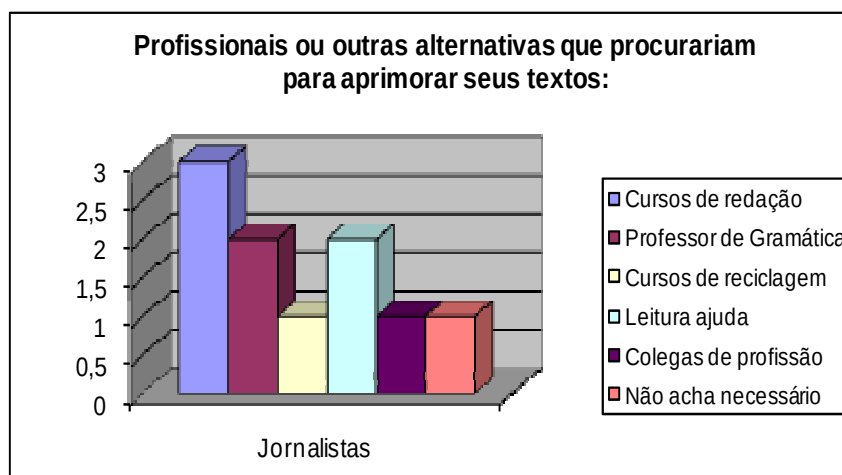
Os advogados afirmaram que gostariam de aprimorar a escrita em muitos aspectos, sobretudo, em relação aos aspectos gramaticais, mas também mencionaram o desejo de tornar o texto de fácil compreensão ao destinatário, no caso, o juiz.



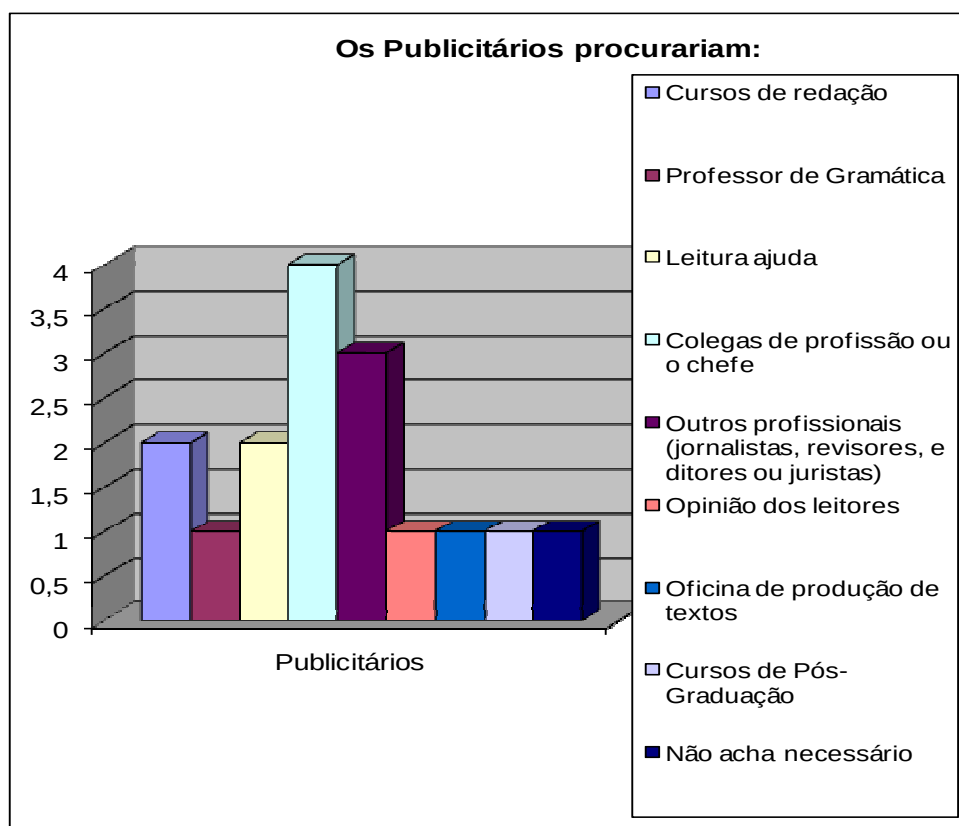
A busca pela objetividade nos textos foi o aspecto mais mencionado pelos publicitários, que também mencionaram a clareza do texto.

Profissionais (ou não) que procurariam para aprimorar seus textos:

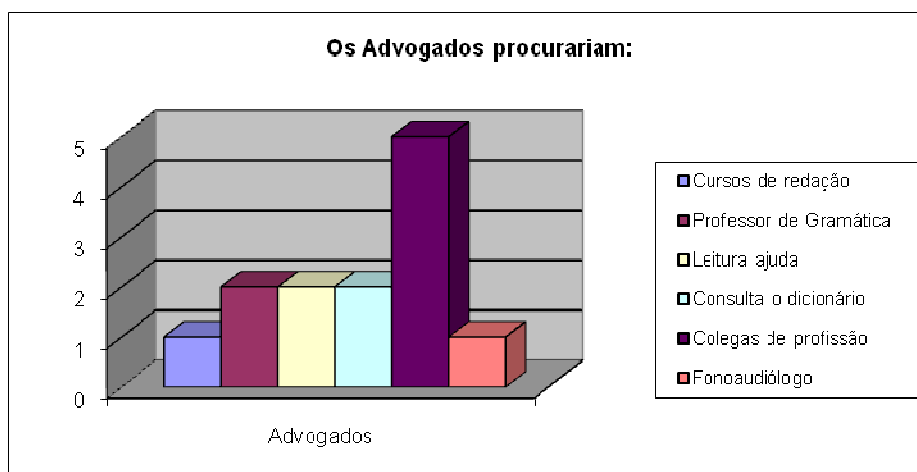
Relativamente, ao profissional que procurariam para aprimorar seus textos, os resultados mostram que o fonoaudiólogo não está entre os citados. Os gráficos abaixo mostram essa realidade, de acordo com cada grupo profissional investigado:



Dos jornalistas, somente 25% procuraram outros profissionais para aprimorarem seus textos, no caso, os professores de gramática, e o restante considera que a leitura, a consulta ao dicionário e aos colegas de profissão é suficiente ao processo de aprimoramento na escrita profissional. A maior parte, 30% dos jornalistas, afirmaram que procurariam cursos de redação.



Relativamente ao profissional que procurariam, 25% dos publicitários consultaria colegas de profissão ou o chefe e, 18,8% procuraria outros profissionais de diferentes áreas para aprimorarem seus textos. Um dos publicitários considera a opinião dos próprios leitores como um recurso de aprimoramento e outro entrevistado considerou importante participar de grupos de discussão e oficinas para trabalhar a escrita.

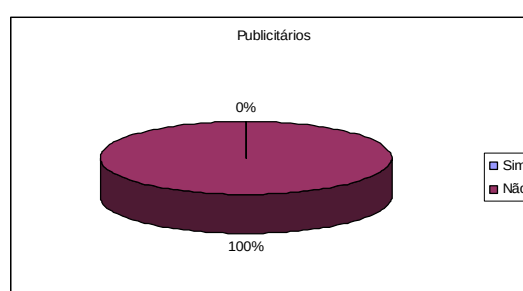
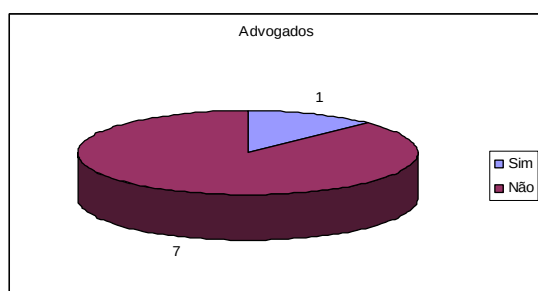
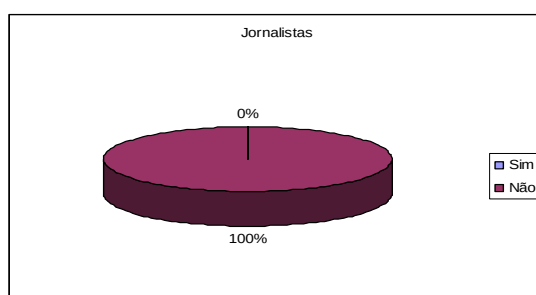


Em relação ao profissional que procurariam: 38,5% citaram os colegas de profissão, 15,4% procurariam os professores de gramática e 15,4% procurariam os cursos de redação. Apenas um advogado citou que procuraria um fonoaudiólogo para ajudá-lo a aprimorar a escrita profissional.

6) Sobre o conhecimento do trabalho fonoaudiológico neste campo e se procurariam fonoaudiólogo para isso

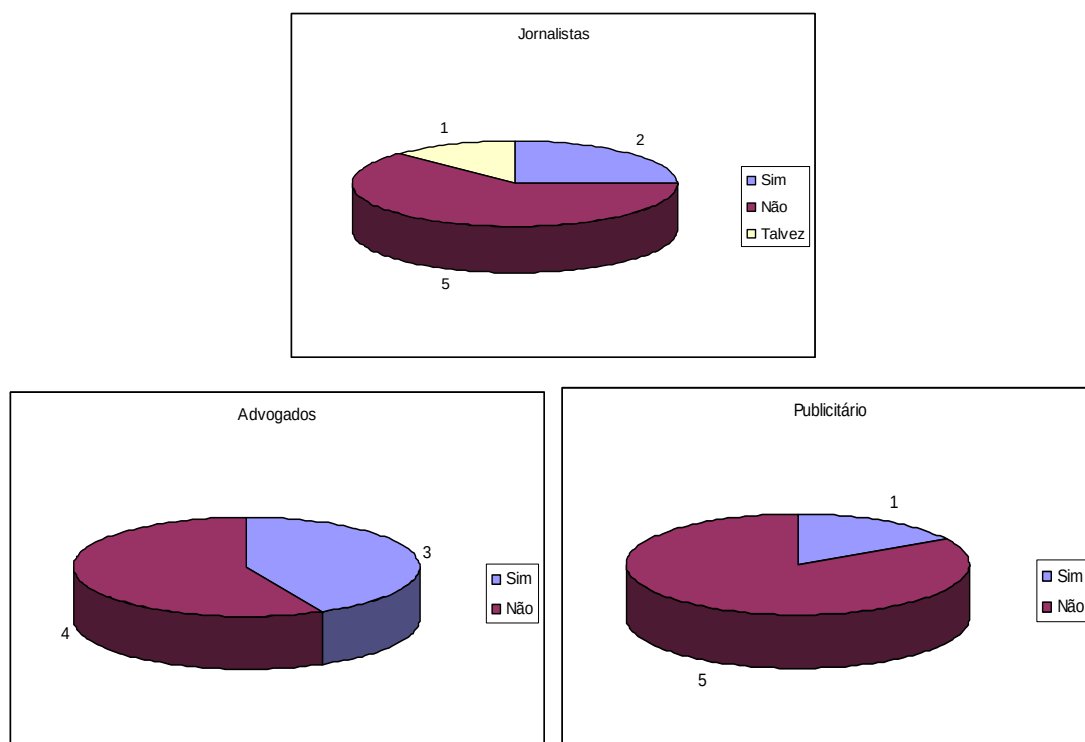
A) Conheciam o trabalho fonoaudiológico com os usos profissionais de escrita:

Os gráficos abaixo mostram que a quase totalidade dos profissionais entrevistados não conhece o trabalho fonoaudiológico com os usos profissionais da escrita.



Entre os jornalistas, nenhum deles tinha o conhecimento da atuação do fonoaudiólogo com o aprimoramento da escrita profissional, assim como os publicitários. Entre os advogados, somente um (12,5%) já tinha conhecimento sobre esse campo de atuação da fonoaudiologia.

B) Procurariam um fonoaudiólogo?



Dos jornalistas, dois (25%) afirmaram que procurariam o fonoaudiólogo e um afirmou que talvez também procurasse, porque com a entrevista, passaram a entender que o fonoaudiólogo também pode trabalhar com a estética da escrita.

Já entre os advogados, apenas um conhecia o trabalho nesse campo e afirmou que procuraria um fonoaudiólogo. No total, três (37,5%) afirmaram que procurariam o fonoaudiólogo para tratar da escrita, mesmo não conhecendo previamente este campo de atuação, e dois afirmaram que, a partir da entrevista, provavelmente buscariam este profissional. A maioria (62,5%) negou que procuraria o profissional fonoaudiólogo.

Entre os publicitários, apenas um (16,6%) afirmou que procuraria o fonoaudiólogo por ter compreendido que esta é uma atuação que também cabe a este profissional, mesmo sem nunca ter tido conhecimento sobre isso.

Da mesma forma que NIGRI (2006), nossos achados revelam que os profissionais entrevistados relacionam a fonoaudiologia ao trabalho com a fala ou com a comunicação.

Em relação à frequência com que os profissionais escrevem, pôde-se observar que, nas duas pesquisas, há produção escrita diária, oscilando de 01 a dez textos por dia, sendo que os jornalistas e os advogados estão entre os que mais escrevem. Tais dados, então, confirmam que jornalistas, publicitários e advogados são profissionais que usam a escrita para o exercício de suas profissões regularmente.

No que tange às dificuldades encontradas, NIGRI detectou que tanto os publicitários quanto os jornalistas citaram a “criatividade” como a principal dificuldade, dado este que não se revelou em nossos resultados. Enquanto em NIGRI, os publicitários mencionam dificuldades com a sinonímia e com a edição do texto, os publicitários por nós entrevistados não relataram qualquer dificuldade para escrever, exceto para iniciar um texto, caso não dominem o assunto. No entanto, tanto as entrevistas de NIGRI quanto as nossas apontaram que os advogados ressentem-se das dificuldades geradas pelo uso das regras gramaticais e pelo emprego de palavras sinônimas.

Um resultado bastante discrepante entre as duas pesquisas diz respeito às dificuldades para escrever estarem ou não relacionadas aos textos específicos ao exercício profissional. Enquanto para NIGRI²³, a maioria alega dificuldades para escrever textos específicos, em nossos achados isso ocorre com a minoria: um jornalista e dois advogados.

Outro quesito em que os resultados divergem diz respeito ao fato de os profissionais considerarem ou não que seus textos necessitam de aprimoramento. Em NIGRI, dos 12 entrevistados, apenas 3 responderam afirmativamente; já em nossos dados, todos os profissionais avaliam que seus textos podem ser aprimorados, com

²³ Cabe destacar que esta autora não quantificou os resultados de sua pesquisa, limitando-se a se referir à maioria dos entrevistados.

exceção de um jornalista (de um total de 8) e de um publicitário (de um total de 6). Na pesquisa de NIGRI, apenas um jornalista soube referir o aspectos em que aprimoraria seu texto; no caso, “criatividade” e “regras gramaticais”; já em nossa pesquisa, os entrevistados foram mais específicos: os advogados aprimorariam aspectos gramaticais e gostariam de tornar seus textos mais compreensíveis ao leitor; no caso, o juiz. Os jornalistas e os publicitários citaram a clareza e a objetividade dos textos, como aspectos a serem aprimorados.

NIGRI (2006) indagou apenas aos profissionais que sentiam dificuldades para escrever se procurariam um profissional para ajudá-lo, mas não fez esta questão relativamente ao aprimoramento dos textos. No caso dos profissionais que apresentavam dificuldades para escrever (7 de um total de 12), apenas um procuraria um profissional para auxiliá-lo, mas não soube especificar de qual especialidade. Já em nossa pesquisa, cinco entrevistados (2 advogados, 2 jornalistas e 1 publicitário) identificaram o professor de Gramática como o profissional para tratar das dificuldades com a escrita.

Quando questionados sobre qual profissional procurariam para aprimorar seus textos, as respostas revelaram um resultado curioso: tanto os advogados quanto os publicitários mencionaram os “colegas de profissão”, enquanto os jornalistas mencionaram cursos de redação.

Assim como concluído por NIGRI (2006), nossos dados também revelam que os profissionais entrevistados não conhecem o trabalho que o fonoaudiólogo realiza com a linguagem escrita.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi constatado que para os entrevistados (advogados, jornalistas e publicitários), o uso da escrita está presente diariamente como ferramenta fundamental para o exercício de suas respectivas profissões. É necessário o domínio de diferentes estilos de escrita, pois geralmente produzem vários tipos de textos específicos na rotina de trabalho, e precisam lidar com diferentes gêneros discursivos diariamente. Deste modo, pode-se afirmar que existe um “uso profissional da linguagem escrita”, a exemplo do que demonstrou a literalização fonoaudiológica, em trabalhos como os de ALGODOAL; ALLOZA, 2005; GAYOTTO, 2005 ou KYRILLOS, 2005, acerca da existência de um “uso profissional da voz”.

Apesar de terem aparecido nas entrevistas dificuldades relacionadas a um texto específico (a maioria) ou a textos em geral, grande parte dos entrevistados apresenta dificuldades para elaborar um texto, cujo assunto não seja do seu domínio. Esse dado remete-nos ao trabalho de PANICO (2005), quando esta autora alega que, ao se estabelecer uma interface com outras profissões (artes cênicas, jornalismo, música, comunicação social, entre outras), é preciso estudá-las e compreendê-las em essência para que a atuação com os profissionais seja adequada. Assim, se o fonoaudiólogo desejar ampliar suas possibilidades de atuação com os usos profissionais da escrita, terá, necessariamente, que dominar os gêneros discursivos que aquele profissional precisa escrever, de modo a ser capaz de intervir na forma composicional, no estilo e, sobretudo, na temática (o que dizer) daquele texto.

Os profissionais entrevistados também mencionaram, como dificuldades encontradas na produção de seus textos, os aspectos gramaticais, a objetividade e a preocupação com a clareza do texto. Um aspecto relevante neste estudo diz respeito ao quanto foi mencionado pelos entrevistados a preocupação com o leitor, ou seja, a preocupação com sua escrita na perspectiva daquele que irá ler seu texto, para que este leitor possa entender claramente da mesma forma como o autor entende o próprio texto.

Muitos citaram a procura por cursos para melhorar a técnica de redação e a gramática, e identificaram os próprios colegas de profissão e os professores de Língua Portuguesa como os profissionais capazes de auxiliá-los neste processo.

Neste estudo, foi constatado que os profissionais entrevistados (advogados, jornalistas e publicitários), em sua grande maioria, não têm conhecimento sobre a abrangência da atuação fonoaudiológica. Muito se sabe do trabalho que é feito com a voz, com a fluência e com os distúrbios da fala para a reabilitação e o desenvolvimento da comunicação, mas o trabalho com a linguagem escrita é menos conhecido e aquele com o aprimoramento dos usos profissionais da escrita é praticamente desconhecido.

O trabalho fonoaudiológico que visa aprimorar um uso que "já está bom" é o contrário do que a maioria conhece a respeito do campo de atuação deste profissional, ou seja, que ele lida com as patologias. Esta pesquisa mostrou que ainda há pouco conhecimento sobre ao trabalho não-clínico que a Fonoaudiologia também exerce.

Os dados acima permitem, a nosso ver, uma comparação com o cenário por nós identificado na literalização fonoaudiológica acerca dos trabalhos com a voz e com a linguagem escrita. Se pensarmos na história de constituição da atuação fonoaudiológica com a voz, percebemos que a possibilidade de atuação com os usos profissionais da voz, num trabalho que visa ao aprimoramento da voz, só tomou fôlego na década de 1990. A partir deste momento, começam a se intensificar aqueles trabalhos que não mais tomam a voz na sua dimensão fisiológica, mas sim como forma de expressividade (FERREIRA 2005a, 2005b) ou como aspecto inalienável da interlocução (MÄRTZ, 2004), o que, segundo estas mesmas autoras, permite afirmar que se trata de um trabalho com a linguagem.

Parece-nos, então, que, enquanto a linguagem escrita é tomada em seus aspectos formais (regras gramaticais, elementos coesivos e objetividade), ou ela não é tida como um objeto de atuação fonoaudiológica, haja vista que os entrevistados mencionam os professores de português como os profissionais a serem procurados, ou ela passa a ser da alçada do fonoaudiólogo, caso haja uma dimensão patológica a ser tratada.

Para que a fonoaudiologia alcance em relação à linguagem escrita o mesmo *status* que alcançou em relação à voz ou à linguagem oral (cf., por exemplo, PASTORELLO, 2005a; 2005b), será necessário que a linguagem escrita seja vista como forma de expressão. Quando os entrevistados mencionam a preocupação com a interpretação do texto pelo seu leitor parece-nos que é disso que se trata, ou seja, uma preocupação que incide menos nos aspectos formais, para debruçar sobre os aspectos discursivos. A clínica da significação (PALLADINO, 1990), já realizada com a escrita por alguns autores (DAUDEN; MORI-de ANGELIS, 2004; MASINI, 2004), permite esse tipo de trabalho, em que a relação do sujeito com a escrita é considerada. Assim, entendemos que o fonoaudiólogo está apto a desenvolver um trabalho com o aprimoramento da escrita — e não apenas com seus desvios —, tal como o desenvolvido por PERROTA (2004), se priorizar a dimensão discursiva da linguagem escrita.

Apesar de quase todos os entrevistados (com exceção de um) nunca ter imaginado a atuação do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita, e tampouco, terem pensado em procurar este profissional para tratar da estética da escrita, um dos achados deste estudo foi o quanto os entrevistados começaram a pensar em como se dá esta atuação, a partir das entrevistas.

Se, por um lado, é possível supor que a própria entrevista — dada a ordem das perguntas — possa ter induzido os entrevistados a essa reflexão; por outro lado, esse fato mostra que, se devidamente divulgada, a atuação fonoaudiológica com os usos profissionais da escrita, considerada legítima por nós, pode consolidar-se, a exemplo do que já ocorreu com os usos profissionais da voz e da linguagem oral.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGODAL, Juliana; ALLOZA, Renata Garcia Voz na Empresa. In: FERREIRA, Léslie Piccolotto; BEFI-LOPES, Débora Maria; LIMONGI, Suely Cecília Olivan (org.) *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca, 2005: 170-176.

DAUDEN, Ana Tereza Brant de Carvalho; MORI-de ANGELIS, Cristiane Cagnoto. Linguagem Escrita: Quando se escreve, como fazê-lo e para quê? – Reflexões sobre a prática fonoaudiológica. In: JUNQUEIRA, Patrícia; DAUDEN, Ana Tereza Brant de Carvalho *Aspectos atuais em Terapia Fonoaudiológica*. São Paulo: Pancast, 2002: 49-58.

DAUDEN, Ana Tereza Brant de Carvalho; MORI-de ANGELIS, Cristiane Cagnoto. Leitura e escrita: Uma questão para fonoaudiólogos? In: — (org). *Linguagem Escrita: Tendências e Reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico*. São Paulo: Pancast, 2004: 37-63.

FERREIRA, Léslie Piccolotto. Assessoria fonoaudiológica aos profissionais da voz. In: FERREIRA, Léslie Piccolotto; BEFI-LOPES, Débora Maria; LIMONGI, Suely Cecília Olivan (org.). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca, 2005a:138-149

FERREIRA, Léslie Piccolotto Expressividade – a trajetória da Fonoaudiologia Brasileira. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues (org) *Expressividade – da teoria à prática*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005b: 1-14.

GAYOTTO, Lúcia Helena da Cunha. Fonoaudiologia no teatro: Estados da voz. In: FERREIRA, Léslie Piccolotto; BEFI-LOPES, Débora Maria; LIMONGI, Suely Cecília Olivan (org). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca, 2005: 166-169.

KYRILLOS, Leny Rodrigues. Voz na mídia. In: FERREIRA, Léslie Piccolotto; BEFI-LOPES, Débora Maria; LIMONGI, Suely Cecília Olivan (org). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca, 2005:150-161

MÄRTZ, M. L. W. Alterações de voz e gagueira: problemas de linguagem? *Revista Distúrbios da comunicação*, São Paulo, v.16, n.2, p.241-245, 2004.

MASINI, M. L. H. Considerações sobre o processo terapêutico fonoaudiológico no trabalho com a escrita. In: DAUDEN, Ana Tereza Brant de Carvalho.; MORI-de ANGELIS, Cristiane Cagnoto (org.). *Linguagem Escrita: Tendências e Reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico*. São Paulo: Pancast, 2004: 65-85

NIGRI, LÍlian Zeitune *Aprimorando os usos profissionais da escrita: Um campo para o Fonoaudiólogo?* Trabalho de Conclusão de Curso em Fonoaudiologia. São Paulo: PUC-SP, 2006.

PALLADINO, Ruth Ramalho Ruivo A cena clínica: leituras possíveis, 1990. (Texto inédito).

PANICO, Adriana Campos Balieiro Expressividade na fala construída. In: KYRILLOS, L.eny Rodrigues. (org) *Expressividade – da teoria à prática*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005: 43-56.

PASTORELLO, Lucila Maria Assessoria fonoaudiológica a executivos estrangeiros. In: CÉSAR, Carla Patrícia Hernandes Alves Ribeiro; CALHETA, Patrícia Prado. *Assessoria e fonoaudiologia - perspectivas de ação*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005a: 57-66

PASTORELLO, Lucila Maria Expressividade no uso do Português como língua estrangeira. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues. (org.) *Expressividade – da teoria à prática*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005b: 255-266.

PERROTA, Cláudia. *Um texto para chamar de seu: Preliminares sobre a produção do texto acadêmico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERROTA, Cláudia; MASINI, Maria Lúcia Hage; MÄRTZ, Maria Laura Wey. O trabalho terapêutico fonoaudiológico com a linguagem escrita: considerações sobre a visitação a gêneros discursivos. *Revista Distúrbios da comunicação*, São Paulo, v.16, n.2, p.181-193, 2004.

SANTOS, Maria Thereza Mazzorra; NAVAS, Ana Luíza Gomes Pinto. Distúrbios de leitura e escrita. In: — (org) *Distúrbios de Leitura e Escrita - Teoria e Prática*. São Paulo: Manole, 2002a: 27-62.

SANTOS, Maria Thereza Mazzorra; NAVAS, Ana Luíza Gomes Pinto. Terapia de Linguagem Escrita. In: — (org) *Distúrbios de Leitura e Escrita - Teoria e Prática*. São Paulo: Manole, 2002b:191-221

TEDESCO, Mirna Reni Marchioni. Diagnóstico e terapia dos distúrbios do aprendizado da leitura e escrita. In: LOPES FILHO, Otacílio de Carvalho (org.). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 1997:907-924.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1934] 1991.

ZORZI, J. L. Dislexia, Distúrbios da Leitura-Escrita. De que estamos falando?. In: *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, Volume III, 1996:181-194.

VIII. BIBLIOGRAFIA

ALLOZA, Renata Adriana Garcia.; WAITMAN-SALZSTEIN, Riva Braverman; FERREIRA, Léslie Piccolotto. O Fonoaudiólogo no Telemarketing: Expectativas e Realidade. In: FERREIRA, L. P.; COSTA, Henrique Olival. *Voz Ativa –Falando sobre o profissional da voz*. São Paulo: Roca, 2000: 21-37.

FERREIRA, Léslie Piccolotto NASCIMENTO, Maria Aparecida. A voz num contexto não terapêutico: Visão do fonoaudiólogo. In: FERREIRA, Léslie Piccolotto; COSTA, Henrique Olival. *Voz Ativa – Falando sobre o profissional da voz*. São Paulo: Roca, 2000: 163-180.

MÄRTZ, Maria Laura Wey; MASINI, Maria Lúcia Hage; PERROTA, Cláudia. *Histórias de contar e de escrever – A linguagem no cotidiano*. São Paulo: Summus, 1995.

PENTEADO, Regina Zanella. Comunicação mediática e o uso profissional da voz: Caracterização vocal de locuções publicitárias. In: *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, vol. III, 1996: 597-605

SABBAG, Bianca Henriques. *A clínica com a linguagem escrita : (Re)Pensando a prática fonoaudiológica*. Trabalho de Conclusão de Curso em Fonoaudiologia. São Paulo: PUC-SP, 2002.

IX. ANEXOS

a) Anexo 1 - Carta para obtenção do consentimento livre e esclarecido para pesquisas que envolvam: adultos e questionário (sem avaliação)

Caro(a) Senhor(a)

Eu, Cristiane Cagnoto Mori-De Angelis, Fonoaudióloga, portadora do CIC 119114618-93, RG,17241089-7 estabelecida na, Rua Natal, nº 553, Apto. 11; Bairro Leopoldina; Cidade de Santo André, CEP,09195-310, cujo telefone de contato é (11), 4972-4932 vou desenvolver uma pesquisa cujo título é A atuação do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita : um campo em "construção" dentro da Fonoaudiologia. O objetivo deste estudo é o de discutir sobre a atuação do fonoaudiólogo com os usos da escrita profissional, de modo a destacar o papel que ele pode desempenhar com os profissionais que se utilizam diariamente da linguagem escrita como ferramenta de trabalho, e necessito que o Sr.(a). forneça informações a respeito da forma como se utiliza da escrita no exercício de sua profissão.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará apenas de uma entrevista semi-estruturada com perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e que não determinará qualquer risco ou desconforto.

Sua participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito do trabalho fonoaudiológico com os usos profissionais da escrita, o que, em futuros tratamentos fonoaudiológicos, poderá beneficiar outras pessoas, além de incrementar a produção do conhecimento fonoaudiológico relativo a esse campo de trabalho.

Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento adotado (a entrevista semi-estruturada) e que possa ser mais vantajoso para a realização da pesquisa.

Informo que o Sr(a). tem a garantia de acesso, em qualquer e tapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com a pesquisadora através do telefone acima especificado.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem haver qualquer prejuízo para sua pessoa. Garanto que as informações obtidas nas entrevistas serão analisadas somente por mim e por minha professora-orientadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes.

O Sr(a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e, caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.

Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que li, descrevendo o estudo A atuação do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita: um campo em "construção" dentro da Fonoaudiologia.

Eu discuti com a pesquisadora Renata Barbosa Ribeiro sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Nome:

Endereço:

RG:

Fone: ()

_____ Data ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

b) Anexo 2 - Entrevista com Advogados

P: Pesquisadora

E: Entrevistado

1ª entrevista

T.S.G - Tempo de atuação: 6 anos e meio

P: Você conhece o fonoaudiólogo?

E: Não

P: Com o que você diria que o profissional fonoaudiólogo trabalha? O que você acha?

E: A função do fonoaudiólogo? Eu não conheço muito da função do fonoaudiólogo, mas quando se tem algum problema de audição todo mundo conhece o fonoaudiólogo. Por exemplo, no meu caso, é esse conhecimento que eu tenho, na forma de linguagem isso também. Eu imagino que deva ter profissionais que procuram o fonoaudiólogo para melhorar sua linguagem.

P: Então você acha que ele trabalha com que tipo de problema?

E: Problemas auditivos, problemas de linguagem... da fala.

P: Você já ouviu falar que trabalha com problemas de gagueira?

E: Também.

P: Problemas de voz?

E: Não, problemas de voz não.

P: Dificuldades na escrita?

E: Não.

P: Nunca ouviu falar, e problemas de deglutição?

E: Não.

P: Leitura?

E: Não.

P: Alguma outra coisa que você acha?

E: O meu conhecimento é só esse

P: Trabalhando na sua área, você tem certa frequência para escrever textos?

E: Tenho, a frequência é diária.

P: Qual é a frequência, a média de textos que você escreve por dia?

E: A quantidade é grande porque a rotina do trabalho no Direito como base é só na escrita e na redação... então é muito grande, mas para fundamentar sua pergunta, em média como assim?

P: A média quantos textos, a quantidade de textos por dia.

E: Cerca de 10.

P: Que tipo de texto?

E: Peças processuais em geral.

P: Tem relatórios também?

E: Relatório não sou eu quem faço na minha função, mas tem os advogados que fazem o relatório processual, que o cliente pode solicitar, e esse relatório é um resumo de como anda o processo. Já no meu caso eu não faço o relatório, eu faço as peças processuais mesmo.

P: Você já chegou a fazer alguma outra coisa de escrita?

E: Não, só peças mesmo.

P: Para escrever, você sente alguma dificuldade?

E: Não, apesar de que pouco tempo na experiência na advocacia eu tenho aprendido muito sobre a leitura. Não me considero perfeccionista na gramática, na leitura, no vocabulário, mas a cada dia, conforme a função, cinge a linguagem jurídica e eu vou me aperfeiçoando.

P: Então você não encontra nenhum tipo de dificuldade?

E: Não, no momento não, só o aprendizado diário que cada dia a gente vai aprendendo mais. Quando eu tenho alguma dificuldade eu me "decorro" (sic) ao 'pai dos burros', dicionário.

P: Então quando você encontra alguma dificuldade, qual seria essa dificuldade?

E: Uma conjunção verbal.

P: Coisa que você pode procurar no dicionário.

E: Até uma palavra difícil... Até porque a linguagem jurídica é mais formal, então a gente busca uma palavra bem formal, para os parâmetros dos juízes.

P: Algum outro tipo de ajuda você já tentou? Ajuda de alguma pessoa ou profissional?

E: Eu consulto os colegas mais experientes e eles dão uma ajuda pra mim.

P: Então é entre os colegas de profissão?

E: Isso, de profissão, nunca procurei alguma ajuda fora da minha profissão.

P: Você acha que procuraria um fonoaudiólogo para ajudar com algumas dificuldades?

E: Como eu te disse, eu não sei todas as funções do fonoaudiólogo, mas se você me disser e realmente eu ver que pode me ajudar, acho que eu procuraria sim.

P: Talvez você procuraria se você conhecesse o trabalho... Você conhece esse trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita ou é novidade?

E: Para mim é novidade.

P: Você acha que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Alguma coisa acho que sim.

P: Você saberia dizer o que? Por quê?

E: Acho que mais para a forma verbal, nem tanto a escrita.

P: Conseguiria dar um exemplo?

E: É que normalmente as pessoas usam o gerúndio para conversar, e é uma forma errada e esquisita, e dentro da linguagem jurídica isso não cabe, o gerúndio joga fora, mas... acho que no trabalho fonoaudiológico se poderia fugir um pouco disso.

P: O que você imagina que é o trabalho do fonoaudiólogo com os profissionais e com a escrita como ferramenta de trabalho?

E: Não consigo imaginar.

2ª entrevista

J.M.M. - Tempo de atuação: 3 anos

P: Você conhece quem é o profissional fonoaudiólogo?

E: Eu sei que o profissional fonoaudiólogo mexe com a fala, eu não sei especificamente o que ele faz, mas eu conheço algumas pessoas que tem dificuldade na fala, problemas de comunicação, língua presa e que precisam fazer fono, agora mais detalhes sobre a área eu não conheço.

P: Pelo que você conhece, com o que você diria que o fonoaudiólogo trabalha?

E: Com casos de pessoas que tem a língua presa, que tem dificuldade na fala, acho que às vezes até com pessoas deficientes também eu acredito, e com pessoas que tem dificuldade na comunicação em geral, de se expressar... acredito que seja isso.

P: Tenho aqui algumas alternativas que você pode responder o que você acha que trabalha, sim ou não. Com gagueira?

E: Sim, acho que sim.

P: Problemas de voz?

E: Acho que sim.

P: Dificuldades na escrita?

E: Acho que não.

P: Problemas de audição?

E: Acho que não.

P: Problemas de deglutição?

E: Acho que sim.

P: E de leitura?

E: Acho que não.

P: Você trabalhando freqüentemente escreve textos. Com que freqüência por dia? Qual é a média?

E: Eu escrevo muito, muito, muito, porque no Direito as pessoas costumam achar que você tem que ler bastante, e realmente tem que ler muito mesmo na faculdade, mas na prática, quando você está atuando, acabamos escrevendo muito mais. Porque a gente precisa elaborar peças, contratos, recursos, defesas iniciais, então a gente acaba escrevendo muito e a escrita para mim é fundamental. Principalmente para mandar e-mails, a gente trabalha muito com e-mail, e a escrita é fundamental, eu escrevo o dia inteiro. Se você me perguntar qual é a freqüência, é o dia inteiro. Lógico, faço audiências também, mas todo dia eu escrevo para o trabalho.

P: Você tem idéia de quantos textos escreve por dia?

E: Mais ou menos em média de 3 a 4 textos e mais os e-mails e tem mais peças que eu tenho que fazer, em média de 3 a 4 textos por dia.

P: E que tipo de texto você escreve?

E: São termos técnicos que a gente usa, mas a gente faz defesa, uma petição inicial, porque tudo que você tem no processo, tudo o que você vai pedir para o juiz a gente tem que fazer tudo por escrito, então isso chama uma petição. Então a gente tem que fazer muita petição, petição inicial, muita defesa, contrato, recurso. Essas são as peças básicas que a gente faz: Defesa, recurso, petição, manifestação, são mais ou menos esses tipos de coisa que a gente faz na área. Você começa a pegar a escrita de um advogado não é do dia para a noite, é uma outra escrita, são termos técnicos.

P: Você sente dificuldade para escrever?

E: A maior dificuldade que ainda tenho hoje é você tentar expressar aquilo que você está pensando, essa é a maior dificuldade, não é nem nas peças porque isso a gente acaba conseguindo, às vezes é mais na elaboração de um e-mail mesmo. Quando a gente vai aconselhar um cliente se a gente deve recorrer ou não. Você precisa usar todos os termos, todas as palavras precisam ser muito bem definidas porque a outra pessoa não sabe o que você está vendo, o que está pedindo, então a maior dificuldade que eu acredito que hoje eu tenho é na simples elaboração de um simples e-mail para o cliente, aconselhando e até propondo os meus trabalhos.

P: São esses os tipos de dificuldade que você tem, e desses textos que você escreve mais, a petição, tem alguma dificuldade que você encontra?

E: Eu encontrei dificuldade quando eu comecei, estagiando no segundo ano eu tinha bastante dificuldade, mas os meus chefes acabaram me ajudando muito a evoluir, e eu acabei lendo muito os textos dos meus próprios chefes e nesse ponto, eu acho que acabei evoluindo, e em relação à peça eu não tenho mais dificuldade. Parece até brincadeira, mas o que eu tenho mais dificuldade mesmo é na elaboração de um e-mail hoje em dia, para um cliente. Eu acho que é muito fácil você acabar sendo mal interpretado num e-mail, você pedir um a coisa e a pessoa entender outra. Por isso que quando você vai mandar um e-mail todas as palavras precisam estar muito claras para a pessoa que está do outro lado, para ela entender o que você quer dizer. Às vezes uma simples palavra ou uma simples vírgula colocada errado no e-mail, você pode acabar sendo mal interpretado. Hoje em dia é um das maiores dificuldades, mas eu sei que com o tempo eu vou acabar evoluindo, aprendendo e etc.

P: Você identifica outras dificuldades para escrever fora os e-mails? Você acha que é só no e-mail, um específico, ou textos em geral?

E: Hoje o mais difícil é o e-mail, às vezes até para você fazer uma carta mais elaborada, alguma manifestação mais elaborada. Nem digo que é dificuldade, mas é que leva mais tempo para você saber usar as palavras certas, e no Direito, escrevemos muito, então a gente acaba evoluindo muito. Além do e-mail, eu acredito que uma carta mais elaborada, um a manifestação mais elaborada, aí pode ser que complique um pouco.

P: Você já pensou em procurar ou já procurou um profissional para te ajudar?

E: Não, eu nunca procurei pelo fato de ter feito estágio desde o segundo ano, e por eu sempre ter um profissional advogado ali do lado para me ajudar. De certa forma, eu tinha uma pessoa que me ajudava, que era sempre o meu chefe, era ele que eu procurava. Todos os chefes que eu tive me ajudaram a evoluir na escrita.

P: Essa ajuda era dos advogados mesmo? Por quê?

E: Porque era da área, e pelo fato deles saberem o que eu queria dizer, então acabava sendo mais fácil procurar um advogado mesmo.

P: Você procuraria um fonoaudiólogo para ajudar nessas dificuldades?

E: Eu acho que ajudaria sim, porque como eu disse, se eu acho que o fonoaudiólogo ajuda na comunicação geral, eu acredito que ajudaria sim. Se o fonoaudiólogo conseguir acertar suas idéias, vai ser muito mais fácil para você elaborar o texto final, então pensando por esse lado eu acredito que seja possível procurar sim.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Nunca ouvi falar, com o uso profissional não, mas o que eu acredito é que pelo fato de ajudar na comunicação, de vocês ajudarem na comunicação, eu acredito que isso ajuda também na escrita, mas eu não sei como funciona esse trabalho, não tenho idéia de como vocês fariam isso, para ajudar na escrita.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Até meu chefe me alerta de que é preciso ser aprimorado no sentido de eu conseguir ir mais direto ao ponto. Às vezes eu quero falar alguma coisa e eu acabo não indo tão direto naquilo que eu quero falar, e acabo falando outras coisas antes que não são tão importantes naquele texto. Meu chefe já disse umas vezes que eu preciso tentar ser mais direta naquilo que eu escrevo, colocar 'menor' as idéias, de modo a você conseguir até enumerar tudo aquilo que você está querendo dizer e não ficar fazendo rodeios antes de falar alguma coisa importante, e isso eu acho que eu preciso aprimorar, acho que é importante.

P: Você já pensou em procurar ou já procurou um profissional que pudesse ajudá-lo a aprimorar seu texto?

E: Já fiz na época do vestibular, eu procurei na verdade uma professora de redação, que ajudou bastante porque ela me ensinou muitas coisas que eu acabo usando até hoje, como por exemplo, não usar verbos de ligação nos textos, e também o 'que' né, o '*queísmo*', e ajudou a me dar aquele suporte básico, e eu acredito ter ajudado bastante. Faz tempo que eu fiz, mas até hoje eu lembro algumas coisas que me ajudam.

P: Você já ouviu falar nesse trabalho de aprimoramento que pode ser feito pelo fonoaudiólogo?

E: Para ser sincera eu nunca ouvi falar, então foi o que eu disse, eu sabia que vocês mexem com a comunicação e pensando por esse lado, eu acredito que dá sim para aprimorar a escrita, claro. Você me perguntou quais profissionais eu procurei, e eu procurei advogados, fui no curso de redação, e não tinha pensado em ir num fono, mas agora pensando por esse lado, eu acredito que seja viável procurar um fono, porque eu nunca tinha pensado nisso, por que eu não conheço.

3ª entrevista

R.M.S.R. - Tempo de atuação: 4 anos de meio

P: O que você conhece sobre o fonoaudiólogo? Com o que você diria que este profissional trabalha?

E: Eu entendo como um profissional que cuida da fala, da comunicação verbal e das dificuldades. Ele trabalha para minimizar as dificuldades ou sanar problemas que a pessoa eventualmente tem com a comunicação verbal, ou que tenha problemas até físicos que melhore com exercícios que possa fazer ,é uma idéia bem vaga que eu tenho.

P: Olhando algumas alternativas, qual você diria que também é uma área de atuação?

E: Todas elas! Gagueira está relacionada, problema de voz também sim porque eu conheço várias pessoas que já tiveram problemas de rouquidão, de sumir a voz e voltaram a reeducar as cordas vocais e tudo mais. Dificuldade na escrita também porque existe uma sincronia entre a fala e a escrita no raciocínio, no aprendizado da criança não é? Isso na escola eu acho que deve ter alguma coisa. Tem pessoas que escrevem conforme falam, tem uma certa associação aí. Os distúrbios da audição com relação à fala também existem, porque se você não escuta perfeitamente, você vai ter dificuldade de transcrever aquilo e reproduzir verbalmente também, eu acho que está tudo muito associado. Problemas de deglutição eu também acho porque com esse problema eu já soube que esse aparelho que a gente tem aqui (indica a mandíbula), essa coisa do maxilar e tal, eu acho que tem sim, mesmo que remotamente. Comunicação com certeza. A Leitura, essa coisa da escrita e da leitura acho que está tudo muito relacionado.

P: Qual é a média de textos que você escreve por dia e profissionalmente?

E: Eu acredito que a escrita para o advogado é a finalização de todo um processo de pensamento, de arquitetura mesmo, como eu poderia dizer? O advogado quando pega uma causa, ele vai estudar muito aquilo, ele vai procurar, fazer pesquisa, então quando ele transcreve essa última etapa, da escrita, é onde ele coloca toda aquela gama de procedimentos, ele transcreve, coloca no papel tudo o que ele pesquisou relativo ao caso. Então ele pode escrever às vezes apenas uma Petição por dia,mas isso dura 2 ou 3 dias para fazer, e às vezes tem dia que você tem outro prazo e você escreve várias coisas: uma manifestação, uma petição, uma contestação, um recurso ou contra razão de recurso, então é dependendo do seu dia, uns 5 ou 6 tipos, fora as comunicações e os e-mails.

P: E que tipo de texto você escreve?

E: Os textos para os advogados são textos muito específicos, então eles têm nome. Pode ser uma Petição, uma contestação, uma apelação, um recurso, uma manifestação, uma réplica, mais ou menos isso. Cada peça, isso é chamado de peça, então cada peça dessa, dependendo do caso, pode ter 5, 6, 7 laudas, entendeu? Uma manifestação pode ser uma página, de repente.

P: Você sente alguma dificuldade para escrever esses textos? Se sim, que dificuldades são?

E: Eu acho que dificuldade existe sim, primeiramente porque são peças muito importantes e que a profissão do advogado é muito importante. Essas peças, para o advogado é um instrumento, uma ferramenta de diálogo, de comunicação com o juiz que é quem vai apreciar, ou o promotor, que vai apreciar esse texto e vai ter que ler e entender. Você tem que usar todos os seus argumentos de forma clara para que esse teu pedido possa chegar claramente para quem vai observar, para quem está endereçado esse documento. Então é muito importante que o outro lado sabendo entender perfeitamente o que você quer, você vai atingir o seu objetivo, e o seu objetivo é o direito do teu cliente. Existe dificuldade sim, e eu acho que a primeira dificuldade é a de que nós não sabemos escrever, ninguém sabe direito o Português, eu acho que independentemente de nós sermos advogados, engenheiros, médicos, o fonoaudiólogo, nós temos uma dificuldade com a escrita, com a língua mesmo. Eu acho que a gente foge um pouco, e na época certa a gente pula essa importância que tem a Língua Portuguesa. A segunda é com relação à técnica mesmo, a técnica da Advocacia é muito importante, e é difícil, a gente tem a técnica específica mesmo então tem essa dificuldade. Existem termos jurídicos que são de um grau de dificuldade muito elevado.

P: Você identifica dificuldades para escrever um certo tipo de texto ou em geral?

E: Alguns textos têm palavra-chave, né? Se você vai fazer um recurso, então dependendo do destinatário daquele documento específico, existe uma linguagem mais específica sim, existe uma dificuldade maior ou menor. Mas tudo com muito estudo, com muita aplicação, determinação, e isso o advogado tem de sobra né.

P: Mas você acha que é mais um tipo de texto específico que gera mais dificuldade ou em qualquer texto?

E: Não, eu acho que a dificuldade para escrever seria mais com relação à técnica determinados documentos. Você não pode deixar nada de fora, por exemplo, se você for fazer uma petição inicial, essa petição eu acho um pouco, mas é super importante, ali você tem que fazer tudo, é o momento que você tem que pedir tudo. Se você for fazer uma contestação, o princípio daí é a eventualidade, é aquele momento é que você vai ter para contestar tudo o que estão acusando, cobrando, entendeu? É aquele momento que você tem para contestar e não pode deixar passar nada, e é uma responsabilidade muito grande.

P: Para essas dificuldades, você já pensou em procurar ou já procurou ajuda de algum profissional?

E: Não.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Acho que sim, até com relação à gramática, com o vocabulário. Acho que sempre tem jeito de melhorar, acho que nada é perfeito, tudo tem um processo de crescimento.

P: E para esse processo de aprimoramento do texto você já procurou alguma ajuda?

E: Já (cita um nome), eu tenho um dicionário de sinônimos e de antônimos enorme, gordo, que é o Antônio (diz o nome do dicionário) o dicionário de sinônimos e antônimos, só isso.

P: Você conhece ou já ouviu falar do trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Já, principalmente com relação à criança com dificuldade de aprendizado na escola.

P: E com os usos profissionais da escrita? Sem estar relacionado aos problemas, distúrbio, numa relação de sofrimento com a escrita, mas sim com o uso profissional da escrita como ferramenta de trabalho?

E: Com profissionais de Direito? Não.

P: E se fosse para você buscar a ajuda de algum profissional, você iria procurar um fonoaudiólogo?

E: Iria, claro que sim.

P: Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento da escrita?

E: Então, isso aí vai no viés daquela outra pergunta anterior, eu vi só em nível de aprendizado, de infância, de adolescência e não com profissional.

4ª entrevista

L.G. - Tempo de atuação: 11 anos

P: O que você conhece sobre o profissional fonoaudiólogo? Pelo que você conhece, com o que você diria que ele trabalha?

E: A Fonoaudiologia, pelo que a gente entende, é o estudo da fala e da audição. Então tudo o que está ligado aos problemas de fala e audição, então é tudo o que eu entendo sobre o profissional de Fonoaudiologia. De forma bem genérica, seria isso o que eu entendo sobre Fonoaudiologia.

P: Entre as alternativas, qual você diria que se enquadra?

E: Gagueira, problemas de voz, distúrbio da audição, distúrbio da fala, problemas da degustação não e comunicação, são esses. Eu colocaria dificuldades com a escrita e comunicação.

P: Qual é a frequência com que você escreve textos diariamente, profissionalmente?

E: Não dá para numerar quantos textos fazemos todo dia. São muitos e varia, o advogado fica muito em audiência e perde muita parte da vida profissional na espera da audiência, em razão da morosidade da nossa justiça. Eu colocaria uma média de 5 a 7 textos, sem contar a internet que você faz vários diálogos e mini-textos.

P: Que tipo de texto você escreve?

E: Textos jurídicos, 90% dos textos são jurídicos por causa da própria profissão.

P: Você sente alguma dificuldade para escrever?

E: A maior dificuldade do profissional do Direito, creio eu, é com a Língua Portuguesa, que não é só com o profissional de direito, mas de todo brasileiro, porque eu entendo que isso vem de um problema governamental, então acho que todo brasileiro tem um problema com a gramática portuguesa que é difícil.

P: E como são essas dificuldades? Que tipo elas são?

E: Puramente gramatical. O grande problema que nós vemos nem é só na formação de um texto, é mais com a gramática: Colocar vírgulas na hora certa, saber conectar as frases, fazer o raciocínio de começo, meio e fim. Conforme você vai estudando, você vai eliminando um pouco essas dificuldades, vai ganhando maior raciocínio, uma clareza de texto. Mas no geral, a formatação de um raciocínio, principalmente quando você vai concretizar seu raciocínio para um texto.

P: Você sente maiores dificuldades para escrever um certo tipo de texto ou são textos em geral?

E: Como eu falei, meu problema é a parte gramatical, então seria no geral. Porque no profissional você acaba ficando até "bitolado" na forma de raciocínio que flui. Mas se você sair pouco daquele seu raciocínio diário, aí acho que gera um pouco de dificuldade. Se você me mandasse redigir algum outro texto que não fosse um tema jurídico, eu teria que fazer uma pesquisa, um aprofundamento até a forma gramatical para se usar naquela forma de texto. Eu vejo que o maior problema seria a gramática.

P: Você já pensou ou já chegou a procurar algum profissional para te ajudar com estas dificuldades?

E: Já pensei. Seria um professor de gramática por entender que a minha deficiência seria gramatical.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não, não conheço. A não ser na parte de infância, com problema psicológico ou problema de má formação, ou então em caso de acidentes, traumas, mas com adulto e profissional eu desconheço.

P: Você chegaria a procurar um fonoaudiólogo?

E: Não. Antes de você me falar não.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Eu acredito que meu texto pode ser aprimorado sempre, em todos os aspectos. A cada conhecimento que você adquire, você vai aprimorando suas técnicas e seus textos.

P: Que aspecto você gostaria de aprimorar?

E: Eu gostaria de aprimorar a escrita no geral. Nós somos pequenos e nunca seremos grandes! Em tudo o que eu puder aprimorar é válido. O que eu acho que seria mais interessante aprimorar, acho que não só no conhecimento da nossa gramática, mas no conhecimento de um assunto, da técnica de escrita.

5ª entrevista

R.L.J. - Tempo de atuação: 5 anos

P: O que você conhece sobre o profissional fonoaudiólogo? Pelo que você conhece, com o que você diria que ele trabalha?

E: Eu conheço muito pouco, nunca tive contato. Pelo que eu sei, o fonoaudiólogo é um profissional da saúde que auxilia os profissionais, principalmente os profissionais, não só os profissionais, a melhorarem a forma de se expressar, a se comunicar de forma mais correta. É isso que eu conheço, não sei se estou correto ou completamente incorreto, mas o que eu sei é isso.

P: Entre as alternativas, com qual você diria que poderia ou não se enquadrar? Você acha que o fonoaudiólogo lida com estas questões?

E: Acho que com todas elas, até nas dificuldades de escrita.

P: Qual é a frequência que você escreve textos? Qual é a média de textos por dia?

E: Dois textos por dia.

P: Que tipos são esses textos?

E: São petições iniciais, todos os textos voltados à área jurídica. Vai fazer seis anos que não escrevo nada, a não ser jurídico.

P: Você sente alguma dificuldade para escrever?

E: Para escrever acredito que não, dependendo da complexidade da situação, às vezes sentimos dificuldade normal, mas de raciocínio, não é de dificuldade. Tem que raciocinar um pouquinho mais em certas causas do que em outras.

P: Você saberia dizer que dificuldades são essas?

E: É complicado pensar assim especificamente, porque pode entrar aqui com uma situação completamente nova na vida profissional, e aquilo vai causar uma certa... não digo dificuldade. Por você não conhecer, você vai ter um estudo mais aprofundado para você escrever a respeito.

Dificuldade? Isso pode ser considerado dificuldade, mas é uma coisa normal do dia-a-dia do profissional, ele está sujeito a encontrar casos novos que não tenha domínio total da questão.

P: Essas dificuldades você encontra nos textos em geral ou em certos tipos de texto, algo específico?

E: Como eu disse é uma coisa específica, a pessoa vai entrar aqui e vai relatar um problema. Se o problema é um problema novo para o profissional, vou sentir um pouco de dificuldade de início, e isso vai fazer com que ele necessite de um novo estudo, porque na hora da redação, do processo, com certeza ele vai esbarrar em... não digo na hora da escrita, mas é mais uma questão teórica da situação fática voltada para a resolução do problema dele. Isso faz com que você sinta um pouco de dificuldade. Se você começar a escrever um parágrafo, por ser uma situação nova, você vai escrever e vai com certeza encontrar algum erro de concordância, de gramática, com certeza tenho que ficar repassando essa petição, esse trabalho. Um exemplo prático: uma petição de indébito eu não vou escrever com a maior facilidade do mundo como eu faria uma petição com alimentos, ou um pedido de liberdade provisória. É uma dificuldade específica, é do trabalho, agora no geral eu não sou muito de escrever cartas, vai fazer seis anos que não seja nada relacionado ao trabalho. Por eu escrever muito, dois textos por dia, na hora vaga eu não vou escrever nada. Eu não teria como te dizer que se eu fosse escrever uma carta, para uma pessoa, eu teria dificuldade. Carta que eu escrevo, no máximo, é notificação.

P: Você pensou ou já chegou a procurar ajuda de algum profissional?

E: Não. Já pensei em procurar ajuda de um fonoaudiólogo porque eu começo a conversar em um tom, e vai caindo esse tom, rebaixando, e às vezes eu estou falando muito baixo. Em audiências, por exemplo, peças curtas tudo bem, mas quando começa a audiência começa a ficar cansativa, de repente eu percebo que estou em um tom muito baixo. Minha dificuldade acho que é essa. Algumas pessoas têm dificuldade de entender o que eu falo.

P: Para a escrita você já chegou a procurar algum tipo de ajuda?

E: Não.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Tudo na vida pode ser aprimorado. No texto acho que poderia ter uma ajuda profissional, nesse instante eu poderia te falar que nós temos a impressão de que tudo o que nós fazemos está ótimo, mas na verdade não é assim, por isso que temos que trabalhar em conjunto. O que eu escrevo pode estar claro para o meu entendimento, mas para o seu entendimento pode não estar. Às vezes é bom passar para um colega ver e te apontar o que está um pouco confuso. A clareza é um pouco dificultada, essa seria talvez a dificuldade, mas uma dificuldade natural. É a respeito disso que às

vezes os juízes dependerem de petições que não entendem o que estava pedindo. No meu caso nunca aconteceu, mas escutamos que é natural o juiz não estender o que o advogado estava pedindo a favor do seu cliente. Talvez nesses casos, um profissional fonoaudiólogo poderia ajudar bastante, e são casos bem graves inclusive. Agora uma dificuldade na clareza do texto acho que é natural, por isso que é bom ter um colega que você possa confiar, um colega para olhar e ver se está tudo certo.

P: Você chegaria a procurar ajuda de um fonoaudiólogo para te ajudar nessa dificuldade com a escrita profissional?

E: Com a escrita acredito que não porque eu tenho colegas que trabalham comigo e eu sempre peço para eles olharem, mas não é tão freqüente. Eu não tenho nenhum tipo de orgulho para pedir auxílio a ninguém, tanto que eles pedem também para mim. Troca de informações pelo telefone, e-mail, na maioria das vezes eu faço isso e nunca teve nada grave, mas nunca poderia falar que nunca procuraria (ajuda de profissional), mas eu acho que no momento não, mas se acontecesse algo mais grave, se eu percebesse, com certeza!

P: Seria (o fonoaudiólogo) o profissional que você procuraria ou não?

E: Seria o fonoaudiólogo no caso.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Eu sei que trabalha também, mas eu nem sei como se faz esse trabalho.

P: Você já ouviu falar nesse trabalho de aprimoramento do uso profissional da escrita?

E: Já ouvi e sei que faz esse trabalho, mas nem sei como é feito.

P: Como você soube disso?

E: Uma pessoa conhecida trabalha com uma fonoaudióloga e eu comentava no começo com ela "Imagina! Como uma fonoaudióloga vai trabalhar com a escrita?", mas depois ela me falou e eu não tenho realmente porque não acreditar nela.

P: Então você já ouviu falar?

E: Já.

6ª entrevista

A.P. - Tempo de atuação: 2 anos

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo?

E: Eu diria que conheço o básico. O que faz, nas áreas que atua, basicamente isso.

P: Pelo o que você conhece, com o que você diria que este profissional atua?

E: Trabalha basicamente com a voz, trabalha até os problemas de fonética, dificuldade em se expressar, com gagueira, essas coisas relacionadas à voz.

P: Entre as alternativas, qual você acha que se enquadra no trabalho fonoaudiológico?

E: Com a gagueira, problemas da voz propriamente. Dificuldade na escrita talvez, não tenho certeza. Distúrbios da voz, distúrbios da audição e distúrbios da fala também. Problemas de deglutição não tenho certeza, mas penso que pode ter a ver. Comunicação talvez. Com a leitura penso que nem tanto.

P: Com que frequência você escreve textos diariamente, qual é a média de textos por dia?

E: Em média três horas por dia. Os textos são peças, então varia porque às vezes é uma peça que demanda ao dia todo, é muito variada a quantidade de textos. Em termos de tempo, pode ser o dia todo. A média de textos por dia, digamos que dois textos durante o dia.

P: E que tipo de texto você escreve?

E: São textos jurídicos, são peças processuais, relatórios, pareceres, estes tipos de texto. É uma linguagem jurídica mesmo, são textos baseados em doutrinas, são textos técnicos.

P: Você sente alguma dificuldade para escrever esses textos?

E: Na verdade não, porque como é um texto muito técnico, às vezes você tem uma certa dificuldade em uma palavra ou outra, mas no sentido de entender o que ela quer dizer, saber se ela vai se adequar ao que você quer dizer. Não há dificuldade no sentido de colocar no papel as idéias, porque isso é bastante trabalhado na faculdade. O que você vai escrever na verdade é aquilo que o cliente fala para você, você vai colocar aquilo que foi dito, isso na primeira parte da peça processual.

P: Você percebe alguma dificuldade?

E: Eu julgo que não, nunca percebi isso. Na verdade para essa profissão, tudo é a forma como você coloca, uma palavra mal colocada que foge daquilo que você queria dizer, pode ser mal interpretada. Então a palavra tem que ser bem aplicada dentro daquele contexto, de outra forma, você pode até perder a ação por conta de uma palavra.

P: E para resolver isso você recorre a que tipo de ajuda?

E: O recurso ao básico que é o dicionário. Como a dificuldade se dá em uma palavra ou outra, então o dicionário é um grande aliado, às vezes até a internet. Eu acho até que eu tenho facilidade de colocar no papel a história que é contada.

P: Você acha que tem dificuldade para escrever certos textos de texto ou textos em geral?

E: Os textos em si não fogem do padrão, não há uma variedade de textos. O que você tem são histórias diferentes. O parecer que você dá é de acordo com a história que foi contada, que é um caso concreto. Na verdade, todos esse textos que eu citei, relatórios, peças, pareceres, são nomes diferentes que são dados, mas em suma, são a mesma coisa.

P: Como você avalia seus textos, sua escrita?

E: É difícil falar, mas se você diz que você não escreve bem, você abra um precedente que diz que você tem que melhorar. Claro, sempre temos que melhorar, mas eu penso que escrevo bem.

P: Você identifica algum aspecto no seu texto que você gostaria de aprimorar?

E: A minha busca sempre é não manifestar o meu pensamento, então às vezes eu me surpreendo manifestando o meu ponto de vista, e isso não é bom. Você tem que exteriorizar somente aquilo que é concreto, o seu ponto de vista não pode aparecer. A minha busca, que já está melhorando, é não deixar transparecer isso. Se eu fosse melhorar algo, seria melhorar isso, e também a parte de exteriorizar com menos palavras aquilo que tem que ser dito. A minha busca é de tornar esse texto fácil, por mais leigo que seja a pessoa, para que ela consiga entender. A idéia é a de escrever da forma fácil, clara e bem objetiva e que qualquer pessoa possa ler e entender, que não fique uma leitura cansativa, uma leitura incômoda. O juiz não quer pegar uma peça com sessenta laudas, ele quer pegar uma peça com duas laudas.

P: Para te ajudar nisso, você já pensou ou já chegou a procurar algum tipo de ajuda de algum profissional?

E: Não, nunca pensei. Porque a forma que eu penso de se melhorar isso é lendo. Talvez até procuraria um profissional, mas acredito que lendo mais eu melhoraria isso. Nunca tive essa dificuldade tão grande. Quando você lê (o próprio texto) depois de dois dias, você passa a ser, vamos dizer, o destinatário daquele texto, aí você consegue ver erros, você lê, relê e arruma.

P: Você procuraria algum profissional para te ajudar a aprimorar seu texto?

E: Eu nunca pensei nisso, para ser bem sincero. Posso até pensar nisso um dia, mas nunca pensei. O objetivo, como eu falei, é melhorar sempre para escrever menos e dizer mais. Com o eu tenho que melhorar sempre, é melhorar nesse sentido.

P: Quem você procuraria para te ajudar?

E: Você diz um profissional? É difícil porque eu nunca pensei nisso. Eu me completo escrevendo, me sinto bem escrevendo.

P: Você procuraria um fonoaudiólogo para tratar disso?

E: Sinceramente, hoje não. Eu penso que se eu tivesse problemas para escrever, eu procuraria, sei lá, um professor de Português! Dificilmente eu procuraria um fonoaudiólogo.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: No sentido da escrita? Não, para mim é com gagueira...

P: Você já ouviu falar que esse profissional pode fazer um trabalho de aprimoramento da escrita?

E: Nunca ouvi falar.

7ª entrevista

M.F. - Tempo de atuação: Recém-formada (7 meses)

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo?

E: Conheço. Eu tenho uma prima que é fonoaudióloga, mas eu conheço bem pouco a atividade dela. Eu tenho curiosidade de saber, mas eu sei algumas coisas que ela faz, ela até trabalhava com meu priminho que tinha problema na escrita, na escola, então eu comecei a ver. Mas ir junto com ela para ver o que um fonoaudiólogo faz, isso eu não sei exatamente.

P: Você diria que ele atua com o que?

E: Com distúrbios de fala, de voz e até escrita. Engloba tudo isso, mas não sei ao certo tudo, é o que eu conheço.

P: Entre as alternativas, com qual delas você diria que tem a ver com a atuação do fonoaudiólogo?

E: Olha, a gagueira é a minha dúvida! Mas eu creio que sim porque faz parte da fala. Problemas de voz sim, dificuldade na escrita sim, distúrbios da audição sim, distúrbios da fala sim, problemas da deglutição não sei, pode ser que sim. Comunicação sim, agora leitura já também não sei.

P: Com que frequência você escreve textos diariamente?

E: Agora não, mas quando eu trabalhava, todo dia eu tinha que escrever, era leitura e escrita sempre.

P: Que tipos de texto?

E: Eram mais relatórios.

P: Qual era a média de textos por dia?

E: Vários, nem sei te dizer. Era por processos, de vinte para mais, porque o meu relatório era pequenininho.

P: Você sente ou sentiu alguma dificuldade para escrever?

E: Não.

P: Como você avalia sua escrita?

E: Eu acho boa, nunca tive problema no primário, na escola, em relação à escrita. Eu fui muito bem alfabetizada, então eu não tenho nenhum problema com isso. Às vezes, assim como todo mundo, "dá um branco" aí você vai ao dicionário, mas é muito pouco.

P: De que tipo são essas dificuldades?

E: Vou te dar um exemplo de uma palavra que todo mundo tem dúvida, que é a palavra "quiser". Todo mundo acha que é com Z e é com S, então é esse tipo de coisa, aí às vezes você fica na dúvida.

P: Você acha que às vezes é mais difícil escrever certos tipos de textos, específicos, ou é no geral?

E: Eu acho tranquilo. Quando eu era pequena, eu tinha dificuldade no colégio, mas aí eu comecei a fazer um curso de redação. Antigamente eu tinha, antes de entrar na faculdade, mas agora melhorei.

P: Mas essa dificuldade era de que tipo?

E: Idéias mesmo, e lá (curso) eles ensinaram a ter idéias, porque tem que ler. Para você ter mais idéias, você tem que ler, estar atualizado, então comecei a ler mais artigo de jornal, revista.

P: Era mais difícil escrever certos tipos de texto ou era em geral?

E: Em geral, para ter idéias e para desenvolver temas, essa era minha dificuldade. Agora eu me sinto mais apta para elaborar texto, e a faculdade também ajuda, no Direito você é obrigado a escrever.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não. A única coisa que eu sei é quando troca as letras, meu primo trocava o P pelo B, e só sei dessa parte, com a criança. Agora em relação ao profissional eu não sei.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Com certeza, sempre. Acho que no geral e também no desenvolvimento do texto eu poderia melhorar, sempre. Ainda mais na nossa profissão, é preciso se aprimorar cada vez mais.

P: Em que parte do desenvolvimento do texto?

E: Na argumentação. Preciso de mais conhecimento, sou recém-formada. Eu recorro a livros, pergunto para alguém que saiba, geralmente recorro à minha prima que é formada há cinco anos. Quando eu não sei ela me ajuda, ela não faz por mim, me orienta.

P: Você já procurou ou pensou em procurar algum profissional ou outro para te ajudar?

E: Para me ajudar a aprimorar os textos? Não, nunca pensei.

P: Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento dos usos profissionais da escrita?

E: Não

8ª entrevista

L.H. - Tempo de atuação: 2 anos (formada há 6 meses)

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo?

E: Conheço muito pouco. Meu irmão quando era pequeno chegou a fazer fono porque ele trocava o R, alguma coisa assim e falava errado. Conheço pelo fato dele ter feito mesmo, mas pouquíssimo.

P: Pelo que você conhece, você diria que o fonoaudiólogo trabalha com o que?

E: Com a Linguagem, com quem fala errado, com a dificuldade que uma pessoa tem de se comunicar, acho que com isso.

P: Tenho algumas alternativas, com qual delas você diria que tem a ver com a atuação do fonoaudiólogo ou não?

E: Gagueira eu não sei. Problemas de voz acho que sim, Distúrbio da fala, Comunicação também, na audição também, porque a forma como você escuta você fala, então se a pessoa tem problema de audição, ela às vezes repete aquilo que ouviu, repete errado do jeito como escuta.

P: Qual é a frequência que você escreve textos? Qual é a média de textos que você escreve diariamente?

E: Hoje em dia como eu parei para estudar, eu não escrevo quase. Parei de trabalhar em Maio, e eu escrevia bastante, dependia do número de processos quando chega. Em média, uns três recursos por dia, e duas contestações.

P: Quais são os outros tipos de texto que você também escreve?

E: Só isso mesmo, só Recurso e Contestação.

P: Você sente ou já sentiu alguma dificuldade para elaborar esses textos?

E: Sim, porque eu tenho dificuldade de colocar as idéias no papel, porque às vezes eu tenho muitas idéias e eu não consigo escrever aquilo tudo. Quando você vai ler o que você escreveu, está tudo bagunçado, então conforme você vai escrevendo, vem muita coisa, muita argumentação, coisas que você lembra de colocar no artigo. A Contestação é assim: o reclamante entra com uma petição inicial pedindo alguma coisa, então você tem que contestar cada fato que ele fala, então para cada

fato, você tem uma argumentação nova. Para fazer aquilo ficar com corpo de texto bom é difícil, fazer um link entre um assunto e outro, então nisso eu tenho dificuldade. Como abrange vários temas diferentes, para mudar de um assunto para outro e ter sentido, eu tenho um pouco de dificuldade.

P: A dificuldades que você sente é de dar um sentido para o texto, e o que mais?

E: Organizar as idéias e deixar de uma forma clara, uma linguagem jurídica, clara e objetiva ao mesmo tempo.

P: Você acha que alguns textos mais específicos são mais difíceis para escrever ou você identifica dificuldade para escrever textos em geral?

E: Acho que é texto específico. Se alguém chega com alguma peça pra você debater aquela peça, você tem que contestar, aí é mais difícil discorrer sobre um tema (sic). Então quando é para você responder, como se fosse uma resposta, eu tenho mais dificuldade.

P: Você já procurou ou pensou em procurar ajuda de alguma pessoa ou profissional para te ajudar com essas dificuldades?

E: Já recorri aos professores algumas vezes, é que eu sou muito objetiva, então às vezes fica muito pequeno e não tem tanto sentido. Eu já procurei meu avô, que escreve livro e escreve muito bem, então ele falou para eu escrever e dar meus textos para ele corrigir, só que aí a coisa ficou feia e aí eu preferi para com isso. Na verdade você tem que ler muito e aprender a usar as palavras, porque o Direito é uma coisa muito chata. A linguagem que eles usam às vezes é muito formal e desnecessária. O Pessoal não sabe escrever, e acaba querendo escrever bonito o que não tem sentido. Eu resolvi pedir ajuda para quem realmente escreve e sabe como escrever e utilizar, e isso me ajudou muito.

P: Essas pessoas eram quem?

E: Na verdade quem me ajudou mais foi meu avô, ele é jurista, escreve livros jurídicos.

P: Além dele, você já chegou a procurar ajuda de algum outro profissional?

E: Não. Eu já pensei em fazer um curso de redação, agora no cursinho (para exame da OAB) eu tenho aula de Português, então está sendo muito importante você ler o texto e ter uma visão crítica para depois poder escrever um texto compreensível.

P: Você procuraria um fonoaudiólogo para te ajudar nessas dificuldades?

E: Eu não sabia que o fono podia me ajudar nisso, eu pensei que fosse mais com linguagem, essas coisas assim. Mas agora que eu sei que ajuda, sim.

P: Você acha que chegaria a procurar um fonoaudiólogo?

E: Nesse momento exato não, porque eu estou estudando bastante para passar no concurso, mas acho que mais para frente, como é uma coisa para a nossa profissão, se eu tiver tempo sim, com certeza.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não, é novidade. Quando você me falou eu não tinha idéia de que isso existia.

P: Você acha que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Sim, a argumentação principalmente, a minha argumentação é falha porque eu sou muito objetiva. Então eu poderia melhorar muito, aprender muito, ler muita coisa, eu tenho que aprender a desenvolver o senso crítico e usar as palavras de uma forma melhor, eu acho que eu posso melhorar muito.

P: Você já chegou ou já pensou em procurar ajuda de algum profissional pra te ajudar a aprimorar seu texto?

E: Já. Quando eu trabalhava, eu sempre recorria a minha chefe, porque ela escreve muito bem e ela atua na profissão há mais de vinte anos, e sempre que tive dificuldade eu recorria à ela ou ao meu avô, aos amigos do trabalho em geral.

P: Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento da escrita?

E: Não.

c) Anexo 3 - Entrevista com Jornalistas

P: Pesquisadora

E: Entrevistado

1ª entrevista

P.R. - Tempo de atuação: 8 anos de atuação

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo? Pelo que você conhece com o que você diria que este profissional trabalha?

E: Conheço e já fiz vários tratamentos. Conheço de Gagueira, problemas de voz, mas esse de escrita eu estou sabendo agora, não sabia, marco ou não marco? (indecisa em assinalar esta opção no questionário)... Distúrbios da fala envolve, por exemplo, Crianças que tem dificuldade de começar a falar? Isso engloba nos Distúrbios da fala? Por exemplo, criança que troca letra, por exemplo, B com V ou V com S, sei lá, eu sei que meu irmão passou por isso.

P: Na fala ou na escrita?

E: Nos dois. Eu já vi isso também acontecer... Problemas de voz isso muito, eu já tive problema nas cordas vocais, nódulos né? Agora esse de deglutição eu nunca ouvi falar... ah, tipo quando a pessoa é fanha também...

P: Com que frequência você escreve textos?

E: Ai um monte! Uns 10 vai... de que tipo? Notícia, reportagem e outros. Eu escrevo texto assim tipo Crônicas, mas aí é uma coisa minha e não profissionalmente falando. Eu escrevo para mim. Pra você ter uma idéia a lembrancinha de maternidade da minha filha vai ser um livrinho.

P: Sente dificuldade para escrever?

E: Não, não vejo dificuldade.

P: Você acha que teria algo para aprimorar no seu texto? Que aspecto? Por quê?

E: Eu acho que tem sempre que aprimorar, e eu acho que quanto mais a gente faz , mais a gente vai aprimorando, escreve mais e você vai pegando mais fluidez. Talvez uma coisa mais de sinônimos de palavras, quanto mais eu tiver no meu próprio vocabulário, mais eu vou poder usar. Talvez isso, maior quantidade de sinônimos, no aumento de vocabulário mesmo. Dar mais clareza para o que eu quero dizer, e no caso de notícia e reportagem mais objetivo, quanto mais objetivo, mais eu comunico. Nesse caso, no caso das crônicas e dos textos que eu escrevo para mim já tem um outro tipo de linguagem que é mais poética, mais metafórica, e aí eu gosto disso, mas é bem diferente do que eu uso para o meu trabalho, que é mais objetivo.

P: Você já chegou a procurar ou já pensou em procurar ajuda de um profissional que pudesse ajudá-lo neste processo de aprimoramento?

E: Eu já cheguei a fazer cursos de redação, e numa outra época, de escrita para teatro, específico de dramaturgia, mas aí no formato, na redação me ajudou muito esse curso de redação, acabou me ajudando bastante nessa coisa da linguagem.

P: E qual era o profissional?

E: Eu não lembro, ah, ele era um professor de Português, literatura, não era um fono, era um professor de Português.

P: Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento do uso profissional da escrita? Esse trabalho com profissionais focado na escrita profissional e não com os distúrbios da escrita?

E: É a primeira vez que eu ouço fala nisso, para mim é novidade, totalmente, eu nunca tinha ouvido falar que poderia ajudar na qualidade de um texto.

P: Faz tempo que você escreve?

E: Faz, mas desde adolescente eu já gosto de escrever, é uma coisa que está em mim. Então eu sempre escrevi bastante, ou pra mim e aí depois acabou virando profissional, mas aí é uma coisa que eu gosto de fazer. Pra teatro pouca coisa, porque eu sou atriz também, mas pra teatro eu escrevi pouca coisa.

P: E pra isso você também sente pouca dificuldade?

E: Eu gosto do que eu escrevo assim na maioria das vezes, e as coisas que eu não gosto eu rasgo e jogo fora, eu não fico buscando assim melhorar aquilo, o que eu não gosto eu deleteo e acabou, vai muito da emoção o que eu escrevo, mesmo profissionalmente, mesmo sendo notícia e uma coisa objetiva, eu acho que tem uma característica própria.

2ª entrevista

E. M. - Tempo de atuação: 4 anos

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo? Pelo que você conhece, com o que você diria que esse profissional atua?

E: Eu conheço a parte que se chama de clínica, pra quem tem problema já com a voz e quer tratar alguma coisa, e eu sei também de trabalhos preventivos para quem quer aprimorar alguma coisa assim eu sei que existe esse trabalho, mas a fundo não conheço muita coisa. Muito superficialmente.

P: Com qual das alternativas você diria que tem a ver com o trabalho do fonoaudiólogo?

E: Dificuldade da escrita eu sabia para quem é disléxico, acho que tem a ver. O que é deglutição? (Assinalou Gagueira, problemas de voz, Dificuldades na escrita, Distúrbios da fala e Comunicação).

P: Com que frequência você escreve textos? Qual é a média de textos por dia?

E: Eu escrevo todo dia. Eu devo escrever uns 10 textos por dia, entre textos pequenos e grandes.

P: São que tipo de textos?

E: Textos jornalísticos, muito comunicado para a imprensa, matéria jornalística até porque eu faço dois trabalhos, eu faço assessoria de imprensa para a Câmara de Barueri, e eu faço boletins para uma rádio de Osasco. Então eu faço tanto textos noticiosos como textos de informação para imprensa na parte de assessoria. São reportagens, até pouco tempo atrás quando eu trabalhava em jornal, eu transcrevi entrevistas. Para as *Elises* que são documentos externos de assessoria de imprensa para os jornalistas as informações sobre a instituição, notas oficiais, atualização de site, enfim, uma série de textos.

P: Você sente alguma dificuldade para escrever esses textos? Se sim, de que tipos são?

E: Alguma dúvida sempre aparece, mas aí na Gramática o dicionário está ali para ajudar. É mais nessa área mesmo, às vezes fica a dúvida em alguma concordância, uma regência, mas sempre voltado mais à gramática ou à grafia.

P: Essa dificuldade para escrever é um determinado texto, um específico, ou textos em geral?

E: Em geral. De acordo com a construção que você está fazendo, você não sabe como enquadrar aquilo melhor. Em qualquer texto eu encontro dificuldade.

P: Você já procurou ou pensou em procurar algum tipo de ajuda de um profissional?

E: As únicas coisas que eu faço, esporadicamente, são cursos de reciclagem, de especialização, mas sempre voltados à área da Língua Portuguesa mesmo.

P: São que cursos?

E: Por exemplo, recentemente eu fiz um curso de Língua Portuguesa para jornalistas, uma coisa muito específica mesmo, que vai tratar que tipo de linguagem que a gente aborda e de como se conduzir o texto.

P: E que profissionais eram?

E: Profissional de Letras

P: E para melhorar o quê?

E: A qualidade do texto, o texto jornalístico tem que ter uma fluência muito boa. O texto acadêmico é um texto de obrigação, e você tem que ser muito preciso no que você fala. No texto jornalístico a sua obrigação é outra, seu texto tem que ter fluência, seu leitor tem que começar a ler e, num embalo só, ir até o fim! O acadêmico não, você pode reler mais vezes um mesmo parágrafo e tal. O texto tem que ser de fácil entendimento e ter muita informação dentro dele. São essas coisas que a gente costuma aprimorar, são cursos de reciclagem mesmo.

P: Você já ouviu falar do trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não.

P: Você acha que procuraria um fonoaudiólogo para te ajudar nessas dificuldades?

E: Talvez depois dessa entrevista que você vai me mostrar a importância, porque até hoje eu não sabia que o fono tinha essa competência.

P: E você procuraria a ajuda de quem nesse processo de aprimoramento da escrita?

E: Profissionais de Letras mesmo, voltadas para a construção do texto.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Como eu falei, sempre surge uma dúvida na forma da construção do texto, você tem sempre que se preocupar com a forma como o leitor vai ler aquilo, como ele vai receber a mensagem. Às vezes quando você escreve, você entende perfeitamente o que é, mas você não sabe se o seu leitor vai entender exatamente as palavras que você está usando e como você está conduzindo o texto. Você tem que ter certeza de que o leitor vai entender o seu texto. O que para a gente é óbvio, nem sempre é também para o leitor, para o seu receptor.

3ª entrevista

M. F. M. - Tempo de atuação: 1 ano e meio

P: Pelo que você conhece do fonoaudiólogo, com o que você diria que este profissional atua?

E: Eu diria que a maior parte do trabalho está relacionado à voz, respiração e um pouco também a escrita, depois que você falou da sua pesquisa, eu 'me liguei' que eles poderiam atuar também. Num primeiro momento, a gente imagina o fonoaudiólogo trabalhando com voz e respiração.

P: Dessas alternativas, com qual você diria que o fonoaudiólogo atua ou não?

E: Gagueira sim, problemas de voz sim, dificuldade na escrita acho que não. Distúrbio de audição e fala sim. Problema de deglutição sim, comunicação sim, leitura acho que não. Em outros eu colocaria em Portadores de Síndrome de Down, crianças com dificuldades de aprendizado, relacionados à voz, à fala, e Fonoaudiologia estética, mas daí acho que entraria em Comunicação.

P: O que você entende por Fonoaudiologia Estética?

E: Trabalhar com a parte de profissionais que trabalham com televisão. Se você pegar a Globo, por exemplo, existe um sotaque que eles tentam passar como um sotaque padrão. Então que sei que profissionais do Sul que tem um sotaque bem diferente do carioca, têm um acompanhamento com fonoaudiólogos para tentar aproximar esse sotaque do Padrão Globo diríamos. Sei que os profissionais da Globo fazem fonoaudiólogo porque eles precisam ter uma pronúncia muito perfeita, principalmente quem trabalha com televisão, que assim como rádio, é um veículo muito rápido, então de modo geral, no jornalismo não cabe espaço para dúvida, mas para a televisão tem que ser tudo muito bem pronunciado, na rádio, para que seu leitor, seu ouvinte, consiga compreender sua mensagem.

P: Com que frequência você escreve textos? Qual é a média de textos que você escreve por dia, profissionalmente?

E: Agora eu não escrevo tanto como eu escrevia antigamente. Agora pelo menos um texto pequeno por dia, e a cada semana ou quinze dias, um texto maior que deve ser um texto de duas ou três páginas. Eu escrevo muito porque eu preparo newsletter, eu preparo comunicados por e-mails para as pessoas, então se considerar isso como textos, então pode considerar como, no mínimo, uns dez textos desses menores por dia.

P: E que tipos de texto você escreve?

E: Eu escrevo matérias, agora um pouco mais afastada da redação, eu escrevo matérias menores, de duas páginas. Independente das matérias e do meu trabalho na gestão de eventos, comunicação para eventos, nós temos duas revistas a editora que eu trabalho, e eu sou responsável por duas sessões, na revista de nota, então eu tenho que fechar revista com oito, dez notas, e são textos pequenos, bloquinhos de texto como a gente tem nos jornais, só que um pouco maiores que as de jornal. É uma revista sobre embalagens, é uma revista técnica, então são notas técnicas. Na área de eventos, é divulgação de eventos também da área de embalagem, ou tudo que esteja relacionada. Nessa divulgação, já são textos mais informativos sobre o evento, então é quem vai falar, sobre o que vai falar, local, data, participação, valores, inscrição, o que se espera, pois alguns eventos são prêmios então como se preencher corretamente a inscrição, enfim.

P: Desses textos que você escreve, você sente algum grau de dificuldade?

E: Eu acho que, de modo geral, hoje em dia a gente trabalha muito com a escrita e até quem não é jornalista trabalha com a escrita. Porque a gente trabalha muito com internet, então tudo é feito muito por e-mail, eu acho que a Língua Portuguesa é uma língua muito rica, mas também ela é muito difícil. A gente vê isso quando vem estrangeiro para o Brasil, e vão fazer essas provas aí e eles ficam bem assustados, e com razão. Então tem coisas no Português que eu sinto dificuldades, com uso de hífen. Tudo bem que a reforma ortográfica veio e eu não sei se melhorou ou piorou, mas eu acho que piorou porque tem muitas coisas com acento e eu sou apaixonada por acento, então tem muitos acentos que eu tenho que parar de usar, mas já está muito automático. Mas o hífen ainda pega, então com algumas palavras que você escreve com mais frequência, você já sabe que tem hífen.

P: Mais que outros tipos de dificuldade?

E: Eu acho que o mais difícil para mim acaba sendo o uso do hífen, é uma regrinha, tem as exceções, mas a pontuação às vezes eu acho também um pouco complicado porque são pontos que às vezes a sua frase não foi bem escrita de uma forma correta, então você tem que alterar toda a frase, toda a pontuação. Não as pontuações mais simples, outros como quando você utiliza ponto e vírgula, quando utiliza dois pontos e por que dois pontos? Isso às vezes são coisas em que eu sou obrigada a parar para pensar, não está no automático, é diferentes dos acentos que já vai para o automático, a concordância verbal, nominal e a regência já vai direto. O pior mesmo é o hífen, tem até no meu computador um papel com a regra de como e quando usar os hífen para ver se me ajuda. Nem a crase é tão complicada quanto o hífen!

P: Essas dificuldades são para escrever certo tipo de texto ou são textos em geral?

E: Acho que é mais quando você escreve profissionalmente. A matéria prima do trabalho do jornalista é a escrita, é a ferramenta de trabalho dele, assim como para médicos as ferramentas de trabalho são as mãos e a voz, como para o dentista também, e para o jornalista é a escrita. Você não pode se dar o luxo de escrever alguma coisa errada. Tudo bem que existe revisão, supervisores e sabe que vai ter uma pessoa no final que vai verificar que aquele acento e hífen tava certo, mas de modo geral, você não pode entregar um texto sem nenhum cuidado, de qualquer jeito. A concorrência existe e é grande, então você tem que entregar um texto, na medida do possível, redondinho para o seu editor, ou com menos erros. É diferente nos e-mails, cada lugar tem a sua linguagem certa, assim como não existe nenhuma obrigatoriedade de você escrever 'você' bem bonitinho para sua amiga, num e-mail!

P: Para essas dificuldades, você já chegou a procurar algum tipo de ajuda de profissionais?

E: Ajuda especializada não, como eu falei, eu nunca tinha pensado no fonoaudiólogo como um profissional com direcionamento para a escrita. Então se eu tenho uma dificuldade, eu procuro em dicionário, na gramática, no Google, onde estiver mais próximo. Eu tenho dicionários à minha disposição, livros de gramática, apesar de achar que decorar não funciona muito, acho que perde muito tempo, então eu prefiro entender porquê das regras. É essa ajuda, em livros, internet que te informa todas as regras do uso dos hífens, do uso do porque, pontos.

P: Você chegaria a procurar ajuda de algum profissional ou de outra pessoa para te ajudar? Já pensou?

E: Hoje, para a escrita eu acho que não. Eu vejo que as dificuldades que eu tenho são pequenas, mas eu gosto muito de rádio e pretendo ainda trabalhar com isso, apesar de trabalhar no impresso. Talvez eu procurasse pela dicção que eu sei que é importante, mas na escrita eu não sei se eu procuraria. Procuraria um fonoaudiólogo para melhorar a estética, a dicção, de vez em quando tenho umas recaídas (sotaques). Mas agora sabendo que existe uma linhas da Fonoaudiologia que trabalha com isso, se eu sentisse que eu preciso, eu procuraria. Depende muito de como você está, e no momento, eu acho que não preciso de ajuda, mas se algum dia esse for um ponto do meu trabalho que precise ser melhorado, com certeza eu procuraria. Eu acho que a gente que enquanto você pode melhorar, você tem que investir.

P: Você sabia que o fonoaudiólogo trabalha com os usos profissionais da escrita? No aprimoramento?

E: Não, fiquei sabendo agora.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Eu acho que sim, ninguém sabe tudo sempre e não existe um texto perfeito. Quando você termina e você olha para ele (texto) você pensa que podia estar melhor. É que às vezes a gente

trabalhar com prazos muito corridos e não dá para mexer. Qualquer texto pode sempre melhorar, mesmo o texto de um jornalista bem conceituado se você perguntar para ele, até porque nossa língua é muito dinâmica. Você tem que sempre se aprimorar para você ser um profissional de um nível legal. Com certeza se uma fonoaudióloga pegar meu texto, vai apontar uma série de coisas que eu não vejo como problema, mas vocês que estudam certeza veriam.

P: Para aprimorar seu texto você procurou ajuda?

E: Não, até porque eu me formei há pouco tempo, escrevo há pouco tempo.

4ª entrevista

E.C. - Tempo de atuação: 10 anos

P: O que você conhece sobre o profissional fonoaudiólogo?

E: No geral? Hoje eu vejo o fono como alguém que auxilia muito no trabalho com o jornalista, até agora o que eu saiba em TV ou rádio, ajuda muito e eu não dava tanto valor, mas com o tempo, fazendo exercício e se aprimorando, você nota que está fazendo algo certo, então aí que entra o trabalho da fono, que eu acho perfeito, essencial. E devia ser obrigatório em TV e rádio.

P: É esse o trabalho que você conhece?

E: Até agora eu conheço o trabalho de fono em rádio e TV.

P: Com algumas dessas alternativas você diria que o fono trabalha ou não?

E: Gagueira com certeza, problemas de voz... Dificuldade de escrita? Não sei. Distúrbios da audição com certeza, distúrbios da fala também, problemas de deglutição não sei. Comunicação, óbvio. Leitura com certeza. Acho que em problemas de escrita eu não conheço até hoje, mas de resto tudo, menos de deglutição.

P: Com que frequência você escreve textos? Qual é a média por dia?

E: Eu escrevo todo dia, por exemplo, eu escrevo jornal, sou editor, então apresento três telejornais e eu escrevo muitas laudas. Eu tenho um outro programa, o Shop tour, que é muito maior. Praticamente todo o dia e muito, é muita coisa no telejornal, faço umas 30 laudas... Ah sei lá, acho que faço umas 60 laudas por semana, não são 60 por dia. Trinta laudas são um pouquinho mais que uma folha de sulfite.

P: E que tipos são esse textos que você escreve?

E: Texto de telejornal ou de programa de carro. Tenho um programa de carro e é exatamente sobre isso: telejornal, notícia, ou entretenimento.

P: Nesses textos que você escreve profissionalmente, você sente alguma dificuldade para escrever?

E: Sinto. Por mais que você saiba, o Português é difícil. Eu tenho dificuldade de tentar falar algumas coisas de tentar falar o mais fácil possível e com menos palavras possível. É difícil e eu tenho dificuldade.

P: Você identifica maiores dificuldades pra escrever certo tipo de texto ou é em geral?

E: É um certo tipo de texto, eu tenho um pouco de dificuldade em passar a informação certa, como escrever da maneira correta em política, acho muito complicado. No geral tranquilo.

P: Você já procurou ou já pensou em procurar a ajuda de algum profissional?

E: De fono? De Português? Então, até o meu ex-chefe da Band me falava isso... eu já pensei, mas nunca procurei. Porque tem aquela coisa, como o texto de telejornal é pequenininho, você faz e o outro vê e corrige em cima e aí já era! Se eu trabalhasse em jornal ou em revista, aí sim, com certeza.

P: Essa ajuda que você pensou em procurar era de quem?

E: De professor de gramática, aliás, minha esposa está fazendo um curso de gramática e ela é jornalista. Eu pensei mas não fui. Está cheio de editor aqui e um sabe um pouquinho mais que o outro e ajuda no texto.

P: Você procuraria um fonoaudiólogo para te ajudar nessas dificuldades?

E: A partir de agora fiquei curioso, com certeza, eu não sabia disso, mas com certeza.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não, não conheço, nunca ouvi falar.

P: Você acha que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Com certeza. A minha voz, isso na TV, melhorou com a ajuda de uma fono, porque não na escrita? Melhoraria com certeza.

P: Você sabe identificar que aspecto?

E: Não sei, só fazendo mesmo! Poderia melhorar, por que não? Mas o que eu não sei, poderia.

P: Pelas dificuldades que você citou, o que você acha que poderia aprimorar na sua escrita?

E: Acho que ser mais claro com poucas palavras. Essa eu acho que é a briga de todo jornalista: escrever tudo com poucas palavras, passar uma informação clara.

P: Você nunca chegou a fazer um trabalho de aprimoramento voltado para a escrita?

E: Não, nunca.

P: Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento da escrita?

E: É novidade para mim, agora fiquei curioso. Nunca ouvi falar, existe há pouco tempo?

5ª entrevista

T.F. - Tempo de atuação: 7 anos

P: O que você conhece sobre o profissional fonoaudiólogo?

E: O fonoaudiólogo trabalha os distúrbios da fala... distúrbios da fala em geral, problemas de dicção, de entendimento, acho que problema de colocação da língua, sei lá, é isso.

P: Pelo o que você conhece com o que esse profissional trabalha? Com que casos?

E: Com casos de gagueira, casos de má dicção, com casos de pessoas que tem língua presa, e é isso.

P: Tenho algumas alternativas, com qual delas você diria que tem a ver também?

E: Problemas de voz acho que não seria o caso, problemas de audição também acho que não. Com distúrbios de fala, comunicação, é problema de comunicação isso? (apontando para a alternativa). Então acho que seria gagueira, dificuldade na escrita tem a ver porque eu passo por isso! Audição não, distúrbios de fala acho que tem, problemas para engolir eu não sei... acho que tem, e comunicação e leitura.

P: Qual é a frequência que você escreve textos diariamente?

E: De Segunda à Sexta o dia inteiro, todo o dia.

P: Por dia qual é a média de textos?

E: Na verdade eu não faço por "quantos", às vezes eu fico em um, mas é um texto mais longo, de pesquisa, acho que umas três laudas por dia que são três páginas mais ou menos. Não necessariamente que sejam três matérias, às vezes é uma só. Em média três laudas.

P: Que tipos de texto você escreve?

E: Eu trabalho em uma revista de moda, então eu escrevo sobre moda, turismo, cultura e às vezes decoração e arquitetura. É cultura em geral, eu escrevo sobre culinária, tenho uma revista de culinária, e tenho uma outra revistinha sobre construção civil e outra sobre esmaltes. É que a empresa que eu trabalho faz publicações customizadas (cita as revistas), então é bem variado e eu escrevo quase sobre tudo, tirando economia.

P: E esses textos são de que tipo?

E: São matérias, notícias não são porque são factuais e eu não estou escrevendo sobre alguma coisa que aconteceu agora. Então são matérias com muita pesquisa, são artigos mesmo de pesquisa para uma revista que não é... é assim, no jornal, você lê tudo factual no dia, e no dia seguinte já tem outras notícias, então eu não escrevo notícias, eu escrevo matérias e artigos mais elaborados mesmo. Uma linguagem, não dependendo do veículo, mas não popular, não é uma linguagem popular de jornal, é uma linguagem mais elaborada para o público que são (as revistas). A de construção civil é uma revista especializada para engenheiros e arquitetos. No caso da (revista de moda) é uma revista de luxo voltada para classe A, então tem uma linguagem mais rebuscada do que eu usaria em outro lugar.

P: Para escrever você sente algum tipo de dificuldade?

E: Sinto. Eu sinto às vezes para começar um texto, para encontrar sinônimos de palavras principalmente, para "sair do normal" que é ficar sempre escrevendo igual. Eu sinto sim dificuldades, acho que eu falo melhor do que eu escrevo! Mas eu trabalho com a escrita, então eu tenho que aprender a escrever bem.

P: De que tipo elas são?

E: Para elaborar frases, que soem bem para não haja repetição de palavras e nem palavras que não costumamos usar. Tenho sempre dificuldade para começar um texto, é a parte mais difícil e às vezes, para encerrar. Então o que eu faço é sempre escrever o texto e a última coisa que eu faço é por o título. O começo e o fim às vezes eu tenho dificuldade de achar as palavras, e de formar a idéia que eu vou escrever, e eu não quero nunca cair no usual, no igual, fico com medo disso. Acho que eu falo muito melhor do que escrevo, sem dúvida, porque eu trabalhei muito em rádio e eu tinha muita facilidade em falar, apesar de eu me achar "gaga" em alguns momentos. Estou a quase quatro anos escrevendo.

P: Você acha que essas dificuldades de escrita são para algum texto específico ou para escrever qualquer texto, em geral?

E: É um certo tipo de texto, não são todos. Às vezes para escrever sobre a construção civil é difícil para mim, mas para escrever um texto de turismo é bem mais tranquilo para mim, ainda mais que é um tema que eu gosto. Vários temas que eu escrevo são temas que eu não gosto, mas que tenho que escrever, acho que fica tudo meio superficial, entende?

P: E para escrever sobre esses temas que você não gosta, o que você faz?

E: Eu faço pesquisa, muita mesmo, e depois o chefe lê, muitas vezes depois eu refaço, dependendo do assunto. Tem que ir atrás de informação mesmo, tem que saber do que você fala, porque jornalista tem que saber de tudo um pouco senão ele não escreve.

P: E para escrever os textos em geral, temas que você domina?

E: É mais tranquilo, eu sinto dificuldade um pouquinho em todos, mas que passa rápido e não fico empacada, isso era mais no começo da carreira, agora já flui melhor.

P: Você já pensou em procurar ou já procurou ajuda de algum profissional para te ajudar com essas dificuldades?

E: Em fono eu penso sim e há muito tempo, porque como eu disse, eu sou gaga! Eu gaguejo demais... eu sempre quis fazer fono, na época que eu trabalhava na rádio não tinha, e era uma falha isso. Em geral, todos os meios de comunicação que trabalha com imagem têm, e ainda mais. Quando eu gaguejo é porque eu fico nervosa, então às vezes eu vou entrevistar uma pessoa e gaguejo, esqueço o termo e gaguejo e eu acho que tenho um tom de voz muito baixo. Eu sempre quis fazer, só que é caro fono. Aí tem no convênio e talvez eu faça. Eu acho que problema em si eu não tenho, eu preciso melhorar a minha fala com treino, não acho que tenho um problema com isso.

P: E para a escrita você já chegou a procurar a ajuda de algum profissional, fono ou não?

E: Nunca procurei, eu falei desses errinhos que eu tenho dificuldade de colocar ÂO com AO e AM e foi a mãe da minha amiga que identificou isso, que era fonoaudiológico mesmo. Mas isso também foi treino, eram poucas palavras, mas sempre pegava o erro, não era alguma coisa que passava. Algumas palavras às vezes com F ou com V eu erro.

P: Você já chegou a procurar ajuda de algum outro profissional?

E: Não, nunca. Eu já fiz Pós, mas não tinha nada a ver com procurar ajuda.

P: E quando você encontra esses problemas na hora de escrever o que você faz?

E: Eu falo "Meu Deus, como é que eu posso errar uma coisa dessa?". Eu fico brava comigo e arrumo na hora, e agora eu me acostumei um pouco com esses errinhos básicos. Mas eu erro bastante, não só disso, mas de escrever rápido. É assim, se você ficar muito tempo no texto, você vicia naquele texto, então às vezes você lê coisas que não está escrito. Às vezes eu estou lendo a palavra correta e ela está escrita errada, e por quê? Porque eu viciiei naquele texto. Por isso que é importante sempre outras pessoas lerem o que você escreveu.

P: Você procuraria um fonoaudiólogo para te ajudar?

E: Lógico, sem dúvida, queria muito fazer.

P: Você conhece esse tipo de trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não, tudo o que eu conheço sobre fonoaudiólogo eu conheço por meio do Edu (marido que é jornalista, entrevista 4) que faz há muito tempo, só que sempre voltado para a fala, para a escrita eu nem sabia que tinha, fonoaudiólogo para a escrita não.

P: Em que aspecto do seu texto você acha que poderia ser aprimorado?

E: Acho que para usar palavras melhores, no aspecto como melhorar meu texto. Acho que eu queria ter um vocabulário mais rico, mais possibilidade de palavras, e ter mais facilidade para escrever, porque alguns jornalistas, também pela experiência, ditam a matéria por telefone!

P: Você já procurou ou já pensou em procurar algum profissional para te ajudar nesse processo de aprimoramento do texto?

E: Não, não sabia que tinha esse trabalho. Achei que fosse um profissional de gramática, mas não que tivesse um fonoaudiólogo que pudesse ajudar nisso, nunca pensei nisso, sinceramente. Nunca pensei porque e não sabia! Agora que eu sei posso até procurar.

6ª entrevista

C.A.R. - Tempo de atuação: 11 anos

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo?

E: Eu conheço pelo o que eu ouço dizer, nunca precisei de um profissional, mas é o que eu ouço falar de amigos e colegas, que é um profissional que lida com as dificuldades da pessoa falar, pronunciar algumas palavras, enfim, é tudo o que eu conheço, não sei muito sobre a profissão e aliás, nunca entrevistei uma fonoaudióloga em dez anos!

P: Com que questões você diria que ele atua?

E: É, com as dificuldades em crianças e até de adultos em falar, de até pronunciar algumas palavras, de se expressar através da voz.

P: Tenho algumas alternativas, com qual delas você diria que também tem a ver com a atuação do fonoaudiólogo?

E: Gagueira sim, problemas de voz, dificuldade na escrita se é eu não sabia! Distúrbios da audição sim, distúrbios da fala sim, problemas de deglutição sim, comunicação sim, e leitura se é eu também desconhecia.

P: Com que frequência você escreve textos? Qual é a média de textos por dia, profissionalmente?

E: Em média, eu acho que uns cinco textos por dia.

P: E os textos são de que tipo?

E: Geralmente é notícia, e uma vez ou outra é reportagem. É mais notícia e reportagem, artigo e relatório não e outros também não.

P: Você sente dificuldade para escrever algum tipo de texto?

E: Não, não sinto dificuldade para escrever o que eu escrevo, que é da minha profissão. Não tenho dificuldade nenhuma, e se fosse para fazer um relatório, como eu já fiz, eu também não tenho dificuldade. Eu entrei na profissão porque eu gostava e sabia um pouco além da escrita, e é por isso que eu sou jornalista hoje.

P: Você acha que tem dificuldade para escrever um certo tipo de texto ou é em geral?

E: Acho que não tem texto difícil, desde que você entenda sobre o que você está escrevendo. Então a premissa do jornalista é entender aquilo que ele está escrevendo, seja uma linguagem técnica ou não, a missão do jornalista é entender o que o cientista, o tecnólogo e o economista está dizendo, e transformar em uma linguagem mais viável, mais popular. A dificuldade de escrever, pelo menos para mim, não existe. A dificuldade está em muitas vezes entender, é preciso dominar o assunto que você está escrevendo, seja ele qual for, desde o mais difícil, e até o mais fácil, porque os mais fáceis tem algumas armadilhas. Não existe a dificuldade em escrever, o que existe é uma certa dificuldade em alguns assuntos. Por exemplo, eu tenho dificuldade com assuntos relacionados à Economia, isso é um fato porque eu não leio Economia, então eu tenho dificuldade em entender o mecanismo financeiro e econômico. Então já é bom você fazer uma entrevista completa, se você não souber o que são alguns termos, é preciso perguntar, porque senão você vai passar vergonha depois se você não souber escrever.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Sim sempre. Eu não sei qual. Eu leio muita notícia em jornal e eu acho que cada vez que eu leio, eu fico com mais vontade de escrever. Cada assunto requer um tipo de linguagem, e eu acho que eu gostaria de me aprimorar em cultura, existe um lado bem diferenciado do que a gente costuma saber de cultura, crítica, por exemplo, eu gostaria de aprimorar nesse caso, a linguagem. Mas eu nunca corri atrás para aprimorar, fazer curso de aprimoramento de linguagem e às vezes você acaba criando um pouquinho, se você vê um texto bom, você acaba querendo copiar o estilo um pouquinho e você cria um pouquinho em cima, o jornalismo permite um pouco disso, mas não muito. Eu gostaria de aprimorar e acho que é sempre bom.

P: São esses os aspectos que você identifica que poderia aprimorar?

E: Não é uma necessidade profissional, é uma necessidade pessoal mesmo, senão você acaba ficando no tempo. Tem muito jornalista de 60 ou 70 anos que ainda tem o mesmo estilo de escrita, e por mais que seja admirado, ele é pouco lido hoje em dia, porque ninguém hoje está interessado naqueles textos.

P: Então você nunca chegou a procurar ajuda para aprimorar seus textos?

E: Não nunca, a única ajuda é autodidata, eu mesmo leio muito para tentar captar alguns estilos, mas nenhum curso.

P: Já pensou em procurar?

E: Já pensei em procurar e já quase fui, mas não deu certo.

P: O que você procurou?

E: São chamados cursos menores que você compra um pacote que você vai a cada Sábado com um profissional da área, e ele ensina técnicas de redação em certas áreas, e isso tem muito na nossa área de jornalismo. Mas eu nunca fui, eu não sei se eu não tive tempo, se foi por dinheiro, mas nunca fui.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não.

7ª entrevista

A. M. - Tempo de atuação: 20 anos (formado há 15 anos)

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo?

E: Conheço sim.

P: Pelo o que você conhece, com o que você diria que este profissional atua?

E: Ele atua no desenvolvimento da fala, com pessoas que tem dificuldade, e eu acho que eu sou um deles. Eu tenho uma dicção muito rápida, e eu acho que eu seria uma dessas pessoas com necessidade de ter um fono, porque vai corrigir alguns defeitos que você tem. Pelo que eu sei, se você fala meio enrolado, engole letras, acho que tem uma técnica para isso, então por isso é importante um fono.

P: Entre as alternativas, qual d elas você diria que tem a ver com a atuação do fonoaudiólogo?

E: Acho que com gagueira, problemas de voz, distúrbio da fala e a comunicação.

P: Com que frequência você escreve textos diariamente? Qual é a média de textos por dia?

E: Depende muito texto. Posso escrever uma média de dois até três ou até mesmo quatro textos, depende. Minha média seria, para eu fazer tranquilamente, seriam de dois a três textos.

P: E que tipos de textos são?

E: Notícia né... A notícia está ligada à reportagem, para escrever é preciso ter a reportagem, mas o meu texto é um texto mais informativo.

P: Você sente alguma dificuldade pra escrever esses textos? Em que aspectos?

E: Em termos de organização do texto não. Eu já tenho uma grande experiência na área, temos que ter um grande cuidado em emitir as informações em relação ao conteúdo, aos títulos... mas eu não tenho dificuldade.

P: Você identifica dificuldades para escrever um certo tipo de texto ou nos textos em geral?

E: Não é o texto, é o assunto. Tem textos que você tem mais facilidade para escrever e tem textos que não. Por exemplo, textos de entrevistas são mais fáceis de escrever. Em uma palestra, quando há muita fala, você tem que parar para pensar no que vai colocar, qual o tamanho do texto, e isso às vezes dificulta um pouco. Não é dificuldade em escrever o texto, mas o tipo que você vai escrever. O texto em si mesmo, não é difícil, porque quem já é jornalista não tem dificuldade de escrever porque usa as técnicas: Tem o esquema de onde colocar o '*que*', '*quem*', '*como*', '*quando*' e '*porque*' que você já sabe onde colocá-los... o '*gancho*', todo mundo onde colocar. Às vezes o tamanho do texto e a organização daquilo que você vai colocar dificulta um pouquinho, mas aí é questão de pensar no que você vai escrever. O tipo de texto que você vai escrever o que você ouviu dificulta um pouco, mas não é dificuldade, é pela demora de escrever.

P: E como você resolve esse 'problema' na hora da escrita?

E: Tirando dúvidas.

P: Quem você procura?

E: Conversar com as próprias pessoas da área. A gente sempre trabalha em grupo, às vezes consultando o próprio colega de trabalho ou até mesmo pesquisando, você acaba optando por aquilo que é mais interessante de divulgar e até mesmo no tamanho do texto. Porque tudo é importante, mas às vezes você tem que pensar no espaço do jornal, tem que medir o retorno daquilo para você, então pensando naquilo que é importante para a secretaria é que eu procuro resolver.

P: Sempre a ajuda de profissionais da área?

E: Sim, sempre da área.

P: Você já procurou ou pensou em procurar ajuda de algum outro profissional?

E: Não. Mas essa ajuda que eu falei é tipo uma dica, quando necessário, não sempre, é muito difícil de acontecer.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Melhorado? Meu texto depois de pronto eu considero muito bom. Às vezes eu demoro muito porque eu costumo me apegar a questão da clareza, da objetividade, da coesão e o objetivo que quero atingir. O meu texto é um texto bem causado, ligado a coesão, concordância verbal, nominal, tudo isso, e sempre ligado à argumentação, à consequência. Depois de pronto, eu acho que fica muito bom.

P: Você não identifica nenhum aspecto para aprimorar, no sentido de aprimorar ainda mais o que já está bom?

E: No jornalismo assim, quanto mais você mexe no texto... você tem essas condições, mas aí você vai perder bastante tempo. Depois de pronto eu não acho que tem necessidade de mudar.

P: Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo atua com os usos profissionais da escrita?

E: Com a escrita não, tanto é que eu não consigo responder, eu ignorei a questão, eu fiquei mais preso em questão da fala. Pelo que eu conheço do fono, é para desenvolver a fala, por isso que com relação á escrita eu nunca ouvi falar.

8ª entrevista

V.O. - Tempo de atuação: 8 anos (formada há 8 anos)

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo?

E: Conheço.

P: Pelo o que você conhece, com o que você diria que o fonoaudiólogo atua?

E: Eu acho que é importante, inclusive uma vez eu comecei a fazer um tratamento mas eu tive que parar por conta do tempo. Eu apresentava um programa de rádio e também tinha um espaço na TV, eu fazia matérias para a TV, então eu tinha que melhorar a dicção e minha voz é meio esquisita.

P: Você conhece outras atuações do fonoaudiólogo?

E: Não.

P: Entre as alternativas, com quais você acha que tem a ver com a atuação?

E: Eu acho que com gagueira, problema de voz, distúrbio da fala, comunicação e leitura.

P: Com que frequência você escreve textos diariamente? Qual é a média?

E: Depende. Há dias que escreve de três a quatro, tem dias que escrevo um.

P: E quais são os tipos de texto que você escreve profissionalmente?

E: Reportagem e também uma coluna social. Fora o que eu escrevo aqui, eu também escrevo para outro jornal que é bem diferente, eu escrevo na área de segurança.

P: Você acha que tem dificuldade para escrever?

E: Não, acho que só fica difícil para escrever quando você não tem muita informação, aí você tem um pouco de dificuldade, você tem que ter todas as informações para você escrever um bom texto.

P: Algum outro aspecto que dificulta além da falta de domínio pelo tema?

E: Não.

P: Existe um certo tipo de texto que é mais complicado de escrever?

E: Acho que quando envolve muito cálculo, que não pode ter erro. Se você fizer uma ação errada e colocar, muda totalmente o sentido, então são esses mais específicos, os de economia.

P: Você já procurou ou já pensou em procurar ajuda de algum profissional para ajudar com essas dificuldades?

E: Nós sempre procuramos alguém que saiba mais, que domina melhor o assunto, aí ligo e pergunto para pegar informações.

P: E quais são os profissionais?

E: Geralmente são da área de economia ou da área de saúde.

P: Você já pensou em procurar ajuda de outros profissionais?

E: Não

P: Você acha que procuraria um fonoaudiólogo para te ajudar com essas dificuldades?

E: Eu acho que não, só se fosse voltado para a área de Fonoaudiologia,

aí sim eu teria que procurar um fonoaudiólogo.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Acho que sempre tem que melhorar, sempre tem que reciclar, novas palavras, é isso. Acho que fazer cursos para se informar sobre o que está acontecendo.

P: Você já procurou ajuda para aprimorar seu texto?

E: Eu já fiz cursos não para melhorar o texto, mas sim curso de apresentador e de telejornal. Agora eu estou terminando minha tese em gestão cultural, que não é muito voltado ao jornalismo a minha Pós.

P: Mas já pensou em alguma coisa para aprimorar o texto?

E: Já, mas falta tempo.

P: Em quem você pensou?

E: Cursos... eu não tenho idéia exatamente.

c) Anexo 3 – Entrevistas com Publicitários

P: Pesquisadora E: Entrevistado

1ª entrevista

A.C. - Tempo de atuação: 4 anos

P: O que você conhece sobre o profissional fonoaudiólogo? Com o que você diria que este profissional faz, com o que atua?

E: Ele atua com a fala?! Eu diria que atua com a fala, com a boca, agora não sei exatamente. Eu fiz fonoaudióloga quando era pequena, eu usei aparelho, fiz exercícios, então era para exercitar os músculos da face, aonde que posicionava a língua e como que fala, era todo um trabalho de face, é o que eu conheço.

P: Você tem conhecimento sobre alguma outra área de atuação?

E: Não, é basicamente este trabalho.

P: Citarei alguns casos, você acha que atua com os problemas de gagueira?

E: Ok gagueira.

P: Problemas de voz?

E: Voz também! Eu ia até citar voz.

P: Dificuldades de escrita?

E: Com dificuldades de escrita não, nunca ouvi falar.

P: Com distúrbios da audição?

E: Com distúrbios da audição? Também nunca ouvi falar que o fonoaudiólogo faz isso.

P: Com problemas de deglutição?

E: Nunca ouvi falar, mas se bobear até faz sentido que o fonoaudiólogo faça isso!

P: Com a comunicação?

E: Também faz sentido.

P: Leitura?

E: Leitura não faz sentido.

P: Qual é a frequência que você escreve textos, a média de textos que você escreve por dia?

E: Por dia contando e-mails, contando propostas... sei lá, de 10 a 20 textos por dia.

P: E são que tipo textos?

E: Proposta para cliente, e-mail, texto publicitário que seria e-mail marketing, que seria um texto para por em um flyer, texto para site... são esse tipos de texto que eu trabalho no dia-a-dia. E-mail para cliente, e-mail para fornecedor.

P: Nesses textos, você sente alguma dificuldade para escrever?

E: Não, na verdade, eu sou publicitária e faço isso, então se eu tivesse dificuldade para escrever acho que eu iria trabalhar na área de pesquisa! Como eu já trabalho escrevendo, eu não sinto dificuldade, sai fácil.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita? Já ouviu falar?

E: Não, nunca tinha ouvido falar. Na hora que eu li aqui (projeto do TCC) não entendi nada, como assim?! Não sabia que o fonoaudiólogo trabalhava com a escrita, se eu conhecesse alguém que tivesse problema com a escrita, eu iria recomendar um professor de Português.

P: E com os usos profissionais da escrita?

E: Eu também iria recomendar um professor, porque se você sabe escrever o básico, você sabe escrever profissionalmente, é o que eu imagino. Se você sabe escrever uma carta para sua tia, você sabe escrever um e-mail para o seu fornecedor, é só mudar o ... a estrutura básica é a mesma.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Eu não sinto falta de nada, não sou contra aprimorar. Não sou contra mas poderia ter, mas eu não sinto falta, eu acho que eu me sinto confortável escrevendo e meu texto é ok.

P: Teria alguma coisa que poderia melhorar e por quê?

E: O que eu poderia melhorar? Coisas específicas do tipo se eu for fazer uma proposta comercial, como é que eu escrevo, termos, mas no geral não, só no que é mais específico.

P: E já chegou a procurar ajuda?

E: Não, eu procuro fontes de exemplo, então eu vou pegar um exemplo de como se escreve uma proposta comercial, aí eu pego um exemplo, me baseio naquilo e faço algum mais ou menos no estilo.

P: Já procurou ou pensou na ajuda de profissionais?

E: Não, nunca.

P: Então já ouviu que o fonoaudiólogo pode fazer o trabalho de aprimoramento da escrita ou nunca ouviu?

E: Não

P: O que você acha disso?

E: Eu fico pensando como é, e que raios, um fonoaudiólogo vai fazer um trabalho de aprimoramento da escrita? É isso que eu acho, me veio uma pergunta, como assim?

P: E por quê? É pela falta de informação sobre o trabalho?

E: Não, é porque eu imagino que o fonoaudiólogo mexe com a fala, FONO (indica a boca) ÁUDIO (indica para o rosto), é isso e não a escrita! É com certeza que se você sabe falar direito, você

sabe escrever direito, mas são duas coisas diferentes de você se comunicar com a fala e de você se comunicar no papel. Então eu não consigo imaginar como é que um fonoaudiólogo consegue desenvolver melhor a escrita.

2ª entrevista

T. M. - Tempo de atuação: 15 anos

P: O que você conhece sobre o profissional fonoaudiólogo? Pelo que você conhece, com o que você diria que o fonoaudiólogo trabalha?

E: Eu imagino, até pelo próprio nome, Audio, o fono trabalha com os distúrbios da fala, da voz, com aquilo que nós produzimos de áudio, na dificuldade de falar é o que eu imagino que sejam as funções do fono. Conheço muito pouco, quase nada, acho uma profissão e uma atuação muito interessante, mas eu desconheço com detalhes aquilo que exerce e até mesmo da contribuição dele com os diversos profissionais e com as pessoas, inclusive na sua auto-estima de comunicar.

P: Entre as opções, qual você diria que tem a ver com o trabalho?

E: Problemas de voz, distúrbios da fala e comunicação. Eu acho que a gagueira eu não marcaria, escrita tão pouco, audição talvez porque tem a ver com o som que a gente emite, então talvez. Fala com certeza, deglutição não, comunicação sim por conta da comunicação verbal, leitura não e outros talvez. Os outros seriam: nervosismo, ansiedade, situações que diminuem o desempenho no processo de comunicação.

P: Qual é a frequência que você escreve textos diariamente?

E: Escrevo diariamente, é um hábito tão natural na minha vida quanto ler, almoçar, tomar um lanche. É um hábito indispensável no meu dia-a-dia. Não existe um número, quando você começa a ter idéias você precisa registrá-las, e às vezes uma idéia acaba sofrendo um complemento no resto do dia, no dia seguinte. Existe o próprio momento da produção em que você já de posse de várias idéias, de vários registros, você pára, senta e organiza aquilo, de modo a finalizar o trabalho, não significa que você escreve e finaliza um trabalho todos os dias, significa que você vai somando, escrevendo, corrigindo, lendo, e num determinado momento, você então produz efetivamente um trabalho. Dentro desse processo, escreve-se todos os dias. Para nós que trabalhamos com a escrita, principalmente para mim que sou escritor de textos bem humorados, crônicas, além das atividades profissionais de jornalismo e de comunicação, enfim, é na verdade um grande prazer. Eu escrevo por prazer, eu gosto, porque me descontraí, me serve até de terapia e dependo disso até para a minha própria auto-estima. Vamos imaginar que eu escreva talvez uma página, uma lauda, mas às vezes é muito mais.

P: Um tipo de texto?

E: Não, existem os trabalhos de texto com caráter jornalístico, de caráter informativo, persuasivos quando são relacionados às ações de marketing, e existem os textos de lazer, que é o meu estilo de escrever, o humor, então, vários estilos, tanto dentro da minha profissão quanto ao meu hobby. Textos informativos, jornalísticos, mercadológicos, relatórios, textos relacionados ao marketing, a publicidade, a propaganda, textos artísticos para rádio, teatro, televisão e textos bem humorados que são as minhas crônicas, que eu escrevo para alguns veículos de comunicação, revistas e jornais, e que são textos que eu publico. Eu tenho um livro recente e estou preparando outro para publicar.

P: Você sente alguma dificuldade na sua escrita?

E: Não, dificuldade nenhuma, sinto até facilidade. Hoje em dia tem recursos muito bons, têm editores de texto, softwares com muitas ferramentas, recursos muito bons que facilitam. Hoje eu acho que temos muitas facilidades, facilidades tecnológicas, recursos e equipamentos, e as e de conteúdo, porque você tem uma sociedade que está em profunda alteração, muita informação ao mesmo tempo, você acaba obtendo muita informação, então isso gera bastante conteúdo, e eu sinto facilidade. Flui muito naturalmente, nenhum empecilho, absolutamente nada.

P: Você acha que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Com certeza, nós normalmente somos muito críticos em relação àquilo que produzimos, você escreve algo hoje e lê, relê, revisa e você acha que está legal. Nunca consideramos um trabalho bom em função da nossa própria opinião, a gente sempre passa na mão de pessoas do próprio ramo para lerem e reverem, criticarem, e quando depois da nossa própria autocrítica essas pessoas lêem e avaliam a consideram bom, a gente também considera bom. Mas dali a um mês, a gente lê e acha muito ruim, nós somos muito críticos, e nesse processo nós estamos sempre em busca de evolução. Sempre temos o que aprimorar, que ampliar nosso estilo, tornar a comunicação um pouco mais abrangente e mais atraente para o leitor.

P: Você saberia exatamente qual aspecto?

E: Dentro da necessidade do leitor, porque às vezes aquilo que é preeminente para mim, dentro do contexto que eu vivo, talvez não seja para você, então é preciso descobrir o que te interessa, o que lhe agrada. Evidentemente, cada autor tem seu próprio estilo, mas um dos aprimoramentos que eu acho é que nós pudéssemos, dentro do nosso campo de produção, produzir algo que interessasse ainda mais o leitor, para que ele pudesse de fato ter acesso e gastar tempo com a leitura. Quem sabe, nós poderíamos até impactar essa complexidade cultural que existe no Brasil que é a dificuldade de ler, desinteresse. É um número muito pequeno de pessoas que vão a uma livraria e compram um livro, talvez porque o que nós escrevemos não seja interessante para eles e acham chato ler pelos assuntos que não são interessantes.

P: Nesse aspecto, como você avalia sua escrita?

E: Eu avalio segundo a avaliação dos meus leitores, quem avalia são os leitores, eles são meu feedback, dos e-mails que eu recebo, dos comentários, telefonemas e pessoas que encontro. De acordo com a avaliação dessas pessoas eu avalio o meu próprio trabalho.

P: Você procurou ou já pensou em procurar ajuda de algum profissional ou colega para te ajudar a aprimorar seu texto?

E: Com certeza. Existem pessoas que atuam há mais tempo, com mais experiência. E não só o escrever, mas tudo o que eu faço na vida é fundamental saber a opinião das pessoas mais experientes, conhecer os possíveis resultados que aquele trabalho vai nos proporcionar e procurar acertar o máximo. Uma coisa é a gente seguir de acordo com a nossa própria opinião, mas outra coisa é nós debatermos, trocarmos idéias, sobretudo com pessoas mais experientes. Eu procuro sempre buscar uma segunda, terceira ou quarta opinião, busco conselhos, idéias, sugestões.

P: Você buscou ajuda de quem?

E: Essa ajuda é profissional de quem escreve há mais tempo, ou que trabalha na televisão como redator e também das pessoas que estão começando, as mais próximas, aquelas que gostam do que a gente faz e que tem algo a somar. São profissionais e também apreciadores. Às vezes a pessoa não é um profissional em escrever, mas é um leitor, então é um consumidor que lê todos os estilos, autores, então essa pessoa sabe discernir, distinguir entre uma obra boa ou ruim, ela tem o que comentar embora não seja um profissional da área. Tem aqueles que são profissionais: professores, editores, revisores, juristas, jornalistas.

P: Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento do uso profissional de escrita?

E: Não, nunca ouvi falar e ouço agora com surpresa. Surpresa agradável, mas uma grande surpresa.

P: E como você imagina?

E: Não consigo imaginar nada. Eu acho que o processo de comunicação tem que ser eficiente, e nesse processo de ser eficiente, o fono pode colaborar sim, mas eu sempre imaginei com a comunicação verbal, com a fala, nunca com a comunicação escrita.

P: Se você tivesse alguma dificuldade com a escrita, você procuraria um fonoaudiólogo?

E: Não, se eu tivesse acho que procuraria um professor de língua Portuguesa, técnico em redação, um jornalista, advogado, alguém que escrevesse habitualmente.

3ª entrevista

T.M.R. - Tempo de atuação: 2 anos

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo?

E: Conheço, inclusive já tive um curso de dublagem e tive um trabalho com uma fonoaudióloga e agora fazendo curso de locução, estou fazendo aulas e acompanhamento com uma fonoaudióloga.

P: Pelo o que você conhece, com o que você diria que o fonoaudiólogo atua?

E: Nos ensina a falar, na verdade quando eu comecei o acompanhamento com a fonoaudióloga eu não imaginava, eu pensava que fosse só para imitação de voz e aprender a falar de uma forma mais profissional, e não, é articulação, o tom de voz, tudo que você precisa para falar normalmente você de um acompanhamento de um fonoaudiólogo. Nos cursos que fiz era primordial, os professores locutores que davam aula falavam que precisava desse acompanhamento, e às vezes coisas que as pessoas nem percebiam que tinham, um sibilo, também era indicado. Isso é o que eu conheço.

P: Entre as alternativas, com qual delas você acha que tem a ver com a atuação do fonoaudiólogo?

E: Gagueira, problemas de voz, distúrbios da fala, problemas de deglutição, comunicação, acho que praticamente tudo. Eu só não sei na escrita, audição e leitura, isso eu não sei.

P: Com que frequência você escreve textos diariamente? Qual é a média de textos?

E: Todos os dias, porque na publicidade eu faço mais a parte de pesquisa e redação, então todos os dias eu escrevo. É um texto publicitário, é um texto informativo, mandando e-mails, então todos os dias eu trabalho com redação mesmo.

P: Esses são os tipos de texto que você escreve?

E: Isso, ou é publicitário para as campanhas, ou é mandando e-mail com divulgação para alguém, é mais nessa área mesmo.

P: Quantos textos você escreve diariamente?

E: Nossa, tem dias que eu escrevo cinco textos, tem dias que são dois, às vezes eu fico só na pesquisa mesmo que é na leitura, no famoso recorta e cola, vou usando palavras para juntar algumas coisas. Não tem uma média específica, todo dia varia muito.

P: Nesses textos que você escreve diariamente, você sente alguma dificuldade para escrever?

E: Não, não sinto. Mas quando eu vejo a minha notícia, eu tenho um pouco de dificuldade. Como a minha formação é publicitária, para fazer um texto jornalístico eu acabo sempre vendendo alguma coisa que na verdade não é a intenção de um texto jornalístico, só isso, não tenho muita dificuldade de escrever não.

P: Em nenhum aspecto você sente dificuldade?

E: Não que eu me lembre. É que eu leio muito e acho que ajuda bastante. É claro que tem dias que existem aqueles bloqueios, que não sai, você escreve e apaga, escreve de novo e não consegue, parece que não vai fluir. Eu paro um pouco, esqueço aquilo e não fico pensando que eu tenho que escrever, eu tomo um café, converso com alguém, aí depois eu sento e aí vai surgindo. Mas quando eu tenho esses bloqueios, o que eu faço é ir pesquisar sobre o assunto, então eu fico mais informada sobre aquilo e facilita na hora de escrever.

P: Esse bloqueio tem a ver com?

E: Talvez até com falta de conhecimento sobre o assunto, e mais conteúdo.

P: Você sente dificuldade para escrever um certo tipo de texto ou é em geral?

E: Não, é como eu disse, é jornalístico. Um relatório de reunião tudo bem, agora notícia sobre evento é um pouco mais complicado, notícia é mais jornalístico e aí eu tenho uma certa dificuldade. Eu quero até fazer um curso de redação jornalística justamente para ver se eu melhoro isso.

P: Você já procurou alguma ajuda ou já pensou nisso?

E: Para escrever? Então, eu penso eu fazer um curso ou de jornalismo ou redação jornalística, ou algo para me ajudar a escrever na parte de texto jornalístico. É mais algo como algum curso, ou até mesmo uma Pós-graduação em jornalismo.

P: Você já procurou ou já pensou em procurar alguém para te ajudar, profissional ou não?

E: Já, uma vez pedi para um colega de trabalho me dar alguns toques e depois acabou acontecendo outros trabalhos e não deu para fazer essas aulinhas!

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Com certeza, na verdade nós sempre podemos aprimorar, por isso eu até decidi fazer um curso de redação, curso de jornalismo. Quanto mais repertório você tem, mais facilidade você tem para escrever. Na faculdade eu tinha aula de redação durante três semestres, mais voltado para o lado publicitário, então eu queria procurar, sempre acho que dá para aprimorar.

P: Você sabe em que aspecto?

E: Não, acho que ele (texto) como um todo, não sei identificar exatamente.

P: E para poder aprimorar o seu texto, você já procurou ou pensou em procurar uma ajuda?

E: Sempre quando escrevo mostro para alguém, ou pra o diretor ou para o próprio secretário, ou para algum colega de trabalho. Eu nunca pego o texto e acho que aquilo já está bom, eu sempre mostro para alguém que possa rascunhar, alterar e me devolver para eu mudar aquilo que não está legal.

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não, com a escrita não.

P: Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento com os usos profissionais da escrita?

E: Nunca ouvi falar, é até interessante saber disso!

4ª entrevista

R.R.C. - Tempo de atuação: 10 anos (formado há 6 anos)

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo?

E: Depende do nível de conhecimento, eu conheço a profissão, sei que ajuda bastante em alguns casos, mas nunca tive contato com esse profissional.

P: Pelo que você conhece, com o que você diria que o fonoaudiólogo trabalha com o que?

E: Acho que em primeiro, com pessoas que tem problema de dicção, problemas até de pessoas que tenham sofrido algum tipo de acidente, enfim, problemas de voz, cordas vocais, gago, acho que essas situações.

P: Entre as alternativas, com quais você diria que o fonoaudiólogo trabalha ou não?

E: Gagueira sim, problemas de voz sim, distúrbios da audição acho que sim, da fala acho que sim, problemas de deglutição não sei, talvez. Comunicação sim, leitura acho que não.

P: Com que frequência você escreve textos? Qual é a média de textos por dia?

E: Qualquer tipo de texto? Sei lá, difícil precisar, quantificar. Muito e-mail, uns dez por dia. Em apresentações que a gente faz aqui de propostas, em apresentações que nós fazemos de proposta e de planejamento para clientes e tudo mais, bastante também, uma por dia ou uma a cada dois dias. No Messenger são textos curtos, instantâneos, umas duas horas por dia.

P: E profissionalmente você escreve o que?

E: Em reuniões também, agora texto que eu paro e penso para escrever como se fosse uma crônica, é raro. Normalmente, nós temos uma coisa aqui que é estruturar pensamento, usamos a apresentação, então esse texto que é uma condução linear de uma história, para poder mostrar porque enxergamos determinada marca ou produto, ela normalmente acontece através de um Power Point, é um texto dividido em slides, que poderia muito bem ser um texto corrido na forma de Word. De vez em quando, respostas em blogs, você acaba escrevendo um texto um pouco maior, são coisas nesse sentido. E durante o processo de pensamento, também antes da etapa de colocar tudo no Power Point, eu escrevo bastante também.

P: Que tipo de texto você escreve?

E: Normalmente, muito mais relatório, e outros textos são os informais, emails e MSN, e só. Artigos são raros, já escrevi mas faz tempo que não escrevo, acho que uns dois ou três anos que não escrevo.

P: Você sente ou já sentiu alguma dificuldade para escrever?

E: Já, Principalmente quando você tem que ter o pensamento muito embasado quando é alguma coisa muito espontânea, você tem que pensar na realidade e embasar. Quando é alguma coisa mais aprofundada, aí a dificuldade aparece. Também é um texto que tende a ser mais difícil até porque você tem que vender esse texto de alguma forma, e a outra pessoa tem que entender isso melhor. É um texto que eu estou, provavelmente, defendendo um ponto de vista junto a um cliente ou de determinada marca, enfim, a defesa de um ponto de vista tende a ser um pouco mais difícil.

P: A dificuldade é nesse sentido?

E: Não, eu acho que a dificuldade é de querer fazer da melhor maneira possível, de ter um texto embasado para defender meu ponto de vista.

P: Você acha que tem certos tipos de texto que são mais difíceis de escrever ou não?

E: Sobre assuntos que eu não conheço são muito difíceis, tenho que pesquisar muito e ainda sim, fico inseguro para escrever a respeito. Eu acho que está muito mais ligado ao nível de conhecimento, do aprofundamento em determinado assunto.

P: Tem a ver com o tipo do texto que você escreve?

E: Em texto narrativo, descritivo? Acho que textos descritivos são muito mais fáceis de escrever. Textos narrativos eu gosto mais de fazer, até talvez pela dificuldade ser maior, fica mais rico, e aí sim você tem que colocar todo o seu repertório e aí eu acho que isso traz uma satisfação maior quando você vê o texto pronto, seja ele para o que for.

P: Para estas dificuldades você já chegou a procurar ou já pensou em procurar ajuda de um profissional, colega da mesma área?

E: Normalmente quando é relação ao repertório, ou troco idéias com pessoas que saibam melhor sobre determinado assunto ou com pessoas do mesmo universo que o meu. Você procura um par nesse sentido, até aqui dentro ou procuro um 'expert'. Sei lá, um exemplo, se eu vou escrever alguma coisa para o mercado imobiliário, que não é o que eu falo todos os dias, eu posso

começar e terminar o texto, posso pedir uma opinião, uma ajuda para pessoas que trabalham comigo, que tem uma visão um pouco parecida com a minha e também posso pedir ajuda para algum amigo meu que trabalha no mercado imobiliário, pra enriquecer um pouquinho mais. Tudo eu acho que está muito ligado ao repertório.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Sim, principalmente com relação à concisão, ser mais conciso, ser menos prolixo, às vezes eu tendo a ser um pouco mais prolixo, de ir direto ao ponto. Até por querer contar muito dessas histórias das narrativas, de fazer uma coisa mais bacana, essa linha do 'me envolver' versus 'direto se tornar prolixo', então nesse sentido poderia. Talvez o próprio repertório eu acho que vem com leitura, melhora seu texto até com relação às figuras de linguagem, a parte gramatical. Acho que quando eu estou mais engajado com leitura, eu escrevo melhor, eu consigo enriquecer, ser mais conciso, me envolver sem ser prolixo.

P: Você já procurou ou já pensou em procurar a ajuda de algum profissional ou outro para e ajudar nesse processo de aprimoramento?

E: Eu até pensei, mas o pensamento rápido foi embora. Aí na verdade eu não saberia nem ser seria um clone mini júnior do Pasquale, com relação às figuras de linguagem, se seria algum profissional de redação. Eu trabalho com planejamento, mas já fiz curso de redação publicitária, que é muito curta e direta. Eu não sei também se talvez alguma coisa mais acadêmica e menos publicitária me ajudaria mais com relação à construção de textos.

P: Você pensou em procurar quem?

E: Num sei, alguém de Letras, outro profissional de outra área.

P: Você conhece o trabalho fonoaudiológico com os usos profissionais da escrita?

E: Não. Sou um completo ignorante.

P: Você nunca ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento dos usos profissionais da escrita?

E: Não, nunca. Pode?

P: Pode.

E: É a primeira vez.

5ª entrevista

R.S. - Tempo de atuação: 20 anos

P: Você conhece o profissional fonoaudiólogo? Pelo o que você conhece, com o que você diria que este profissional trabalha?

E: Eu não conheço pessoalmente o profissional, eu conheço por ouvir no rádio, e por ter feito bastante aula de canto, e por problemas de algumas pessoas que tiveram problemas com a pronúncia da voz, um som de voz estranho ou anasalado demais, dificuldade para falar e tudo, e crianças que são indicadas a procurar um fonoaudiólogo, esse é o conhecimento que eu tenho.

P: Com que casos você acha que ele trabalha?

E: Eu imagino que seja com crianças ou pessoas com problema na comunicação, que não consigam se comunicar através de uma conversação audível, ou que não goste da própria voz e por isso são inibidas, e tenha problemas para se relacionar.... e coisas do gênero envolvidas com a fala.

P: Entre as alternativas, com qual você acha que tem a ver com a atuação do fonoaudiólogo?

E: Gagueira eu acho que sim, problemas com a voz também. Dificuldade com a escrita? Talvez sim, agora Talvez sim, não, não tenho certeza. Distúrbio de audição eu creio que sim, agora se tiver problema de audição, talvez tenha problema de escrita, então talvez os dois se correlacionem. Com distúrbio da fala sim. Problemas de deglutição eu também creio que sim. Comunicação engloba todos esses anteriores. Leitura? Talvez se a criança não conseguir desenvolver a alfabetização por algum problema desses outros relacionados, também vai ter para realizar a leitura, então praticamente todos estão envolvidos.

P: Com que frequência você escreve textos diariamente? Qual é a média?

E: Não sei e dizer, porque o que eu escrevo são e-mails. Eu me correspondo por e-mail e por um programa de intranet, então durante todo o dia eu escrevo pouquinho, mas não são textos longos, são textos curtos.

P: Você sabe qual é a média de textos por dia?

E: Não dá nem para precisar porque são textos curtos, são mais recomendações, ou observações e não textos longos, como por exemplo um redator faria. Como eu sou diretor de arte

então meu trabalho é mais relacionado com estética da criação. Eu leio todos os textos do redator, ajudo o redator na criação, mas eu não escrevo. Eu até oriento o redator, discuto junto alguns conceitos criativos, mas aí é ele quem vai escrevendo isso.

P: E quais são os tipos de texto?

E: A grande maioria são e-mails. Uma coisa interessante é que nós preferimos duas linguagens aí: uma é no e-mail, uma linguagem mais formal. Agora no outro programa que eu uso, é uma linguagem praticamente falada, então vou escrever com uma linguagem falada, com abreviações, diferente do email que eu procuro escrever corretamente.

P: São basicamente e-mails ou mais algum outro texto que você costuma usar no trabalho?

E: Basicamente e-mails. Agora a questão do trabalho com os textos, a minha função é a de agravar os textos dos redatores dentro de uma estética e deixar um anúncio bonito, por exemplo. Nos títulos, eu escolho as fontes a serem aplicadas no texto, então cada título tem uma personalidade. Eu tenho que encontrar qual a personalidade gráfica desses títulos. Eu sempre vou trabalhar para deixar o texto agradável dentro do contexto, da arte do anúncio. Então é uma outra forma de se trabalhar com o texto, que também é importante.

P: É um trabalho com a estética mesmo?

E: De estética e com a psicologia, vamos dizer, com a apresentação que essas fontes deveriam ter. É como se você tivesse dando uma cara para o personagem, eu pego o texto e faço com que ele se adeque à mensagem que o redator quer passar.

P: Você sente alguma dificuldade na parte da escrita, na produção do texto?

E: Dificuldade originada pela minha escolha de trabalho, de estilo?

P: Em relação à produção do texto.

E: Eu não tenho dificuldade com o texto porque eu leio muito, e eu gosto muito de escrever inclusive. Eu tenho um sonho que é me tornar redator, embora eu seja diretor de arte, eu adoro escrever. Eu interfiro muito no trabalho dos redatores, às vezes eles reclamam que eu não deveria dar tanto palpite no trabalho deles. Dificuldade com o texto eu não tenho, mas tem profissionais que tem até por uma questão cultural, mas eu tenho até facilidade.

P: Como você avalia o texto que você produz?

E: Meu texto é bom. Eu considero meu texto bom, assim como as pessoas que trabalham comigo também consideram. Meu texto é refinado, tem um vocabulário bastante extenso.

P: Você acha que é mais difícil escrever um certo tipo de texto ou textos em geral?

E: O que eu vejo mais dificuldade quando você escreve um texto, é trabalhar com algo que não é do seu conhecimento, aí tem que fazer pesquisa, é onde se torna mais difícil. A grande dificuldade é a criatividade, o texto tem que ser criativo, curto ou longo, mas tem que ser criativo. Nesse tipo de texto é mais trabalhoso porque você tem que associar idéias dentro de uma frase muito curta, você tem que ter o conceito, tem que ser uma frase de impacto, essa é a grande dificuldade. É o texto publicitário.

P: Você já procurou ou pensou em procurar ajuda de algum profissional para te ajudar nisso?

E: Já sim. Isso acontece até mesmo como consulta com outras pessoas para ver a opinião delas a respeito, e não para escrever mesmo, a não ser que seja alguma coisa muito técnica que você passa para outra pessoa fazer e pronto. Eu já trabalhei com alguns materiais que eu precisava passar o texto para um redator que conhecesse daquela área, eu não teria nem como começar a escrever.

P: Você já chegou a procurar ajuda, e essa ajuda era de quem?

E: Era o redator que conhecia o produto. Eram colegas de profissão. Mas já aconteceu de eu procurar profissionais também do mercado, mas de indicação de outra agência.

P: E eram que profissionais?

E: Publicitários. E às vezes temos também assessoria de imprensa, que já é uma outra história, outro texto. Cada profissional é especializado e tem uma linguagem para cada momento.

P: E você procurou estes profissionais para te ajudar em qual questão?

E: Para preencher essa lacuna clara da falta de conhecimento do que eu ia escrever, para eu continuar. Esse é um outro ponto importante, tem que avaliar para ver se você é capaz de escrever ou não, e se não é, é aí que você procura ajuda. Se você procura ajuda, você tanto pode pedir para a pessoa escrever o texto, como você pode pedir também para que ela escreva algo para você reescrever o texto, e aí eu trabalho em cima dele.

P: Você acredita que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Acho que sempre é possível aprimorar, acho que para esta pergunta, qualquer um vai responder que sim. Porque aquele que escreve publicitariamente acho que adoraria escrever romance, esse é um exemplo mas, existem trabalhos que você pode executar e para isso precisa estar capacitado. Eu gostaria de ter mais tempo para escrever na verdade. Eu tenho, praticamente, tempo nenhum para escrever fora do trabalho. Como eu sou dedicado à parte do designer, da arte, sobra pouco tempo. Eu tenho lido bastante, então, às vezes me dá uns 'insites', como se eu estivesse escrevendo um pequeno trecho de um romance, entendeu? Então eu gostaria de fazer um curso de redação publicitária, mais pela questão da minha profissão.

P: Fora a questão do tempo, existe algum detalhe do seu texto que você gostaria de aprimorar?

E: Eu sou bastante confortável com o meu texto. Acho que para melhorar eu teria que praticar. É uma questão de tempo, estudos, por exemplo, de estilos. Dependendo do que você vai escrever, você tem os estilos, e também depende dos personagens dos quais você está falando, no caso de um romance.

P: Você já chegou a procurar algum profissional para te ajudar nesse processo de aprimoramento?

E: Eu tenho feito isso de uma forma autodidata até. Eu tenho lido bastante, mas eu sinto falta de uma discussão de alto nível com pessoas que já escrevam, mas de uma forma orientada. Teria que ser um curso mesmo para isso, e eu até consultei alguns cursos, mas eu acabei não fazendo por problema de tempo ou por não ter gostado da metodologia indicada pelo curso, mas eu pretendo fazer ainda. Eu queria um curso eu pudesse conversar com outras pessoas sabe, como se fosse uma oficina para interagir com essas pessoas.

P: Eram cursos de que? Que profissionais?

E: De redação publicitária, eram publicitários. Eu participei uma vez de um grupo de discussão que era muito legal. Discutíamos tanto a literatura como a arte, o teatro, então era um grupo onde você tinha um enriquecimento claro de vocabulário, e é isso que eu gostaria de encontrar, algum curso meio oficina, mais focada à escrita mesmo.

P: Já pensou em procurar algum profissional para te ajudar nisso?

E: Já pensei, mas eu não identifiquei esse profissional. Porque não é o caso de fazer um curso de Letras, entendeu? Não é isso que eu quero, apesar de que seria fantástico e eu adoraria fazer. Eu tenho alguns amigos que dizem que eu tenho que escrever sempre, todo o dia, porque é

assim que eu vou aprimorar. Mas eu não consigo porque eu faço muitas coisas ao mesmo tempo, entre elas atividade física.

P: Você acha que você procuraria um fonoaudiólogo para te ajudar nesse processo de aprimoramento?

E: Então, eu não tenho total clareza da abrangência da Fonoaudiologia. Pelo tom das perguntas e pelo próprio conteúdo, está ficando cada vez mais claro para mim que a Fonoaudiologia poderia me ajudar sim, porque seu trabalho está sendo feito em cima disso. Eu procuraria sim.

P: Você já ouviu falar que o fonoaudiólogo pode fazer um trabalho de aprimoramento com a escrita?

E: Eu tenho uma percepção... Aconteceu uma coisa comigo muito engraçada, vou te contar: às vezes eu estou muito retrospectivo, e por ficar muito tempo sem conversar, porque minha atividade é quase sempre em frente ao computador o dia inteiro, é como se eu estivesse passando por um processo de "emburrecimento". Eu percebo que quando eu converso, eu consigo dar vazão aos meus pensamentos criativos, literários, e de todos os gêneros. Isso é possível, e quando eu vou ao teatro, as palavras vêm como se fossem mágicas, aparecendo na minha mente. Então se eu conversasse mais, eu escreveria mais, porque eu enriqueceria meu vocabulário, e até mais que isso, eu estimularia meu cérebro a criar textos mais diferenciados. Acho que até minha memória é trabalhada, no sentido de capacitação.

P: Você já ouviu falar do trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não, nunca ouvi falar., é a primeira vez. Mas eu percebo claramente que se eu pudesse falar mais, eu conseguiria ter uma agilidade maior de raciocínio.

6ª entrevista

D.M.F. - Tempo de atuação: 28 anos (formado há 28 anos)

P: Você conhece o fonoaudiólogo?

E: Não, não conheço o trabalho porque na verdade nunca tive acesso. Mas o que eu sei sobre ele é que seria um profissional que trabalha na área de áudio, na parte de oratória, problemas articuláveis, 'foneticamente' falando.

P: É o conhecimento que você tem sobre a atuação?

E: É, sobre a atuação. Porque em termos de campo profissional, eu nunca trabalhei em conjunto com esse profissional.

P: Entre as alternativas, com quais você diria que tem a ver ou não com a atuação do fonoaudiólogo?

E: Os problemas de distúrbio da audição, problemas de voz, gagueira, problemas de 'deglutinação' (sic), comunicação, leitura ... porque na verdade, para cada item desses, existe um problema que acarreta esses tipos de efeitos. Então eu acho que o fono tenta detectar esses problemas que levam a esses resultados que você está mostrando. A única coisa é sobre a dificuldade da escrita que eu acho que não... e a parte de leitura também.

P: Com leitura você acha que sim ou que não?

E: Leitura no momento de ler é uma coisa, agora no momento que você tem que se expressar, leitura é outra coisa, é assim que eu vejo. Quando você vai ter que se expressar, falar, impostar a voz, trabalhar com o diafragma, que já existe um lado mecânico, um lado biológico, e tudo que é biológico tem a ver com sua área.

P: Com que frequência você escreve textos diariamente? Qual é a média de textos por dia?

E: De texto eu tenho muito pouco, nem chega a 10%. Na verdade a nossa área é mais gráfica, então você trabalha mais com a parte de tabelas, desenhos, tabelas estatísticas, trabalhos de projetos gráficos, layout... então é mais a parte de simbologia do que a parte literária.

P: Tem alguma parte em que você também textos profissionalmente?

E: Tem, quando você vai desenvolver memoriais descritivos, fazer um fluxograma ou organograma de projetos tem que ter uma parte escrita também. Com pesquisas também que desenvolvemos, tanto na parte técnica como na área de publicidade. Publicidade, por incrível que pareça, tem muito mais a ver com a parte de pesquisa.

P: Existe uma média desses textos que você geralmente trabalha?

E: Não existe uma média, um fluxo de trabalho, então você pode pegar um trabalho que é uma coisa básica, como você pode pegar um projeto complexo, em cada caso você tem uma temática diferente. Umas mais intensas e outras menos intensas.

P: Que tipos de texto você escreve?

E: Os textos que fazemos são trabalhos de pesquisa mesmo, levantamentos de dados, pesquisa de produtos... Existem várias pesquisas específicas da área, que são: produtos, pessoas, levantamento de dados, então tudo isso flui dentro de um próprio trabalho. Basicamente só com pesquisas.

P: Você sente alguma dificuldade para escrever? Como você avalia sua escrita?

E: Não, eu não vejo dificuldade porque existem regras. Quando você fica muitos anos fazendo um trabalho literário, você cria certas regras, entendeu? Então você já sabe as coisas que são básicas dentro de uma escrita, as necessidades de legislação. São sempre as mesmas, são sempre específicas. Vamos supor: um professor de Filosofia, um psicólogo, um jornalista, são pessoas que tem que ter um leque maior, mais abrangente de informações, até de um trabalho mais crítico dele, um olhar mais pessoal e profissional.

P: E o seu?

E: Mas no meu tudo bem, até me adequar nas coisas que eu já tenho é normal.

P: Existe algum tipo de texto que para você é um pouco mais difícil de escrever?

E: Não porque coisas mais complexas, na verdade, você tem que fazer pesquisas sobre o assunto, então você pega mais informações do que atribui um parecer que é seu. O que você pode dar depois, é uma análise de uma proposta dentro da pesquisa, que também não vejo problema algum.

P: Você acha que seu texto poderia ser aprimorado em algum aspecto?

E: Eu acho que tudo que vem a aprimorar para você é melhor. Não dá para dizer que tudo o que você sempre faz é o melhor. Acho que quando você tem condições de dar uma clareza maior e procura saber que tem outras fontes mais objetivas e mais claras para que você possa passar isso para as pessoas, isso vem a somar com o meu trabalho. Precisamos sempre estar nos atualizando, é importante isso, esse intercâmbio com outros profissionais também.

P: Você saberia identificar um certo aspecto?

E: Acho que é na clareza de informações. Eu acho que você só tem uma sensibilidade tanto técnica no momento que você sabe se desprender e passar isso numa clareza simples, não tão subjetiva. O ser humano é muito subjetivo, ele vai muito por signos, por simbologia, por efeitos também de Lingüística, como abreviações. Até a nível patológico, você vai criando certos simbolismos que só as pessoas da própria área é que vão ter assimilação ao que está se referindo, e muitas vezes a pessoa interessada, que quer saber, não sabe. Eu penso que na parte de técnica mesmo, como nós, são os primeiros que tem que saber ser mais simples na mensagem, adequar o texto.

P: Você já procurou ou pensar em procurar algum profissional para te ajudar a aprimorar seu texto?

E: Para ser bem objetivo, eu acho que as pessoas não têm esse tipo de costume. Esse tempo em que você está investindo em encontrar alguma pessoa que possa rever se os problemas se ganha no seu tempo futuro, mas as pessoas não têm.

P: Você já pensou em procurar?

E: Eu já, diversas vezes. Muitas vezes você tem um problema, mas você não sai atrás para resolver e muitas vezes não tem como achar esses profissionais, tem isso também, e eu não sei. Por exemplo: eu sei que Fono, eu acho nesses livrinhos de assistência médica, nem todo mundo vai na assistência médica, aí não dá.

P: Pensando no seu texto e nesse processo de aprimoramento, você já procurou alguma ajuda para te ajudar a aprimorar seu texto?

E: Nunca.

P: Você já pensou em procurar, em quem você pensou?

E: alguma pessoa que já tenha uma prática nisso. Não sou eu quem vai escrever, mas eu chamo alguém para escrever para mim.

P: São pessoas da sua área?

E: Da minha área ou até mesmo jornalistas, ou pessoas que trabalham em redação. É muito mais fácil você pegar pessoas que já desenvolvem um trabalho assim, porque o problema é a agilidade, não é você ficar ali se aprimorando. Por que eu vou dar um de autodidata se tem pessoas específicas da área que já fazem isso?

P: Você conhece o trabalho do fonoaudiólogo com os usos profissionais da escrita?

E: Não, só terei esse conhecimento no momento em que eu tiver uma amiga que trabalha nessa área, que me falar à respeito do trabalho e tal, mas não de ir a uma clínica para ficar sabendo.

P: Você nunca ouviu falar nesse trabalho de aprimoramento do uso profissional da escrita?

E: Nunca ouvi falar, nem sei como existe esse trabalho, não imagino.